

Vida

A SERPENTE DO PARAÍSO

*A incrível história de como a rebelião
de Satanás serviu aos propósitos de Deus*

ERWIN W. LUTZER

Prefácio de R. C. Sproul

*"Este livro procura colocar o diabo
em seu devido lugar."*

É assim que o pastor Erwin Lutzer começa sua reveladora obra, onde registra que embora Lúcifer tenha se rebelado para não ser mais servo de Deus, ele continua subserviente ao Criador. Mesmo hoje, Satanás não pode fazer qualquer movimento sem o consentimento expresso do Todo-Poderoso.

O autor argumenta que é difícil compreender apropriadamente a Satanás, a menos que primeiro entendamos a Deus. Quando ficamos diante do Senhor em reverente temor, discernimos as artimanhas do diabo e afastamos todo e qualquer medo do nosso adversário.

A Serpente do Paraíso é um desafio aos conceitos populares sobre Satanás, os quais são utilizados pelo próprio inimigo para enganar, matar, roubar e destruir. Lutzer demonstra que a tentativa de Lúcifer pela liberdade estava fatalmente fracassada no momento em que ele se rebelou.

Eis aqui um livro que estimulará sua fé e o levará a adorar a Deus, aquele que jamais será derrotado.

Erwin W. Lutzer é mestre em teologia pelo Seminário Teológico de Dallas e pastor principal da Igreja Memorial Moody em Chicago, Estados Unidos. Atua também como um popular conferencista e ensinador da Bíblia.

ISBN 85-7367-120-3



Categoria: Estudo Bíblico

9 788573 671209

ISBN 85-7367-120-3

Categoria: Estudo Bíblico

Este livro foi publicado em inglês com o título
The Serpent of Paradise por
Moody Press

© 1996 por Erwin W. Lutzer

© 1998 por Editora Vida

1ª impressão, 1998

2ª impressão, 1999

Traduzido por Josué Ribeiro

Todos os direitos reservados na língua portuguesa por
Editora Vida, Rua Júlio de Castilho, 280
03059-000 São Paulo, SP — Telefax: (011) 6096-6833

As citações bíblicas foram extraídas da Edição Contemporânea
da Tradução de João Ferreira de Almeida, publicada pela
Editora Vida, salvo onde outra fonte for indicada.

Preparação de texto: Mardônio Nogueira

Revisão de Provas: Rosa Maria Pereira

Capa: Gregory & Andréa Lyra

Editoração eletrônica: EDITAE – Assessoria de Comunicação

Filado a


abec
SÓCIO

Impresso no Brasil, na Editora Betânia

Sumário

Prefácio	5
1. Colocando o diabo em seu devido lugar	9
2. A estrela que comeu o pó da terra	23
3. Existe uma serpente em nosso jardim	45
4. A nova religião da serpente	67
5. A serpente contra-ataca	85
6. A serpente é esmagada	105
7. A serpente, uma serva de Deus	129
8. O que a serpente deseja de você?	153
9. Fechando a porta quando a serpente bate	175
10. Neutralizando o veneno da serpente	197
11. A serpente é expulsa do céu	219
12. A serpente em eterna humilhação	235
Notas	255

Prefácio

Foi no outono de 1964. Eu estava sentado numa sala de aula na Universidade Livre de Amsterdã, e ouvia uma palestra do meu professor, G. C. Berkouwer. Era um dia quente, fora do comum na Holanda, e aquele local não tinha ar condicionado. Eu permitia que minha mente divagasse, enquanto olhava distraidamente pela janela e observava alguns patos que nadavam num canal próximo da rua. Meu devaneio foi repentinamente interrompido e meu pensamento trazido de volta à atenção quando o professor proferiu uma sentença simples e concisa.

Não sei quantas palavras já ouvi em aulas e sermões durante minha vida, mas tenho certeza de que o número chega aos milhões. Da mesma maneira, também tenho certeza de que já esqueci a grande maioria do que ouvi; mas ainda lembro-me das palavras do Dr. Berkouwer, naquela declaração única e resumida: “Não pode haver uma teologia saudável, sem uma demonologia correta”. O que ele desejava dizer era que se a revelação bíblica é

levada a sério, devemos considerar também com seriedade o que as Escrituras ensinam sobre o mundo satânico.

Todos nós já ouvimos a expressão: "Companheiro, você tem fogo?" Em holandês diz-se: "*Mijnheer, heef u en lucifer?*" (Você tem fósforo?). Este termo para "fósforo" é "lúcifer", a mesma palavra usada na Bíblia para Satanás. Não sei como tal vocábulo teve essa derivação etimológica. Certamente, há uma ligação lexicográfica com a afirmação do Novo Testamento de que Satanás se transforma em "anjo de luz". O diabo não aparece como a figura grotesca e hedionda descrita no folclore ou apresentada nas caricaturas das festas de fantasia. Pelo contrário, Satanás é metamórfico. Ele gosta de aparecer *sub species bonum*, "sob os auspícios do bem". Ele é, conforme apresentado em Gênesis, a mais sagaz e sutil das criaturas. Ele é a quinta-essência do artista trapaceiro que realiza seus esquemas por meio da camuflagem.

Os dois esquemas mais usados por Satanás para enganar são: 1) levar as pessoas a subestimá-lo, para que possa atraí-las a uma armadilha escondida; 2) levar as pessoas a superestimá-lo, para que fiquem intimidadas e paralisadas pelo seu poder ameaçador. Ele adora quando negamos sua existência e, portanto, o ignoramos; ou o elevamos ao mesmo nível de Deus e ficamos preocupados com ele. Talvez não sejamos possuídos *por* ele, mas às vezes ficamos obcecados *com* ele.

Quando Erwin Lutzer me pediu para escrever esse prefácio, ele foi muito gentil. Ele sabia que não compartilho suas opiniões em certas questões escatológicas desenvolvidas nesse livro e discordaria dele em alguns detalhes. Se eu tivesse, contudo, de concordar com outro autor em cada detalhe de seu livro antes de endossá-lo, provavelmente não conseguiria aprovar outro, salvo a Bíblia. Da mesma maneira, também ninguém endossaria qualquer um dos meus escritos.

Existem três razões principais pelas quais tenho prazer em endossar esse livro: 1) o que une Erwin Lutzer e R. C. Sproul em teologia é muito mais abrangente do que o que nos divide; 2) tenho desenvolvido uma profunda admiração por Erwin Lutzer como homem, cristão e defensor da fé. Todos nós conhecemos pessoas com quem, assim que as vemos, sem que uma palavra seja dita, sentimos uma simpatia instantânea. Quando vejo Erwin, meu espírito se eleva; 3) talvez o mais importante seja que descobri ser esse livro um verdadeiro tesouro de revelação bíblica. Um dos perigos em ser um teólogo é que muitos livros os quais leio contêm poucas informações novas, ainda que aprenda pela repetição, pois me considero lento para memorizar algo. Esse livro, entretanto, está cheio de perspectivas muito lúcidas, que nunca considerarei. Foi um absoluto prazer aprender tanto de uma só vez.

Quando estou em casa, em Orlando, costumo levantar sempre às 4h. O relógio do meu corpo tem seu próprio despertador. Essa manhã, abri meus olhos exatamente às 3h 58min. Pelas 4h 15min, iniciei a leitura desse manuscrito. Eu sabia que tinha quatro aulas programadas, a partir das 9h. Normalmente gasto as primeiras horas na preparação dessas aulas. Hoje renunciei a esse luxo, tão absorvido fiquei com esse livro. Em minha opinião, ele é positivamente brilhante. É a melhor abordagem sobre a pessoa e a obra de Satanás que já li. Não é simplesmente um exercício de teologia abstrata: é uma obra de revelação bíblica que, pessoalmente, preciso digerir. Mal posso esperar para lê-lo novamente. Ele não só estimula a mente, mas também edifica a alma.

R. C. Sproul
Orlando, 1996

1

Colocando o diabo em seu devido lugar

Este livro procura colocar o diabo em seu devido lugar. Quando Lúcifer (cujo nome significa “portador da luz”) jogou os dados, apostando que se daria melhor como inimigo do que amigo de Deus, estabeleceu uma catástrofe moral que repercutiria por todo o Universo. Você e eu fomos profundamente afetados por essa decisão diabólica, tomada há tantas eras.

O que muita gente não sabe é que Lúcifer foi derrotado quando pecou. Foi destruído *estrategicamente*, pois, como criatura de Deus, passou a depender dEle para continuar existindo. Qualquer poder que tivesse, sempre estaria sujeito à vontade do Todo-Poderoso e a de seus decretos. Assim, momento após momento, ele sofreria a humilhação de saber que nunca existiria ou teria poderes por meios próprios.

Não desejo afirmar que para cada movimento dele, Deus realizaria um contra-movimento. É claro que isso é

verdade, mas a situação de Satanás é bem pior. Como veremos nos capítulos deste livro, ele não pode, mesmo agora, tomar nenhuma iniciativa sem o expresso consentimento de Deus!

Podemos afirmar ousadamente que, qualquer que seja a travessura de Satanás, é algo permitido por Deus para que no final resulte em serviço e benefício dos santos. William Gurnall, depois de encorajar os crentes a ficarem firmes na certeza de que Deus vigia cada manobra de Satanás e que não permitirá que ele conquiste a vitória final, escreve "Quando Deus diz 'Quieto!' Satanás tem que ficar parado, como um cão ao lado da mesa, enquanto os santos se banqueteam no conforto de Deus. Ele não ousa roubar nem um pedacinho de comida, porque os olhos do Mestre estão sempre sobre ele".¹ E assim é: os olhos do nosso Mestre estão sobre ele. Depois do seu primeiro ato de desobediência, seu fracasso e destruição foram selados.

Embora não pudesse prever isso, Lúcifer seria derrotado *espiritualmente*, na cruz; ali Cristo garantiu que pelo menos parte da humanidade seria comprada e resgatada do reino das trevas, para o reino da luz. O fato de que criaturas que caíram na armadilha de Satanás pudessem eventualmente ser levantadas acima do mundo angelical, que ele um dia liderou, era mais do que podia suportar. Ele, contudo, tem de suportar isso.

Finalmente, quando for jogado no lago de fogo, ele será derrotado *eternamente*, pois estará distante da presença divina para sempre. Então, em vergonhosa agonia, contemplará eternamente sua insensatez, em ter-se levantado contra Deus. Sua humilhação será pública, dolorosa e perpétua. Nesse momento, enquanto você lê

essas palavras, ele é apenas um trágico participante no drama que ele próprio iniciou. E não há nada que possa fazer para mudar o seu fim.

Na época medieval, o diabo era freqüentemente pintado como uma figura cômica, com uma longa cauda, pés que terminavam em cascos fendidos, dois chifres e uma roupa vermelha. Parecia um palhaço; muitas vezes era descrito como um perdedor, nos conflitos das eras. Muitos desenhos o retratavam como um bufão, cuja simples presença já era uma afronta para a humanidade.

Não devemos pensar que o povo da Idade Média realmente acreditava ser o diabo um grande idiota. Eles sabiam, assim como nós, que ele era, na verdade, um espírito maligno, poderoso e assustador. O propósito das caricaturas era atingi-lo em seu ponto mais vulnerável — seu orgulho.

Eles queriam expressar que o diabo era um tolo por se opor a Deus. Apesar de ser uma criatura de imensa inteligência, era sem dúvida insensato para se rebelar contra seu Criador. O povo medieval fazia com que ele parecesse estúpido, porque, a despeito do seu poder e conhecimento surpreendentes, ele era realmente estúpido. Eles sabiam que o diabo era tanto real como também poderoso; sabiam também que estava desorientado e derrotado. Por isso Lutero insistia em dizer que, quando o diabo persistisse em nos aborrecer, devíamos zombar e escarnecer dele, “porque ele não suporta ser desprezado”.

O povo medieval pode ter errado em dar exagerada atenção ao diabo e por muitas vezes ter misturado verdades bíblicas com lendas e superstições. Temos, contudo, de reconhecer a vigorosa crença que tinham na existência do príncipe das trevas. Nossa geração, por outro lado, está em falta por ter-lhe dado insuficiente reco-

nhecimento, ou, pior ainda, concedido exatamente o tipo de reconhecimento que ele almeja.

Quando o diabo persiste em nos aborrecer, devemos zombar e escarnecer dele

Devemos ser gratos a um recente artigo na revista *Newsweek*, o qual observou que os que são “nascidos de novo” levam o diabo a sério.² Nós, que cremos na confiabilidade da Bíblia, não podemos ser acusados de desacreditar em sua existência concreta. Nós, acima de tudo, devemos levar o diabo a sério. Muito a sério.

Nossa sinceridade, entretanto, não garante ser correta a concepção que temos do diabo. Creio que a ênfase renovada que os evangélicos dão às obras de Satanás, nos últimos, digamos, 20 anos, tem sido, na maioria das vezes, muito útil. Certamente estamos muito mais bem equipados para lutar contra o inimigo, graças aos escritos daqueles que têm nos prevenido contra os esquemas satânicos e nos lembrado dos recursos que temos disponíveis. Quando era um jovem pastor, fui ajudado na questão da batalha espiritual por aqueles que conheciam o inimigo melhor do que eu.

Junto com tantas informações úteis, contudo, algumas distorções têm se insinuado no nosso pensamento, as quais podem ser usadas contra nós, nas mãos do diabo. Embora não digam isso de forma expressa, alguns escritores deixam implícito que Satanás pode agir independente de Deus; dizem que o Todo-Poderoso só se envolve no que o diabo faz quando nós lhe pedimos. Porque Satanás é o “príncipe deste mundo”, acham que isso quer dizer que é livre para tomar suas próprias decisões, infligindo dano e devastação onde e quando bem entende.

Com todo respeito, tenho que discordar.

É claro que todos os evangélicos concordam que o diabo será derrotado no final; mas alguns ensinam que por enquanto ele pode fazer tudo o que lhe agrada no mundo. O *satanás*, de muitos dos assim chamados ministérios de libertação, é alguém que age por conta própria, com poder de decisão e que detém e utiliza seu próprio poder, restrito apenas pelos amplos limites estabelecidos por Deus. De acordo com essa teologia, Satanás estabelece sua própria agenda e tem liberdade para nos afligir, quase sem nenhuma interferência do Todo-Poderoso.

Precisamos nos lembrar das palavras de Lutero, que declarou: "O diabo é o diabo de Deus". Temos esquecido que só quando sabemos quem é Deus, podemos saber quem o diabo é. Bem-aventurados são os que têm convicção de que o príncipe deste mundo tornou-se escravo do Príncipe da Paz.

A história nos dá exemplos de pessoas que escreveram sobre o diabo sem fazer um estudo cuidadoso das Escrituras. Esses escritores, voluntária ou involuntariamente, deformaram muito o nosso pensamento sobre Satanás. Vamos nos lembrar dos que foram mais influentes.

QUAL DIABO?

Dante

Dante (1265-1321) faz uma viagem às regiões mais baixas em sua clássica obra-prima, *O Inferno*, que registra a experiência horrível de ver demônios atormentando os desgraçados ocupantes do inferno. Esses demônios patrulham um rio de piche borbulhante, dando aos pecadores a punição que merecem. Com ganchos e garras afiadas, os demônios atacam qualquer pecador que tenta escapar ou desrespeita a autoridade deles. A punição

dessas pessoas é aplicada com exatidão: cada uma das nove regiões é designada para um pecado particular e cada pessoa recebe a retribuição de acordo com o que fez, com os hipócritas no círculo mais inferior. Os demônios têm prazer em atormentar os que cometeram as ofensas mais hediondas.

Esse retrato de Satanás, que dominou grandemente o pensamento medieval, não era baseado na Bíblia, mas sim em folclore popular. Embora tenha produzido uma crença vívida na existência de Satanás e seus demônios, interpretou erroneamente o papel do diabo no mundo. O mito de que o diabo é o atormentador no inferno é apenas mais uma maneira de dar-lhe o tipo de reconhecimento que almeja. Pior ainda, Dante negligenciou a doutrina neotestamentária da salvação e a substituiu pela idéia da salvação pelas obras. Apesar de Dante ser corretamente considerado um dos maiores escritores de todos os tempos, desejaríamos que tivesse estudado mais a Bíblia ou então que escrevesse sobre outros assuntos e não sobre teologia.

Milton

Milton (1608-1674), em seus poemas épicos *Paraíso Perdido* e *Paraíso Restaurado*, resgatou a visão bíblica de Satanás. A crença no diabo tinha começado a declinar na Inglaterra mundana da época de Shakespeare e o crédito de ter reavivado a certeza bíblica na existência de Satanás deve ser dado a Milton. Apesar de sua teologia às vezes também ser deficiente e sua imaginação ter sido a base da maior parte do que escreveu, esses poemas cobrem todos os aspectos da história da salvação. Milton argumenta que os anjos têm liberdade de escolha e assim o mal tornou-se uma possibilidade. De fato, ele diria

que bondade moral é algo impossível sem livre-arbítrio; Deus, contudo, torna o mal em bem, ensinando-nos sabedoria e fé por meio dos nossos sofrimentos e provações.

Milton apresentava Lúcifer ao mesmo tempo sedutor e repulsivo. Tanto herói, como vilão. Satanás é descrito como poderosamente atraente, pois Milton queria que o leitor fosse conquistado pela admiração, para sentir a força de atração da tentação ao redor desse terrível e auto-indulgente príncipe das trevas. Gradualmente, contudo, a verdadeira natureza de Lúcifer é revelada e o poder sedutor do mal se torna claro.

Milton ainda manteve algo do folclore de Dante. Satanás se rebelou, segundo Milton, porque “preferia reinar no inferno do que servir no céu”. Quando retorna ao inferno, vindo do Jardim do Éden e tendo conseguido corromper o homem, o diabo é saudado com um coro de assobios. Apesar dele proclamar ter abalado o trono de Deus, isso não passa de uma mentira. Apesar de os outros anjos caídos estarem “rastejando e prostrados” no lago de fogo, Satanás os convoca às armas, conferindo-lhes seus títulos angelicais.

Milton combinou teologia bíblica, tradições cristãs e imaginação fértil. Não podemos concordar que o livre-arbítrio tenha sido a principal causa da queda de Satanás; e certamente não podemos aceitar que o diabo já está no inferno, ou que reinará ali para sempre. Milton, porém, nos tem dado uma interessante descrição da luta entre o bem e o mal, a batalha entre Satanás, Adão e Cristo. Suas descrições vívidas tornaram-se inspiração para artistas, escritores e pregadores.

A crença na existência do diabo estava retornando.
Então chegou a época do Iluminismo.

Goethe

O desaparecimento da figura do diabo no pensamento ocidental pode estar relacionado àquela época em que a fé no mundo sobrenatural começou a declinar, diante do ensino humanista e das descobertas científicas. Logo o diabo tornou-se uma fantasia, pertencente a uma época de superstições que já estava superada. Desde que o Deus de Lutero e de Calvino foi substituído por um Deus mais sorridente e mais tolerante, a crença geral era de que no Universo não haveria lugar para um ser maligno independente.

Se você acha que Fausto fez um pacto com o diabo e depois descobriu, para seu horror, que tinha caído numa armadilha e perdido sua alma, está correto. Mas só se estiver pensando na versão medieval da história. Apesar de Fausto aparentemente ser uma figura histórica, com poderes mágicos, as lendas que surgiram a partir dele alimentaram muitas histórias fantasiosas sobre suas proezas, artimanhas e, é claro, seus pactos com o diabo. Uma das versões dizia que ele morreu durante uma misteriosa demonstração de que era capaz de voar, em 1525. O folclore, que era freqüentemente aceito pela maioria, dizia que foi o diabo quem o segurou.

Existe, porém, outro *Fausto*, uma versão mais popular escrita pelo iluminista alemão Goethe (1749 - 1832). Nessa versão, escrita mais de cem anos depois de Milton, Fausto encontra um diabo diferente, um ser que tem alguns elementos da visão cristã, mas que não é uma criatura a ser temida. De fato, segundo Goethe, é Fausto quem leva a melhor sobre o diabo!

Mefistófeles (o diabo), de Goethe, é uma figura muito complexa, sendo o próprio criador dos anjos. Embora apareça opondo-se a Deus, é uma séria distorção do dia-

bo do Cristianismo: ele é retratado como uma criatura que convida o leitor a encarar as múltiplas faces da realidade. Certamente não deve ser temido.

Quando Fausto faz um pacto com Mefistófeles, este promete ser um servo daquele nesse mundo, se o mesmo aceitasse ser seu servo no mundo vindouro. Mefistófeles atrai Fausto para a sensualidade, fazendo crescer sua luxúria por uma jovem, Gretchen, que se apaixona por ele. Confuso e desmoralizado, Fausto finalmente derruba suas últimas resistências e realiza suas fantasias, indo para a cama com Gretchen.

A luxúria de Fausto, contudo — e isso é importante —, transforma-se em verdadeiro amor. Assim, Mefistófeles na verdade não destruiu Fausto, mas lhe fez o bem que tanto desprezava. No final da trama, há uma disputa pela alma de Fausto; esse, porém, leva a melhor sobre Mefistófeles, porque aprendeu a amar.

Fausto, portanto, foi salvo — não do pecado —, mas da sensualidade e do intelectualismo árido. E foi salvo, não por Cristo, mas pelos seus próprios esforços em resistir. Fausto descobriu que servir a Mefistófeles tem tanto responsabilidades como recompensas. Fazer um pacto com ele não tem necessariamente conseqüências muito sérias.

O Mefistófeles de Goethe se encaixa bem no contexto da América contemporânea. O diabo se transforma, para ser o que desejamos que ele seja. Podemos estar associados com ele sem medo de perder a alma. É um diabo simbólico, de uma espécie mais fraca e até mesmo cômica.

Nossa geração crê num diabo inofensivo. Ele está ansioso para suprir nossa necessidade de explicar a existência do mal e se dispõe a ser uma descrição simbólica dos horrores que nos esforçamos para entender. É um

diabo que deseja o melhor para nós; um diabo que é nosso servo; um diabo que compartilha conosco seu poder, prediz nosso futuro e ajuda-nos a desenvolver ao máximo nosso potencial. É o diabo dos horóscopos, dos tarôs e dos jogos do tipo RPG e calabouços e dragões; é o diabo do Movimento Nova Era, que nos ajuda a entrar em contato com “mestres da sabedoria” e afirma nossa própria humanidade iluminada.

De acordo com uma pesquisa da revista *Newsweek*, pelo menos 25% dos americanos crêem ser o diabo apenas um símbolo da falta de amor do homem por seus semelhantes. Dos que dizem acreditar, apenas uma pequena porcentagem crê que já foi tentada por ele. “Entre os cristãos”, diz a revista, “somente os nascidos de novo revelam uma forte consciência da presença do diabo”.³

Tais perspectivas são compatíveis com aquelas correntes de protestantes e católicos que têm, nas palavras de Kenneth Woodward, “exorcizado o diabo do seu vocabulário”.⁴ Podemos nos referir ao diabo como se não fosse uma personalidade independente e maligna, tendo valor apenas simbólico, descritivo e especulativo.

O sociólogo Robert Muthnow sugere que o fato de alguém crer ou não na existência concreta do diabo, freqüentemente vai depender da classe social a que pertence. “Olhe para as igrejas”, ele diz. “Se a igreja é freqüentada por pessoas ricas, você nada ouvirá sobre o diabo nas pregações. Se forem pessoas pobres, é só o que você ouvirá”⁵

Por que este livro?

Este livro tenta dar uma visão geral da carreira do diabo e sua ligação com o Todo-Poderoso. Ele descreve desde sua queda de uma posição exaltada até sua derrota por Cristo e sua condenação à vergonha e desprezo eter-

nos. Tentamos provar que Satanás sempre perde, mesmo quando “vence”. E, o melhor de tudo, mostra que nós, os quais fomos transportados do reino das trevas para o reino da luz, podemos lutar contra ele e vencer.

Minha primeira premissa é que *Deus tem a soberania absoluta no Universo*. Isso quer dizer que mesmo o mal é parte do plano maior do Criador. Não quero dizer, é claro, que isso implica desejar Deus fazer o mal ou aprová-lo. Desejo dizer, contudo, que em virtude do seu papel de Criador e Sustentador do Universo, o Todo-Poderoso é a causa final (ainda que não imediata) de todas as coisas que acontecem.

Estou convencido de que, a menos que entendamos como o diabo se encaixa no esquema de Deus, será muito difícil ficarmos firmes diante da sua conspiração contra nós individualmente e da sua influência na nossa cultura. A maneira como entendemos nosso inimigo determinará grandemente como lutaremos contra ele.

Só possuiremos uma teologia adequada do diabo, se tivermos uma teologia apropriada de Deus. Só quando realmente tememos ao Todo-Poderoso, descobrimos ser desnecessário temer o diabo. Portanto, este é um livro sobre Satanás, mas é também um livro sobre o poder de Deus, os planos de Deus e os propósitos de Deus no mundo. Quanto maior for nosso Deus, menor será o diabo.

Satanás... foi derrotado no momento em que escolheu pecar

Temos de viver com a confiança inabalável não só no fato de que Deus vencerá no final, mas que Ele realmente já vence no presente, dia após dia. Não temos de espe-

rar até que Satanás seja jogado no lago de fogo para podermos festejar e dizer que nosso inimigo foi destruído. Quero usar todos os meus esforços para mostrar que ele foi derrotado quando escolheu pecar contra o Todo-Poderoso. Minha principal afirmação é que *não é porque Lúcifer se rebelou que deixou de ser servo de Deus – ele ainda é!*

Há muitos anos, o título de um livro muito conhecido de J. B. Phillips nos lembrava que *Seu Deus é Pequeno Demais*. Talvez em nossos dias, outro livro deveria ser escrito, com o título *Seu Diabo é Grande Demais*. O diabo é muito grande, se ficamos fascinados por ele; o diabo é muito grande, se achamos que temos de cumprir um compromisso com ele; o diabo é muito grande se somos vítimas de uma maldição, colocada sobre nós. O diabo é grande demais se vivemos com medo de que nosso futuro esteja em suas mãos.

Um escritor ofereceu esta ilustração muito útil: uma simples moedinha, colocada diante dos olhos, pode obscurecer a luz ofuscante do sol, uma estrela cujo diâmetro é de 1.392.082 quilômetros. Assim também, se permitirmos, Satanás pode bloquear nossa visão de Deus. Ele pode nos dar a terrível ilusão de ótica de que, pelo menos nessa vida, ele é tão grande quanto Deus.⁶ Lembre-se, Satanás adquire mais poder, à medida que nós lhe atribuímos maior poder!

Satanás é tão forte quanto nós cremos que ele seja. Os israelitas acreditaram que Jericó era uma cidade incontestável e por isso *ela era* realmente. Os moradores da cidade, entretanto, viram as coisas de modo diferente: estavam aterrorizados com a presença do povo de Israel e perguntando-se por que não tinham vindo reivindicar sua herança 40 anos antes. Realmente, Josué e

Calebe sabiam que “a proteção deles se foi” (Nm 14.9). Não foi o poder da cidade, mas a incredulidade do povo de Israel que retardou a vitória. Atribuindo à cidade mais poder do que tinha, os israelitas lhe deram o poder de governar. Da mesma maneira, se crermos que Satanás é invencível, ele se conformará à nossa expectativa. É por isso que nunca devemos olhar para o diabo, sem olhar também para Deus.

Minha segunda premissa é que *Deus usa nosso conflito com Satanás para desenvolver nosso caráter*. Essas lutas nos dão oportunidades de ter nossa fé testada. Nossa batalha espiritual é uma sala de aulas, onde podemos aprender sobre o engano do pecado e o juízo de Deus — juntamente com sua graça e poder. Deus poderia ter banido Satanás para outro planeta ou tê-lo jogado imediatamente no lago de fogo. Ele, contudo, escolheu usar o diabo, e dar-lhe um papel a desempenhar no drama divino. Deus sabe que temos de lutar, antes de podermos celebrar. Temos que aprender, antes de sermos aprovados. Deus permite o reinado temporário de Satanás, como os puritanos costumavam dizer, “para aumentar a eterna alegria dos santos”.

Deus não nos lançaria nesse conflito se também não nos desse os recursos de que precisamos para vencer o inimigo. Isso não quer dizer que sempre tiramos proveito dos benefícios que são nossos, como cristãos. Tenho experimentado minha cota de fracassos na luta contra o príncipe das trevas; entretanto, interpreto esses fracassos como minha responsabilidade — responsabilidade que divido com outros crentes, os quais também são parte do mesmo Corpo de Cristo.

Vários capítulos deste livro são dedicados ao que temos chamado de “batalha espiritual”. Tento mostrar

como podemos reconhecer as estratégias mais comuns de Satanás contra nós. Acima de tudo, afirmamos com confiança que estamos numa guerra a qual podemos vencer. **Estamos lutando contra um ser que tem todas as limitações de uma criatura.**

Somente a Bíblia pode nos ajudar a avaliar os conceitos sobre Satanás popularizados por Dante, Milton e Goethe. Nas Escrituras, deparamo-nos com um inimigo de Deus, mas que, a despeito disso, tem de se submeter aos propósitos divinos. Deparamo-nos com um ser que nunca reinará ou atormentará as pessoas no inferno; também não é o diabo fruto da nossa imaginação, ou um ser que podemos ludibriar, por pensarmos que somos mais espertos que ele.

O quadro bíblico de Satanás é que ele realmente tem grande poder, sempre limitado pelos propósitos e planos de Deus. É o quadro de um ser orgulhoso, mas que já foi humilhado. É o quadro de um ser cuja maior arma na batalha contra nós é nossa própria ignorância.

Terei falhado com você, leitor, se, ao terminar de ler este livro, não tiver uma fé mais forte na vitória de Deus. Oro para que me seja dada sabedoria para nos lembrar de que Satanás é grande para nós, mas não para Deus. Devemos ter temor e reverência diante de um Deus que pode usar um rebelde para glorificar o seu nome.

Nunca devemos olhar para Satanás, sem olhar também para Deus.

2

A estrela que comeu o pó da terra

“**E**stavas no Éden, Jardim de Deus” (Ez 28:13).
Com esta única declaração, entramos em um mundo que simplesmente vai além da nossa compreensão. Um mundo de beleza, paz e unidade. É um mundo tão diferente de tudo o que já experimentamos, que ultrapassa o limite da imaginação. Ver os jardins do palácio Schonbrunn em Viena já nos deixa extasiados, imagine então “o jardim de Deus”!

Mesmo ali, em um mundo que ultrapassa nossa compreensão, uma criatura gloriosa escolheu fazer uma jogada arriscada e tudo deu errado. Ele derrubou uma série de peças de dominó enfileiradas, inter-relacionadas de uma forma totalmente desconhecida para ele. Sua atitude, uma vez consumada, repercutiu por toda a eternidade; o Universo inteiro estremeceu, abalado com o grande choque. Ainda hoje, você e eu sentimos seus efeitos dolorosos.

Essa foi a maior de todas as jogadas arriscadas; foi o movimento inicial de um drama — com certeza não de uma comédia, mas de uma tragédia de proporções gigantescas. É claro que Deus usaria tudo isso para sua glória; na verdade, existem evidências de que tudo fazia parte de um plano anterior. Isso, contudo, não diminui o impacto brutal daquele dia trágico, quando uma das criaturas de Deus deu o primeiro passo em uma trajetória que o levaria cada vez mais longe de sua posição privilegiada, de influência e realização.

Para descobrir os detalhes, voltamo-nos para a Bíblia, o livro que nos conta sobre os eventos registrados no mundo invisível, que nunca poderíamos conhecer por nós mesmos. A cortina é aberta e somos apresentados aos personagens desse drama. Quando olhamos mais cuidadosamente, percebemos que nós também estamos no palco, participando do conflito das eras.

Quem era ele?

Quem era essa criatura que trocou a paz pela guerra? Quem era essa criatura desorientada, que pensou trocar a servidão por um possível reinado? Seu nome era Lúcifer, ou “aquele que brilha”. Ele era o “portador da luz”. Não tinha luz natural em si mesmo, mas devia refletir a luz e a glória de Deus.

Deus nunca criaria um ser tão grandioso e belo, idêntico a Ele próprio. Qualquer criatura teria que necessariamente estar abaixo da perfeição infinita do Todo-Poderoso. Portanto, Lúcifer era muito menor que Deus, mas, evidentemente, foi o “melhor” ser que o Criador formou.

A Bíblia nos convida a abrir a cortina e olhar as razões da rebelião de Lúcifer. Dois profetas do Antigo Testamento contam a história de um ser que era mais que um

simples rei humano; eles nos introduzem àquele mundo onde a grande jogada cósmica foi realizada.

Ambos, tanto Isaías como Ezequiel, contam a mesma história, mas de pontos de vista levemente diferentes. Os dois pronunciam palavras de advertência contra reis orgulhosos da época. Ambos lembram àqueles monarcas que Deus jamais permitirá que sigam adiante com sua arrogância e rebelião. Ele os derrubará do seu alto pedestal de cínico elitismo.

De repente, os profetas entram em uma descrição que jamais seria aplicada a qualquer ser humano; descrevem um ser mais poderoso, que está por trás dos mandatários desse mundo. Eles falam de uma criatura que uma vez possuiu uma formosura espantosa, mas que depois tornou-se totalmente maligna. Era como se olhassem para trás, pelo corredor da história e vissem a glória do Universo. Somos apresentados a uma criatura que vivia no jardim de Deus, mas que terminou no abismo do desprezo e da humilhação.

Vamos deixar que Ezequiel fale por si mesmo:

Veio a mim a palavra do Senhor: Filho do homem, levanta uma lamentação sobre o rei de Tiro, e dize-lhe: assim diz o Senhor Deus: Tu és o selo da perfeição, cheio de sabedoria, perfeito em formosura. Estavas no Éden, jardim de Deus; cobrias-te de toda pedra preciosa: o sárdio, o topázio, o diamante, o berilo, o ônix, o jaspé, a safira, o carbúnculo e a esmeralda. Os teus engastes e os ornamentos eram feitos de ouro; no dia em que foste criado foram eles preparados. Tu eras querubim da guarda ungido, e te estabeleci; estavas no monte santo de Deus, andavas entre as pedras afogueadas. Perfeito eras nos teus caminhos, desde o dia em que foste criado, até que se achou iniquidade em ti. Na multiplicação do teu comércio se

encheu o teu interior de violência, e pecaste; pelo que te lançarei profanado fora do monte de Deus, e te farei perecer, ó querubim da guarda, entre as pedras afogueadas. Elevou-se o teu coração por causa da tua formosura, corrompeste a tua sabedoria por causa do teu resplendor. Por terra lancei, diante dos reis te pus, para que te contemplem. Pela multidão das tuas iniquidades, pela injustiça do teu comércio profanaste os teus santuários. Eu, pois, fiz sair do meio de ti um fogo que te consumiu, e te tornei em cinza sobre a terra, aos olhos de todos os que te contemplam. Todos os que te conhecem entre os povos estão espantados de ti; chegaste a um fim horrível, e não mais existirás (Ez 28.11-19).

Se você perguntar por que, durante séculos, os estudiosos da Bíblia têm chegado à conclusão de que Ezequiel profetiza inicialmente sobre o rei de Tiro, mas no término faz menção a Lúcifer, descobrirá que essa descrição não pode se referir a qualquer ser humano. O rei de Tiro nunca foi “cheio de sabedoria e perfeito em formosura”, e jamais foi “querubim da guarda” e muito menos “perfeito em todos seus caminhos”.

O rei de Tiro (nunca foi) “querubim da guarda unguido”

Portanto, para que esse texto faça sentido, precisamos interpretá-lo de forma espiritual, ou supor que Ezequiel falava de um ser que estava por trás do rei de Tiro. Em virtude de a Bíblia ensinar que Satanás governa as nações, é razoável supor que o profeta referia-se àquela criatura angelical que um dia mereceu a descrição dada nessa passagem, mas que depois arrogantemente rebelou-se contra Deus, o seu Criador. Aquele

que era o ápice da criação, viveria para sempre na vergonha e no desprezo.

Consideremos essa descrição mais cuidadosamente: *"Estavas no Éden, jardim de Deus; cobrias-te de toda pedra preciosa: o sárdio, o topázio, o diamante, o berilo, o ônix, o jasper, a safira, o carbúnculo e a esmeralda"* (v. 13). Esse Éden não era o paraíso terrestre, pois essa é uma descrição da beleza mineral, e não menciona a vegetação. Esse é um jardim adornado com jóias e toda forma de riqueza, um paraíso adequado para alguém que, como criatura, era perfeito. Lúcifer era a obra-prima do Todo-Poderoso, um espetáculo, cuja presença trouxe glória para seu Criador. Ele representava o melhor da criação de Deus.

As tarefas que ele executava

O que Lúcifer fazia, naqueles dias gloriosos, quando o Universo experimentava a tranqüilidade da perfeição? Nós lemos: *"Tu eras querubim da guarda ungido, e te estabeleci; estavas no monte santo de Deus, andavas entre as pedras afogueadas"* (v. 14).

O que Ezequiel queria dizer com a expressão "querubim ungido"? Talvez fosse uma referência geral de seu serviço no reino de Deus. Barnhouse, em seu livro *A Guerra Invisível*, sugere que a expressão se refere a uma função sacerdotal, associada aos querubins, os quais lideram a adoração no Céu. As asas de dois querubins, você deve lembrar, estavam estendidas sobre a arca da aliança. Para confirmar essa interpretação, temos a expressão "teus santuários" (v. 18), aparentemente uma referência à adoração.

Se esta interpretação estiver correta, torna-se evidente que Lúcifer dirigia e organizava a adoração dos ou-

tros anjos. Ele recebia a adoração dos anjos abaixo dele e passava para Deus, acima dele. Nenhuma parte dessa adoração deveria se desviar pelo caminho. Apenas Deus era digno de receber o que era dedicado exclusivamente a Ele.

Não temos certeza do lugar onde Lúcifer tinha seu domicílio. Barnhouse crê que sua esfera de ação era aqui na Terra. Afinal, um dos desejos de Lúcifer foi “subir aos céus”. Embora tivesse acesso ao trono de Deus, a Terra era seu hábitat. Era onde ele estava incumbido de exercer suas obrigações sacerdotais.

Muitos outros estudiosos crêem que a residência primitiva de Lúcifer era próxima ao trono de Deus, no Céu. Ezequiel diz que “Por terra te lancei” (v. 17), talvez com o propósito de entendermos que foi precipitado para a Terra depois que pecou. Seja na Terra ou no Céu, parece claro que Lúcifer era um líder na adoração e no louvor, diante do Todo-Poderoso.

Por quanto tempo ele gozou desse privilégio? Não sabemos; talvez por milhões de anos, ou quem sabe por um tempo bem curto. Milton sugere que a criação de Adão e Eva foi a causa de Lúcifer se tornar dominado pelo ciúme e que pecou logo depois da criação de nossos pais. De qualquer forma, até pecar, ele existia para servir a Deus, incansavelmente, sem intrigas ou competição. Ele era o líder da adoração a Deus, diretor do coro e coordenador do louvor.

Se ele apenas soubesse como era afortunado!

O risco que ele assumiu

Ficamos chocados e perplexos por essa simples declaração: “Perfeito eras nos teus caminhos, desde o dia em que foste criado, até que se achou iniquidade em ti” (v. 15).

“Foi achada iniquidade em você!”

Com esse surpreendente comentário, temos uma descrição de como o pecado entrou no Universo. Este é um comentário inspirado sobre a origem do mal — foi encontrada iniquidade em um ser que momentos antes era perfeito!

Qual foi esse pecado, essa iniquidade? Acreditamos que foi a arrogância: “*Na multiplicação do teu comércio se encheu o teu interior de violência, e pecaste... Elevou-se o teu coração por causa da tua formosura*” (vv. 16,17). Sua beleza e posição levaram-no a um orgulho endurecido. No Novo Testamento, Paulo escreveu que nenhum neófito devia ser ordenado para o ministério, para que “*não se ensoberbeça e caia na condenação do diabo*” (1 Tm 3.6).

A cidade de Tiro orgulhava-se do seu comércio; da mesma maneira, Lúcifer tornou-se orgulhoso em seu trabalho como administrador dos negócios de Deus. Especificamente, ao invés de passar todos os louvores para Deus, começou a receber alguns para ele próprio. Como o comerciante que rouba um pouco dos lucros que passam sobre sua mesa, assim Lúcifer mantinha um pouco da adoração, e desfrutava do que ele achava que era sua parte. Talvez pensasse que fosse apropriado Deus receber a maior parte da adoração e louvor, mas não tudo. Por que o Todo-Poderoso não poderia dividir um pouco dessa glória com suas criaturas, principalmente com aquela que era a mais brilhante e a melhor?

Aqui encontramos um enigma teológico que tem posto à prova as mentes mais brilhantes, durante séculos: Como uma escolha injusta pode nascer no coração de um ser justo? Mais especificamente: por que uma criatura sem defeito se tornaria insatisfeita em um

mundo perfeito? Trata-se de um ser que evidentemente alegrava-se em servir a Deus; se estava satisfeito, por que então se rebelou?

Muitos teólogos atribuem esta decisão ao livre-arbítrio. Dizem que ele tinha uma opção diante de si e como uma criatura livre (mesmo perfeita), sempre teve o potencial para se desviar. Talvez essa seja uma parte da história e temos de concordar que Lúcifer não foi coagido por Deus ou por outro anjo a realizar o que fez. Assim mesmo, ainda ficamos com o enigma: Por que tal criatura *desejou* desafiar Deus? Mesmo que ele tivesse livre-arbítrio, não entendemos por que ele escolheu aquela opção.

Talvez, a melhor resposta seja que não há resposta. Ou, se colocarmos isso de forma mais acurada, não existe uma resposta que nós, como seres humanos, possamos discernir. Deus tem uma resposta — talvez algum dia Ele nos dê a chave para a solução do enigma. Até lá, nós simplesmente não sabemos por que Lúcifer repentinamente permitiu que a iniquidade brotasse em seu ser.

No entanto, sabemos que Lúcifer se enganou, quando pensou que a rebelião seria necessária, se quisesse colocar seus próprios interesses em primeiro lugar. Ele falhou em perceber que, mesmo motivado por interesses egoístas, a obediência ao seu Criador seria a melhor opção. Para colocar isso de outra forma: o melhor de Deus para ele e o melhor que ele queria para si mesmo, na verdade, eram a mesma coisa.

O mau julgamento de Lúcifer é um alerta para nós. Nunca devemos pensar que nossa obediência é o melhor para Deus, mas que não é o melhor para nós. Quando nos manda obedecer-lhe, Ele não tem somente os seus melhores interesses em mente, mas os nossos também. É

por isso que nunca somos mais sábios do que quando escolhemos seguir a vontade de Deus, a qualquer preço.

Contra todas as probabilidades racionais, Lúcifer permitiu que sua vontade competisse com o desejo de Deus. Consumido pelo ciúme e pelo desejo ardente de ser reconhecido merecedor do louvor, decidiu fazer o que queria, ao invés de realizar o que Deus designava que fosse feito. Qualquer que tenha sido a satisfação momentânea que experimentou dessa decisão, ela seria sobrepujada pelo desprezo eterno que teria de suportar. Ele, contudo, não pensava no que aconteceria lá na frente.

No momento em que ele jogou os dados, estava condenado ao desapontamento. Colocava o seu futuro em uma "máquina caça-níqueis" que não paga os lucros. Ele calculou mal o poder e as intenções de Deus.

Qual era sua motivação?

Já aprendemos que Lúcifer escolheu seu próprio caminho, movido pela sede de que era merecedor de louvor. Mesmo hoje, enquanto escrevo estas palavras, ele ainda deseja o que agora já sabe que jamais terá. Como o naufrago, que engole água salgada e então descobre com horror que ela só aumenta sua sede abrasadora, assim Satanás bebe somente para aumentar sua frustração e apressar seu destino.

Isaías conta uma história similar. Inicialmente, alerta o rei da Babilônia, depois, como Ezequiel, descreve o ser que está por trás daquele monarca. Ele relaciona cinco objetivos que Lúcifer estabeleceu para si. Se for verdade, como ensina a Nova Era, que o que a mente acredita, ela pode alcançar, Lúcifer deve ser parabenizado por sua ambição.

Eu subirei ao céu; acima das estrelas de Deus exaltarei o meu trono; no monte da congregação me assentarei nas extremidades do norte. Subirei acima das mais altas nuvens; serei semelhante ao Altíssimo (Is 14.13,14)

Nada de aspirações modestas aqui. Esses clamores demonstram um desejo progressivo e representam o anelo de uma cínica arrogância.

“Eu subirei ao céu”. Costumamos dizer que os pássaros “voam no céu”; mas, acima da atmosfera, temos o céu estelar, circundado por incontáveis estrelas; e existe também um terceiro céu, que é a própria habitação de Deus.

Lúcifer já tinha o privilégio de visitar o mais alto céu, para oferecer louvores a Deus. Agora, quando diz que deseja “subir ao céu”, ele declara que gostaria de tomar o lugar de Deus. Desejava sentar-se no trono do Todo-Poderoso, se isso fosse possível. Não satisfeito com a Terra, almeja um lugar permanente no Céu.

Ele quer subir, não para servir, mas para governar. Não quer adorar, mas confrontar. Não quer obedecer, mas rebelar-se. Não percebe que este desejo pelo mais alto de todos os lugares finalmente irá levá-lo ao mais baixo de todos os lugares. Ele, que experimentava a glória do Céu, será rebaixado aos piores horrores do inferno.

“Eu exaltarei o meu trono acima das estrelas”. Em vários lugares, lemos que as estrelas eram freqüentemente usadas como símbolo dos anjos (Jó 38.7). Lúcifer já teve autoridade sobre eles, mas era uma autoridade delegada. Ele almejava ter um poder independente. Queria ser temido e adorado. Cansado de obedecer, agora queria dar ordens, de acordo com seu próprio capricho e não segundo os planos de Deus.

“*exaltarei o meu trono; no monte da congregação me assentarei, nas extremidades do norte*”. Uma montanha freqüentemente simboliza um reino ou uma nação (Is 2.2). Lúcifer almejava ter a autoridade de Deus, para governar sobre um reino. Estava obcecado em ter seu próprio domínio. Para ser mais preciso, ele queria roubar o território que pertencia somente a Deus.

“*Subirei acima das mais altas nuvens*”. A glória de Deus é manifesta numa nuvem (Êx 16.10). Essa glória, chamada pelos teólogos de *shekinah*, representava a própria essência da presença de Deus. Lúcifer deseja estar acima das nuvens, mesmo acima da glória de Deus, se pudesse.

“*Serei semelhante ao Altíssimo*”. Finalmente, ele revela o seu maior desejo. Queria ser semelhante a Deus. Ele viu a glória e a honra que o Todo-Poderoso recebia e queria tudo aquilo para si. Ser adorado tornou-se sua paixão consumidora. Por favor, note que seu desejo era ser *semelhante* a Deus e não *diferente* de Deus. Ironicamente, seu desejo arrogante o tornaria tão *diferente* de Deus quanto isso fosse possível!

Até Lúcifer cometer seu grande erro, havia harmonia no Universo. Cada ser criado por Deus era obediente à sua vontade. Deus era o governante, e sua criação respondia às suas iniciativas; mas daquele momento em diante, haveria oposição às instruções de Deus. Lúcifer recrutaria outros anjos em seus ataques a Deus. Posteriormente, a humanidade se uniria àquelas hostes angelicais na rebelião. Ao invés de um plano unificado no Universo, agora havia milhões de planos, cada um deles dirigido pela ambição pessoal. O governo de Deus receberia oposição em todos os setores.

Que erro colossal de julgamento Lúcifer cometeu! Ele rolou os dados cósmicos e não percebeu que a palavra *sucesso* nunca fora escrita neles. No momento em que a idéia de se opor a Deus entrou em sua mente, já estava fadado ao fracasso.

Ali estava um ser que conhecia o Todo-Poderoso e ainda não acreditava que os caminhos de Deus eram o melhor. Ali encontrava-se alguém que não estava contente em ser servo, mas, pelo contrário, queria ser servido. Pobre coitado, pois jamais deixará de ser um simples servo!

POR QUE A JOGADA FRACASSOU?

Eu creio que Lúcifer sinceramente calculou mal tanto as conseqüências de sua decisão, como a reação de Deus. Repentinamente, se viu no meio de uma situação que jamais imaginara. Pensou que estaria no controle do seu próprio futuro, mas logo ficou claro que seus “amanhãs” seriam determinados justamente por Aquele que ele arrogantemente havia rejeitado. Seu suposto salto para a liberdade foi um mergulho para a escravidão.

Neste momento, Lúcifer aprendeu o que todas as criaturas precisam saber: podemos ser capazes de controlar nossas decisões, mas não podemos estabelecer os resultados delas. *O pecado aciona a lei das conseqüências não planejadas.*

Por que ele estava fadado ao fracasso?

Ele era limitado para alcançar o que desejava

O que Lúcifer esperava alcançar quando se rebelou contra Deus? Ele queria ser semelhante ao Altíssimo. Mas isso seria possível, mesmo remotamente?

Quando os teólogos falam sobre Deus, usam três palavras que começam com o prefixo “oni”, que significa sim-

plesmente “todo”. Deus é *Onipresente*, pois está presente em todos os lugares; Ele é *Onipotente*, pois é o *Todo-Poderoso*; Ele é *Onisciente*, pois tem todo o conhecimento. Esses atributos são a própria essência da natureza de Deus.

Quantos desses atributos Lúcifer receberia, se conseguisse ser “semelhante a Deus”? A resposta é clara: nenhum.

Ele jamais seria onisciente, ou seja, nunca poderia saber tudo. Ele sabia que um homem planejava assassinar o presidente dos Estados Unidos, quando este chegasse a Dallas, Texas, no dia 22 de novembro de 1963. Ele não sabia, contudo, se isso realmente aconteceria. O assassino podia mudar de idéia, a arma podia falhar, ou talvez o motorista do carro, no último instante, resolvesse fazer um itinerário diferente. Deus sabe exatamente o que acontecerá, mas Satanás é capaz apenas de fazer uma previsão acurada. Embora conheça os planos, ele não sabe qual será o resultado final. Ele pode influenciar nas decisões humanas, mas nunca dirigi-las. Suas previsões mais insignificantes sempre envolvem o grande risco de jamais se concretizarem.

Isso explica por que, no Antigo Testamento, o reconhecimento de um falso profeta era feito às vezes pelo erro de suas previsões. Apesar de acertar algumas vezes, somente Deus pode prever o futuro de forma infalível. Portanto, um verdadeiro profeta de Deus sempre acerta 100% das vezes.

E quanto à onipresença? Lúcifer seria capaz de encher todo o Universo com sua presença? Poderia estar em todos os lugares simultaneamente? Não, ele jamais conseguiria. Pode viajar rápido, mas quando se encontra na Índia, não consegue estar em Washington. Quando trava uma batalha em Chicago, não pode estar numa reunião de oração na Coréia. Portanto, nunca será onipre-

sente. É verdade que multidões de demônios estão espalhadas pelo mundo, realizando as obras do diabo, mas cada um desses anjos caídos também não pode estar em dois lugares ao mesmo tempo.

E quanto à onipotência? Lúcifer nunca seria todo-poderoso. Provavelmente ele não tem poder nem para criar uma única molécula, muito menos para criar estrelas, o sol e a lua. Nem pode sustentar o Universo pela “palavra do seu poder”. Quando procura imitar a habilidade criadora de Deus, ele sempre apela para as fraudes e falsificações. Não, ele jamais será onipotente.

Em que sentido então ele poderia ser “semelhante ao Altíssimo”? Apenas nisso: ele achou que se tornaria independente. Ele sabia que suas realizações sempre seriam apenas uma sombra daquilo que Deus pode fazer. A alegria, contudo, de sabe que agiria sem a aprovação de Deus, fazia o risco valer a pena. Então poderia dar ordens e não mais recebê-las. Pelo menos esse era o plano.

A ironia é que na independência alardeada por Satanás, na realidade, tornar-se-ia outra forma de dependência à vontade e aos propósitos de Deus. Realmente, ele não dependeria da orientação do Todo-Poderoso nas decisões que tomasse, mas cada um dos seus atos de rebelião estaria debaixo do controle cuidadoso e da direção de Deus. Ele, com certeza, podia desafiar o Criador, mas todas as suas atividades sempre seriam restritas àquilo que Deus permitisse. Sua independência só a muito custo poderia ser digna desse nome. Como mencionamos no capítulo anterior, ele se rebelou para não ser mais um servo de Deus e, apesar disso, jamais conseguiu, ou conseguirá, a sua independência.

Mais adiante, neste livro, discutiremos as limitações de Satanás mais detalhadamente. Aqui, é bom lembrar

que ele não pôde afligir Jô sem a aprovação divina. Ele só conseguiu atormentar Saul, porque foi enviado por Deus a esse monarca. E ele não pôde dar ao apóstolo Paulo um "espinho na carne" sem que Deus determinasse tanto a limitação do tempo como a severidade. Isso não soa muito como independência! De fato, como veremos mais adiante, isso é escravidão.

Se Milton pensou estar certo ao dizer que Lúcifer preferiu ser rei no inferno do que servo no céu, ele (Lúcifer) estava lamentavelmente enganado. Lúcifer descobriu, para seu desgosto, que no final continuaria eternamente um servo de Deus. E, como veremos, não existem reis no inferno!

Aquele que odiava a idéia de servir, tornar-se-ia um outro tipo de servo. Ao invés do serviço voluntário, abraçaria uma servidão relutante, um serviço com uma motivação diferente em direção a um final diferente; mas, de qualquer maneira, sempre um servo. Finalmente, ainda existiria para a glória de Deus, exatamente como fazia quando ambos estavam em harmonia.

Satanás estava condenado a uma existência vazia, interminável, sem descanso, e miserável. Ele sempre seria impelido a desprezar a Deus e tentar agir contra Ele. Ainda assim, no final, seria compelido a promover os propósitos divinos. Ao invés da alegria na presença de Deus, teria eterna humilhação; no lugar do amor de Deus, receberia a ira e o juízo eternos.

O orgulho fez com que Lúcifer perdesse todos os seus privilégios. Ele assumiu um grande risco, ao achar que, se não pudesse destronar a Deus, pelo menos conseguiria estabelecer seu próprio trono, em algum lugar do Universo.

Ele subestimou a Deus e superestimou a si mesmo.

Ele era limitado naquilo que podia prever

Lúcifer sabia que surgiriam algumas conseqüências devido à sua decisão, mas não tinha idéia de como seriam. Lembre-se, até esse momento não havia nenhum tipo de rebelião no Universo. Ele não podia aprender com os erros dos outros; e uma vez que cruzou a linha, era muito tarde para recuar do seu grande propósito. Mais importante, ele não podia prever o advento de Cristo para redimir o homem, nem podia contemplar sua própria condenação eterna no lago de fogo.

Ele não sabia que apenas um terço dos anjos escolheria se unir à sua causa rebelde (Apocalipse 12.4 diz que a cauda do dragão “levou após si a terça parte das estrelas do céu”). Se ele pensou que todos os que estavam sob sua autoridade ficariam ao seu lado em sua oferta de independência, teve de engolir essa decepção.

Pense nisso. Para cada anjo que o respeitava, dois continuaram fiéis a Deus! Talvez Satanás tenha ficado surpreso por ver como o Céu funcionava bem sem sua supervisão e autoridade. Não importa quão confiantemente ele exercia seu poder adquirido, pois seu sucesso era apenas parcial.

Durante um determinado tempo, ele só pôde remoer o seu erro. Só lhe restava aguardar que Deus desse o próximo passo.

Ele era limitado no controle dos danos

Apesar de não termos dito explicitamente, existe pouca dúvida em minha mente de que Lúcifer lamentou profundamente sua decisão, no momento em que a mesma foi tomada. Ele havia atravessado um portal desconhecido, na esperança de que o abriria para um brilhante futuro, contudo, não sabia que havia um abismo do outro

lado. Então, tendo experimentado o pecado em primeira mão, ele sabia que perdera a maior aposta de sua carreira. Ele fez a “roda da fortuna” girar e não percebeu que Deus tinha o controle de cada uma das suas rotações. Em qualquer lugar que ela parasse, ele sempre seria o perdedor — um perdedor por toda a eternidade.

Rapidamente, ele aprendeu que não é gratificante estabelecer um reino rival, só para descobrir que vai fatalmente falhar. Por mais agradável que seja a independência, não ajuda muito se você é independentemente *derrotado*, independentemente *atormentado* e independentemente *envergonhado*.

Se ele soubesse disso! Ele pegou o trem errado, mas, depois de corrompido, seguiria adiante até o final. O arrependimento era impossível — por várias razões:

Primeiro, Satanás era e continua incapaz de se arrepender; o arrependimento é um dom de Deus, dado às pessoas em cujos corações o Todo-Poderoso já opera. Para Satanás, arrepender-se significaria que existe algo de bom nele; mas nenhuma virtude pode ser encontrada no mesmo. Então, ele se tornou totalmente mau, irremediavelmente perverso. E Deus resolveu abandoná-lo, para o seu fim bem merecido.

Como já aprendemos, um Lúcifer perfeito deixou o mal brotar dentro de si, mas desde que a corrupção estava completa, o bem nunca mais existiria dentro dele. Quando era uma criatura perfeita, era capaz de cometer o mal, mas, uma vez que foi contaminado, ele jamais seria capaz de fazer o bem. A corrupção seria completa, irreversível e total. O pecado então se tornaria uma necessidade moral.

Segundo e mais importante: mesmo que Lúcifer se arrependesse, ele não seria redimido, pois nenhum sacrifi-

cio foi feito pelos seus pecados. Cristo carregou apenas os pecados dos homens e não os dos anjos. *“Pois na verdade ele não socorre a anjos, mas sim à descendência de Abraão. Pelo que convinha que em tudo fosse semelhante aos irmãos, para ser misericordioso e fiel sumo sacerdote naquilo que é de Deus, a fim de fazer propiciação pelos pecados do povo”* (Hb 2.16,17).

Sem uma propiciação disponível, o comportamento rebelde de Lúcifer tornou-se então irrevogável e permanente. Daquele momento em diante, sua passagem pelo Universo seria em uma linha reta, direto para uma eternidade de vergonha e humilhação. Para ele, não haveria uma segunda chance.

Lúcifer aprendeu uma importante lição: uma criatura pode estabelecer uma confusão, mas jamais pode endireitar as coisas! A lei das conseqüências não planejadas seria sempre aplicada por toda a eternidade. Somente Deus pode, se assim desejar, conter ou reverter as conseqüências da desobediência.

Ele era limitado no conhecimento de Deus

O atributo primário de Deus é sua santidade. Lúcifer, que desejou ser semelhante a Deus, na verdade permaneceria tão longe desse atributo, quanto seria possível estar.

Não sabemos o quanto Deus se revelava às criaturas angelicais, mas Lúcifer, acredito, devia conhecer suficientemente a Deus para saber que Ele jamais dividiria sua glória com alguém. Quanto mais alto Lúcifer aspirasse subir, maior seria seu fracasso.

Será que ele julgou mal a Deus, ao achar que o amor do Todo-Poderoso suplantaria qualquer possibilidade de julgamento severo? Não sabemos, é claro, mas tenha em mente que Lúcifer conhecia apenas o perfeito amor de

Deus. O conceito de justiça simplesmente não existia. Desde que não existia desobediência no Universo, não havia necessidade da demonstração da ira divina. Lúcifer não previu até onde Deus poderia ir para preservar sua honra.

Lúcifer achava que conhecia a Deus, mas ainda tinha muito o que aprender. Se ele simplesmente tivesse confiado no que não conseguia entender e crido no que não podia saber por si mesmo, seu futuro teria sido diferente.

Agora que ele sabia mais sobre Deus, era tarde demais.

Ele era limitado para entender a diferença entre o tempo e a eternidade

Lúcifer deveria saber que nenhuma exaltação momentânea pode compensar uma eternidade de humilhação; ser adorado por um momento não pode compensar uma eternidade de desprezo; nenhum momento de excitação pode compensar uma eternidade de tormento. Uma hora no inferno fará com que a excitação de se opor a Deus se desvança no eterno esquecimento.

Eis aqui uma lição para nós. Nenhuma decisão pode ser considerada boa, se a eternidade prova que ela é ruim. Explicando melhor, nenhuma decisão nessa vida pode ser boa a não ser que se torne excelente na eternidade. Somente um ser que conhece o futuro e o passado pode prescrever o que é melhor para nós. Nós julgamos baseados no tempo, mas somente Deus pode revelar os julgamentos baseados na eternidade.

Daquele momento em diante, Lúcifer venceria apenas pequenas batalhas, mas seria forçado a perder a guerra. Se ele apenas tivesse levado Deus mais a sério, não teria subestimado a capacidade infalível do Todo-Poderoso de puni-lo. Se a grandiosidade do pecado é determinada de

acordo com a grandiosidade do ser contra quem é cometido, Lúcifer então cometeu um erro gigantesco.

A RESPOSTA DE DEUS

Onde estava Deus, enquanto tudo isso acontecia? Como sempre, encontrava-se fazendo “...todas as coisas segundo o conselho da sua vontade” (Ef 1.11). A queda não foi surpresa para Ele. Realmente, o Todo-Poderoso tinha criado Lúcifer sabendo plenamente que ele iria se rebelar; assim, a queda de Satanás fazia parte de um grande plano.

Se perguntamos por que alguns anjos seguiram Lúcifer e outros mantiveram o relacionamento com Deus, descobrimos que a resposta está no mistério dos propósitos eternos do Criador. No Novo Testamento, os seres angelicais que não caíram são chamados de “anjos eleitos” (1 Tm 5.21, ARA). Evidentemente, foram preservados do pecado por decreto de Deus. Os que caíram voluntariamente, sem dúvida, estavam cumprindo um plano divino. A queda foi apenas a primeira cena de um longo drama.

Deus havia antecipado tudo isso. Muito tempo antes dele escolher criar um único anjo, Lúcifer e sua futura condenação já eram conhecidos e, pode-se dizer, ordenados. Deus jamais aprende algo novo. Ele não precisa esperar que um evento aconteça para conhecer seus detalhes. Ele conhece todas as coisas, em detalhes, com antecedência.

Deus então teve várias opções.

Ele podia ter exterminado Lúcifer, destruindo-o com poder esmagador. Ou devia tê-lo banido para outro planeta. Ali, num campo de concentração em um canto escuro da galáxia, Satanás e seus demônios poderiam re-

moer a insensatez da decisão que tinham tomado. Ou, então, Deus podia tê-lo atirado no lago de fogo imediatamente. Isso também seria lícito e justo.

Deus, contudo, decidiu usar Lúcifer (o qual chamaremos de Satanás) para revelar verdades que estariam permanentemente escondidas se o mal não tivesse entrado no Universo. A cortina seria aberta e começaria o drama realizado sobre a Terra, no qual Lúcifer e Deus, a justiça, o bem e o mal estariam em constantes conflitos.

Eis as regras:

1. *Satanás receberia o governo do mundo e teria permissão para espalhar suas mentiras.* Sem dúvida, ele continuou com as admiráveis características de poder e de conhecimento que tinha antes da queda, exceto as virtudes que foram pervertidas. Séculos mais tarde Cristo referir-se-ia a ele como o "príncipe deste mundo" (Jo 12.31; veja também 14.30; 16.11). E quando Satanás ofereceu ao Filho de Deus os reinos desse mundo, Jesus não o desmentiu!

Satanás jamais cantará novamente - apenas gemerá

2. *Deus daria tempo, para ver se Satanás governaria o seu próprio reino com sucesso.* Traria porventura ordem ao caos que ele próprio criou? Governaria bem o mundo, se esse fosse dado a ele?

3. *Deus não comprometeria sua própria santidade e justiça, mas enfrentaria Satanás em igualdade de condições, para conquistar uma vitória moral e espiritual sobre seu adversário.* O Todo-Poderoso não venceria apenas pelo poder, mas pela justiça. A batalha não seria apenas para determinar quem era o mais forte, mas quem esta-

va certo e era mais justo. Ambos os lados iriam recrutar outros aliados, para estarem com eles no conflito.

Aquele que desejava ter seu próprio reino seria forçado a provar que só podia dividir e jamais unir; ele não podia construir, mas destruir. Ele podia gritar "haja luz", mas permaneceria envolto em trevas e ouviria apenas o eco vazio de sua própria voz. Ele não podia resistir à verdade, mas deveria abraçar a mentira. Dali para a frente, como diz Francis Thompson, Satanás jamais cantaria, mas apenas gemeria.

Embora seja inteligente, Lúcifer não é sábio. E nós nascemos com uma gota de sua rebelião em nosso coração. Ficamos entre ele e Deus, no meio do fogo cruzado. Nosso destino será determinado de acordo com a escolha que fizermos entre o vencedor e o perdedor. Quanto a nós, queremos passar a eternidade com o Deus que amamos e servimos. O drama apenas começou.

3

Existe uma serpente em nosso jardim

Mudar de direção nunca é fácil. Em 1995, muitos investidores perderam dinheiro em uma organização chamada Nova Era. Os clientes emprestavam seus dólares a essa entidade e recebiam-nos de volta com juros bem altos — em alguns casos, até o dobro do valor investido. Supostamente, doadores secretos faziam esses empréstimos com objetivos puramente filantrópicos. Nos bastidores, contudo, os lucros generosos eram garantidos por meio da aquisição de novos investidores. O homem responsável pelo esquema garante ter começado com boas intenções, mas que sua estratégia simplesmente “escapou do controle”. Pelo menos, por alguns anos, ninguém suspeitou que havia problemas, porque havia dinheiro suficiente para fazer os pagamentos e manter a operação em pleno funcionamento.

Logo, porém, o fundador e diretor da Nova Era teve de encarar uma decisão. Devia admitir a falência e enfrentar as dolorosas conseqüências? Ou devia solicitar mais

empréstimos, para manter as coisas funcionando, a fim de adiar a sua prestação de conta? Lamentavelmente, ele escolheu a segunda alternativa. Quando finalmente o alarme foi dado, seus credores já eram centenas e não mais dezenas e o prejuízo já estava na casa dos milhões e não mais dos milhares. Quanto mais ele prolongou o esquema, mais dinheiro foi perdido e mais pessoas foram prejudicadas.

Da mesma maneira, Satanás ignorou todos os sinais de alerta. Mesmo depois da queda, se pensasse com clareza, talvez tivesse a certeza de que maior desobediência só poderia resultar em tormento também maior. Embora sua condenação ao inferno tenha sido decretada no momento em que pecou, se tivesse se retirado da batalha, seu tormento provavelmente seria mais tolerável. Em sua insensatez, contudo, a excitação de vencer uma guerra momentaneamente apenas adiou a dor maior no lago de fogo no futuro. Assim, temos o mal exposto claramente: o desejo de opor-se a Deus, mesmo sabendo plenamente que no final o Todo-Poderoso triunfará.

Longe de se render, Satanás escolheu prosseguir com o conflito. Admitir a derrota era humilhante demais; era melhor seguir adiante, sustentando a rebelião, do que retirar-se da briga e aceitar a punição. Ele fingiria que ilusão era realidade, chamaria derrotas de vitórias. Quanto mais expandisse seu governo rebelde, mais retaliação acumularia.

Outros anjos foram recrutados. A idéia de criar um reino rival, segundo o padrão do mundo angelical no qual tinha servido, era um projeto tentador. Seu desejo secreto, é claro, era o de ter o controle sobre os que estavam abaixo dele nas regiões celestiais. Aquele que con-

siderava a obediência a Deus como escravidão, agora buscava outros para torná-los seus escravos.

Como já vimos, outros anjos o seguiram. Eles estavam sob sua autoridade antes da queda e escolheram seguir sua liderança e unir-se à rebelião crescente. Seja motivados pela lealdade, ou pela ganância de conquistarem seu próprio poder e independência, alguns decidiram participar da grande jogada. Como resultado da rebelião, achavam que alcançariam a satisfação pessoal de escolher seus próprios caminhos e tornar-se-iam parte de um reino autônomo.

Quantos anjos seguiram Satanás? Se foi um terço das hostes angelicais, o número de rebeldes provavelmente ultrapassou centenas de milhões. Não sabemos quantos foram criados, mas compreendemos que existem “milhões de milhões e milhares de milhares” (Ap 5.11). Seja qual for o número daqueles que se aliaram a Lúcifer, os quais sabiam ou não o que faziam, no momento em que pecaram, tornaram-se participantes de uma marcha forçada rumo à destruição.

O próximo alvo de Satanás era o homem. Quando viu Adão e Eva serem criados, seguramente pensou que eram as criaturas mais estranhas que já tinha visto. Foram feitos à imagem de Deus e tinham uma capacidade de comunhão com o Criador que nem os anjos possuíam. Logo no início, Satanás sabia que valia a pena fazer todo o possível para conquistá-los, em seu ataque contra Deus.

Adão e Eva diferiam dos anjos em outra coisa. Eles podiam se reproduzir por meio da procriação. Podiam se multiplicar pela união sexual, em vez de serem criados individualmente. Seus descendentes seriam unidos pelo sangue e teriam laços familiares, como mães, pais, irmãs, irmãos e primos.

Essa solidariedade não tinha paralelos em Satanás e seus seguidores. Quando os anjos pecaram, fizeram isso individualmente. A decisão de um anjo não afetava diretamente a decisão de outro. Assim, um terço das hostes ficou do lado de Lúcifer e dois terços mantiveram o relacionamento de amor com Deus.

Entre os humanos não era assim. Se Adão e Eva pecassem, eles não somente contaminariam a si mesmos, como também seus descendentes. Por estarem no topo da raça, esses futuros pais tinham a tremenda responsabilidade de tomar uma decisão que, fosse boa ou ruim, afetaria todo o curso da história da humanidade. Não é de estranhar que Satanás tomou um interesse especial por aquelas estranhas criaturas!

Satanás estava por perto para ouvir as instruções que Deus deu a Adão e Eva. Ficou surpreso com a generosidade do Criador: *“De toda a árvore do jardim comerás livremente, mas da árvore do conhecimento do bem e do mal, dela não comerás; pois no dia em que dela comeres, certamente morrerás”* (Gn 2.16,17). Eles podiam comer de todas as árvores do jardim, exceto de uma. Uma única proibição no meio de milhares de permissões!

Satanás esperou pelo momento certo para fazer sua manobra. Ele considerou as opções. O momento da tentação e os meios que usaria eram muito importantes. Era uma oportunidade que não podia perder!

A ESTRATÉGIA DAS MENTIRAS

Aqui temos nossa primeira visão da mente satânica e começamos a ver como esse anjo caído opera. Como Cristo disse, ele é “mentiroso e pai da mentira” (Jo 8.44). Somente na fraude ele é consistente. Se pudéssemos ver sua assinatura em algum lugar, deveríamos logo procurar seus enganos e seduções.

Ele mente sobre quem ele realmente é

Ele não apareceu como o diabo, o adversário de Deus. Ele deveria vir a Adão e Eva revelando sua terrível fúria e suas intenções malignas, mas jamais teve respeito por propagandas que usam a verdade. Ele chega sob um disfarce, sem revelar quem realmente é. Ele se transforma em algo que não é, para enganar os outros. Ele não vem para assustar, mas para acalmar, encorajar e instruir.

Embora Satanás possa se materializar em formas humanas, não pode criar *matter ex nihilo*, ou seja, criar a partir do nada. Assim, nessa situação, ele utilizou o corpo de um animal que Deus tinha criado. Escolheu a serpente para ser o veículo que usaria para tentar nossos primeiros pais e trazê-los para debaixo do seu controle e autoridade.

O homem pode formar sentenças, transmitir conceitos e falar de idéias abstratas, tal como Deus. Por outro lado, os animais só podem se comunicar pela percepção, o uso de sinais estabelecidos para causar certas respostas. Não sabemos como Satanás se comunicou com a serpente, mas podemos imaginar que o maligno provavelmente lhe disse que só ele (Satanás) possuía o poder de fazer com que ela tivesse o mesmo dom que o homem adquiriu para se comunicar. Somente ele podia fazer a cobra falar.

No final terão o que ele
deseja que possuam

Provavelmente a serpente era uma criatura muito bonita, não a figura detestável que rasteja pelo chão. Longe de ficar com medo, Eva sentiu-se atraída por ela. Ela pensou, claro, que estava simplesmente fascinada por um bonito animal e não sabia que era atraída por um ser invisível que buscava sua destruição.

Satanás tem usado continuamente essa mesma estratégia no decorrer da História. Ele não foi até Davi e disse: "Eu o odeio e tenho um plano hediondo para sua vida... Quero destruí-lo, e também sua família e seu reino. Você precisa cooperar e cometer adultério com Bate-Seba, derubando, assim, a primeira peça da fileira de dominós".

Satanás nunca nos mostra as conseqüências das drogas e do álcool. Ele esconde habilmente os resultados da pornografia, da imoralidade e da desonestidade. Ele também não nos mostra o fim daqueles que mantêm crenças erradas a respeito da Bíblia, de Cristo e da Salvação. *Sua estratégia é dar às pessoas o que elas querem, certo de que no final terão aquilo que ele deseja que elas possuam.*

Normalmente você jamais tentaria apanhar um rato sem uma ratoeira. Ela é importante porque você pode usá-la como uma substituta, para pegar sua vítima, enquanto você mesmo fica fora de vista. Uma armadilha mostra a promessa de comida e realização, enquanto mantém as conseqüências escondidas. O rato vê apenas o queijo e não entende a haste de metal e a mola poderosa. Semelhantemente, Satanás quer nos manter ignorantes sobre as dinâmicas complexidades dos acontecimentos no mundo espiritual. Ele deseja que as circunstâncias pareçam corriqueiras e jamais suspeitemos de suas armadilhas. Porque atrás da armadilha, está o caçador e atrás da mentira está o mentiroso. Paulo advertiu: *"Mas temo que, assim como a serpente enganou a Eva com a sua astúcia, assim também sejam de alguma sorte corrompidos os vossos entendimentos, e se apartem da simplicidade que há em Cristo. Pois se alguém for pregar-vos outro Jesus que nós não temos pregado, ou se recebeis outro espírito que não recebestes, ou outro evan-*

gelho que não abraçastes, de boa mente o suportais" (2 Co 11.3,4).

Satanás está especialmente interessado em vender outro evangelho, com uma mensagem mais doce e uma falsa garantia.

Às vezes, ele usa mentiras deslavadas; outras vezes, faz uma mistura de verdade com mentira. Se estamos cegos para uma parte da verdade, ficamos vulneráveis ao engano. E ninguém é mais cego do que a pessoa enganada, por não acreditar que pode enxergar!

Ele mente sobre quem é Deus

A primeira vez que Satanás abre sua boca é para fazer uma pergunta onde Deus já fizera uma declaração definitiva. Seu primeiro desejo é perverter a opinião de Adão e Eva sobre o Criador. Ele pinta Deus como egoísta, indiferente e inseguro diante da potencialidade latente da natureza humana. Assim, Satanás faz sua pergunta: "*É assim que Deus disse: 'Não comereis de toda árvore do jardim?'*" (Gn 3.1). Quando Eva responde que existe apenas uma árvore da qual foram proibidos de comer e que, se desobedecessem, morreriam, a serpente replica: "*Certamente não morrereis. Porque Deus sabe que no dia em que comerdes desse fruto, os vossos olhos se abrirão, e sereis como Deus, conhecendo o bem e o mal.*" (vv. 4,5).

Em outras palavras ele disse: "Deus enganou vocês! Ele esconde a verdadeira razão por que não permite que comam da assim chamada árvore proibida; se vocês comerem, serão semelhantes a Ele! É claro que deseja a glória, não porque ela legitimamente lhe pertença, mas porque não deseja o melhor para a humanidade! Deus é 'desmancha-prazeres' e mentiroso".

Não perca esse ponto: Satanás fez Adão e Eva se concentrarem na única proibição, na única árvore cujo fruto não deviam comer. Ele os deixou cegos para as centenas de árvores exóticas, enfileiradas nos caminhos do viçoso jardim. O único ponto negativo foi usado para desacreditar os incontáveis pontos positivos. Satanás sabia que se conseguisse fazer com que Eva focalizasse sua atenção na única coisa que não tinha, isso tiraria sua alegria por todas as coisas que possuía.

Aquele que vem para enganar, acusa Deus de enganador. Aquele que não pode falar a verdade, acusa Deus de não ser verdadeiro. Satanás mente sobre si mesmo, assumindo uma aparência inofensiva. E então mente sobre Deus, fazendo-o parecer ameaçador.

E sempre foi assim. Mesmo hoje, como crentes, somos tentados a olhar para o mundo e acreditar que temos sido defraudados. Não são só os adolescentes que muitas vezes pensam consigo mesmos: "Imagine as coisas legais que eu poderia fazer, se não fosse cristão!" E, assim, enquanto outros experimentam os prazeres do pecado, nós, pobres criaturas que somos, temos de ficar em casa e nos contentar com as maravilhas sem limites da graça incomparável de Deus. Assim, os filhos do Rei dos reis ficam se lamentando, cheios de autopiedade!

Por que somos atraídos pelas tentações tão frequentemente? Porque temos caído na armadilha de pensar que os caminhos de Deus não são o melhor para nós. Acreditamos que nossa obediência é boa para Ele, mas não para nós. Lutero, contudo, tinha razão ao dizer: "todo pecado é desprezo a Deus". Seu ponto de vista é que ninguém peca tão deliberadamente, quando faz mau juízo de Deus. Se realmente conhecêssemos o Todo-Poderoso, sempre esco-

lheríamos a justiça. A jogada inicial de Satanás é tentar fazer que tenhamos um mau juízo sobre Deus.

A título de reflexão, sabemos que Deus, na verdade, demonstrava sua bondade, quando colocou uma “cerca” ao redor da árvore e disse: “Não comam!”. Era uma expressão da graça e misericórdia e uma prova de que o Criador se preocupava com Adão e Eva e com o futuro deles. Qualquer que seja a restrição que Deus coloca sobre nós, é para o nosso bem e não para o nosso detrimento.

Ele mente a respeito dos benefícios da rebelião

A serpente diz à mulher, para contradizer a Deus: *“Certamente não morrereis. Porque Deus sabe que no dia em que comerdes desse fruto, os vossos olhos se abrirão, e sereis como Deus, conhecendo o bem e o mal.”* (vv. 4,5). Deus declara: *“Com certeza vocês morrerão”*; Satanás afirma: *“Com certeza vocês não morrerão”*.

Note as perspectivas conflitantes sobre Deus, apresentadas a Adão e Eva. Por um lado, o Criador era muito bom, ao impedir que fizessem algo e morressem. Por outro lado, Ele era muito mau, ao proibir que alcançassem seu máximo potencial. É aqui, então, que a serpente substitui a confusão pelo entendimento: *“Vocês serão como Deus, conhecendo o bem e o mal!”*

Esse, você lembra, era exatamente o sonho do próprio Satanás! Ele queria ser igual a Deus; sonhava em destronar o Todo-Poderoso e colocar seu próprio trono nos céus. E então diz a Adão e Eva que se lhe obedecerem, poderão fazer parte de sua fantasia.

Certamente Satanás já sabia que falharia em sua tentativa de ser igual ao Altíssimo. Sua transformação em um ser maligno deu-lhe autoconsciência; muito prova-

velmente tornou-o dolorosamente atento quanto às suas limitações e a impossibilidade de lutar contra Deus. Suas próprias esperanças foram despedaçadas; por isso recrutava Adão e Eva para compartilharem seu fracasso eterno. Ele tinha jogado os dados e perdido; agora queria que eles jogassem os mesmas pedras, pois sabia que sairia para eles o mesmo resultado terrível.

Então, eles comeram e provou-se que Satanás estava errado. Eles morreram no dia em que comeram o fruto proibido. Seus corpos começaram a definir *fisicamente*; sua deterioração seria lenta, mas inevitável. Morreram *espiritualmente*, porque foram separados de Deus. E iriam morrer também *eternamente*, a menos que o Todo-Poderoso interviesse.

Satanás estava certo nesse aspecto: Adão e Eva tinham agora conhecimento experimental do mal. Eles realmente conheciam “bem e mal”, exatamente como eram. Suas consciências foram poluídas e sentiram fortemente sua alienação de Deus. A corrupção tinha encontrado seu caminho dentro de suas almas.

Será que os seguidores da Nova Era têm razão ao dizer que o homem na verdade saiu ganhando na queda do Éden? Será que foi realmente uma queda *para cima*? Eles ensinam que a serpente e a mulher são as redentoras, porque seu ato trouxe iluminação ao homem. Afinal, foi o fruto da árvore que lhes deu esse conhecimento especial, o qual estava escondido deles.

Nós, contudo, não nos tornamos iguais a Deus tendo um conhecimento experimental do mal. O que Adão e Eva conseguiram foi uma descoberta terrível. Francis Schaeffer diz que é igual ao conhecimento de uma criança, cuja mãe diz: “Não chegue perto do fogo”, mas ela de-

sobedece, cai no fogo e passa os próximos três dias agonizando, antes de morrer. A criança aprendeu algo — mas a que preço!

Cada vez que pecamos,
nós afirmamos a mentira
original do Éden

Adão e Eva deveriam ter conhecimento de Deus e da criação. Foi-lhes dado (ou podiam aprender) tudo o que fosse necessário para governarem o mundo. Não é errado buscar conhecimento, mas é trágico buscar esse tipo particular de conhecimento.

O ENGANO QUE FUNCIONOU

Adão e Eva tinham o privilégio de andar com Deus todas as tardes no jardim. Havia muitas árvores das quais podiam comer. Se tivessem qualquer necessidade, podiam tê-la mencionado ao Todo-Poderoso e Ele, muito provavelmente, teria satisfeito todos os desejos do coração deles. Esse era o paraíso de Deus.

Ainda assim, lemos: *“Vendo a mulher que a árvore era boa para se comer, agradável aos olhos, e árvore desejável para dar entendimento, tomou-lhe do fruto e comeu, e deu também ao marido, e ele comeu”* (v. 6). Cercados por um ambiente perfeito, Adão e Eva pecaram.

Em uma mensagem ministrada na Igreja Moody, Warren Wiersbe comentou sobre os passos progressivos na decisão de Eva, quando acreditou na serpente:

Ela viu e tornou-se curiosa.

Ela pegou e tornou-se uma ladra.

Ela comeu e tornou-se rebelde.

Ela deu e tornou-se uma tentadora.

Adão, ao lado de sua esposa, não fez nenhuma objeção quando ela gentilmente arrancou o fruto da árvore. E, depois que comeu, compartilhou com o marido e ele comeu com ela. Eles acabavam de ser apresentados à mentira que agora domina o mundo: *a mentira de que a criatura pode ser igual ao Criador*. Todas as outras mentiras são apenas uma extensão dessa. Cada vez que pecamos, estamos afirmando a mentira original do Éden.

O Novo Testamento diz que Eva foi enganada, mas Adão não (1 Tm 2.13,14). Ela foi enganada porque aceitou a serpente como uma mensageira de Deus. Achou que aquele animal fora enviado pelo Criador para esclarecer a revelação original. Estava disposta a aceitar essa “revelação complementar”, embora estivesse em desacordo com a revelação anterior — ou pelo menos achou que essa última revelação anularia a outra.

Como Eva poderia saber que a serpente não falava da parte de Deus? Não seria perguntando como se sentia a respeito; não seria analisando o fruto saboroso, para ver se realmente tinha uma aparência má, já que na verdade parecia muito bom. E nem seria avaliando a entonação da voz da serpente, para ver se realmente era sincera.

Muitas pessoas são enganadas por causa de tais sentimentos subjetivos sobre a fonte da revelação. Os falsos profetas e o próprio Satanás podem falar com um tom de voz que transmita tranqüilidade e esperança. O único recurso que Eva deveria usar seria o de comparar as palavras da serpente com as de Deus.

De acordo com nossa própria razão, faria sentido pensar que, se Deus criou o fruto e ele parecia bom, deveria ser excelente para comer. A razão humana é limitada e não pode ver o quadro maior; as coisas simplesmente podem não ser o que aparentam.

A árvore não era má, nem daria um fruto mau. Tudo o que Deus criou era bom. Não havia nada intrinsecamente naquela árvore que a tornava diferente das outras. Deus podia ter dito: "Não atravessem aquele riacho" ou "Não subam naquela montanha". A árvore era apenas um teste para ver se o homem obedeceria à voz de Deus ou à da serpente, que alegava falar em nome do Todo-Poderoso.

Se Eva quisesse se preservar do erro, deveria ter chamado a serpente de mentirosa. Sua responsabilidade não era a de olhar para *dentro* de si mesma, tentando calcular qual caminho seria melhor, mas olhar para *fora* de si, para uma revelação objetiva.

Ainda hoje os evangélicos debatem sobre se apenas a Bíblia é suficiente para nos dar orientação, ou se precisamos de revelações e esclarecimentos adicionais. Alguns insistem em que devemos crer em visões, profecias e sonhos, desde que não sejam contrários ao ensino bíblico. Outros dizem que tais revelações subjetivas, mesmo estando em harmonia com a Bíblia, são um solo muito fértil para o engano.

Um pastor evangélico, cuja esposa o havia deixado, voltou à igreja alguns meses depois, com outra bem mais jovem. Embora muitos na congregação acreditassem que o divórcio e o novo casamento o tinham desqualificado para o ministério, o pastor contou como havia jejuado e orado em seus dias de angústia e o Senhor lhe havia "falado" que deveria retornar e continuar na liderança da mesma igreja. Evidentemente, a liderança da igreja sentiu que se o afastassem do cargo, desobedeceriam à revelação divina. Em vez de julgar de acordo com as qualificações relacionadas na Bíblia, eles aceitaram a

experiência subjetiva do pregador, que começou sua explicação com as palavras: "Eu busquei ao Senhor e Ele me disse".

Visões de santos, de Maria e de parentes mortos não parecem estar totalmente em conflito com a Palavra de Deus, mas aqueles que aceitam essas coisas como revelações divinas negam que a Bíblia sozinha é suficiente como regra de fé e prática. Dizem que essas revelações são necessárias para dar orientação e estimular a fé. A história, contudo, tem provado que freqüentemente são armadilhas que pervertem o Evangelho e fazem com que muitos se desviem. Confundir a voz de Deus com a do diabo não é difícil. Tudo o que precisamos fazer é não levar a sério a finalidade da Bíblia e começar a buscar revelações subjetivas adicionais.

Não esqueçamos jamais que em sua primeira aparição na Terra, Satanás comunicou uma "revelação" que supostamente era igual ou até mesmo superior à de Deus. O diabo adora falar. Ele gosta de fingir que tem uma ligação íntima com Deus e tudo o que precisamos fazer é ouvi-lo e teremos todas as nossas questões respondidas.

Embora Eva tenha sido enganada, Adão comeu conscientemente. Ele sabia que aquela mensagem não vinha de Deus, mas decidiu entrar na aventura junto com a esposa. Não é verdade que algo proibido é mais gostoso? A independência não traz uma excitação que a obediência não pode gerar?

Como aconteceu com Lúcifer antes deles, Adão e Eva descobriram então que nada mais seria a mesma coisa. Para Adão, o solo seria amaldiçoado e ele ganharia seu pão por meio do "suor do seu rosto" (Gn 3.19). A Eva foi dito: "*Multiplicarei sobremodo os sofrimentos da tua gravidez; em meio de dores darás à luz filhos; o teu desejo será para o teu marido, e ele te governará*" (v. 16)

Adão e Eva descobriram o que o diabo já sabia: as conseqüências da desobediência são imprevisíveis e totalmente fora do nosso controle. A vergonha que sentiram era apenas o início de uma vida com peso no coração, para eles e todos os seus descendentes. Eles não podiam, é claro, prever a traição, violência e crueldade que viriam sobre a Terra. Eles jogaram uma pedra montanha abaixo e descobriram horrorizados que tinham começado uma avalanche.

O CETRO FOI DERRUBADO

Adão e Eva, enganados por um *animal!*

Tinham autoridade para expulsar aquela criatura do jardim; podiam tê-la banido da face da Terra. Podiam ter levado o domínio dado por Deus a sério e dito não aos caprichos daquela criatura. Apesar de tudo isso, eles agiram insensatamente, de acordo com as sugestões dela!

Ouçã o que o próprio Deus disse: *“Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança; tenha ele domínio sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus, sobre os animais domésticos, sobre toda a terra e sobre todos os répteis que rastejam pela terra”* (Gn 1.26). O homem, criado à imagem de Deus, tinha domínio sobre todo o mundo ao seu redor. Adão e Eva deviam estar entre Deus e tudo o que Ele tinha criado. Como Francis Schaeffer mencionou, esse domínio era prova de responsabilidade moral: não deviam supor que qualquer coisa fosse verdade. Deviam governar o mundo de acordo com os princípios de Deus.

Passaros, peixes e répteis — todos esses animais estavam debaixo da autoridade dos dois. A serpente que apareceu sem ser convidada no jardim deles, e falou com Eva

tão calorosamente, também estava sob o comando de Adão. Se os pássaros e peixes estavam sob o domínio dele, a serpente com toda certeza teria ido embora com uma simples palavra de nosso primeiro pai.

Inacreditavelmente, Adão foi seduzido por uma criatura que estava abaixo dele. Ele fugiu da responsabilidade, dada por Deus, e aceitou a palavra de um animal irracional. O homem, que podia andar ereto no meio de todas as criaturas, então se curvou diante da sugestão de uma cobra.

Adão derrubou o cetro e Satanás o pegou. O homem, criado para ser o poderoso da Terra, tornou-se um escravo, acorrentado, em todos os sentidos:

- Ele semeia, mas não sabe se irá colher ou não;
- Ele constrói, mas não sabe se o trabalho de suas mãos será destruído por tornados, furacões e terremotos;
- Ele experimenta sua liberdade sexual e termina com relacionamentos ilícitos, traição e doenças sexualmente transmissíveis;
- Ele descobre a cura para uma doença, apenas para ser assombrado por outra;
- Ele estabelece relacionamentos, apenas para ser vencido por ciúmes, desconfiança e ódio;
- Finalmente, ele é um escravo da morte. Não importa quantos seguros e planos de saúde tenha; não importa quão bons sejam seus médicos; no final, a morte fará sua reivindicação.

Adão e Eva, como o cão na fábula de Esopo que deixou cair o osso para pegar seu reflexo na água, descobriram que haviam trocado a comunhão com Deus por uma miragem. A promessa de Satanás não só era vazia, mas também adicionada com veneno. Não havia, contudo, retorno.

No Éden, a coroa escorregou da cabeça do homem. Satanás a apanhou do pó e colocou em sua própria cabeça, mas sua vitória não teve brilho. Barnhouse escreveu:

Ele agarrou a espada do poder com ambas as mãos, mas a segurou pela lâmina e feriu-se em suas bordas afiadas; ele não podia, com suas mãos, tomar seu alimento; daí para a frente, tinha que devorar a comida diretamente no solo; e o pó da terra tem sido o sabor de tudo que ele tem provado.²

Agora, ele ameaçaria o mundo, como se lhe pertencesse. Ele foi bem sucedido em separar o homem de Deus, mas ainda havia muito trabalho a ser feito. Ele queria a fidelidade e a adoração da humanidade.

A RESPOSTA DE DEUS

Adão e Eva receberam a devida condenação

No dia em que comeram, eles morreram: a morte é tanto um processo como uma crise. Como processo, começou no momento em que comeram o fruto. Quando o processo estivesse completo, ele terminaria em uma crise. Suas almas seriam separadas dos corpos.

No entanto, alguma coisa pior aconteceu: a alma do homem também foi separada de Deus. Adão, Eva e seus descendentes perderam o ponto de referência. Assim como acontece com uma lâmpada que é apagada, acordaram e descobriram uma barreira de vergonha entre eles e Deus.

Agora eles conheciam “o bem e o mal”, por meio de uma consciência despertada e distorcida. Separados de Deus, começaram também a se separar um do outro. Cobriram-se com folhas de figueira, escondendo-se um do outro e de Deus. Sentiram até uma separação interna, a

alma separada de si mesma. Viveriam como criaturas sem sossego, em um mundo turbulento.

A serpente também recebeu sua condenação

“Visto que isto fizeste, maldita és entre todos os animais domésticos, e o és entre todos os animais selváticos: rastejarás sobre o teu ventre, e comerás pó todos os dias da tua vida” (Gn 3.14). Talvez não seja sem um significado simbólico que a cobra, alguém me disse, é o único animal que não pode se mover para trás. Já que a decisão fora tomada, a serpente do paraíso encontrava-se em um caminho estreito, e só seria possível arrastar-se para frente, de um erro para outro.

Deus prometeu que “colocaria inimizade” entre a serpente e a mulher e que a sua semente esmagaria a cabeça daquele inimigo. No próximo capítulo, olharemos mais de perto essa promessa da vinda de um redentor. Por agora, devemos apenas lembrar que o Todo-Poderoso estava preparado para a confusão que Adão e Eva tinham causado. Embora tenham comido voluntariamente, eles fizeram o que Deus sabia que aconteceria; melhor ainda, fizeram o que Deus tinha programado para acontecer.

O plano eterno de Deus foi revelado

Se alguém segurasse sua cabeça a dez centímetros de distância da asa de um grande avião a jato, você não teria idéia do que seria aquilo que estava vendo. As pequenas marcas no metal brilhante dificilmente pareceriam artísticas; o comprimento e a largura daquela estrutura seriam desconhecidos para você. Se alguém lhe perguntasse algo a respeito, você poderia ter apenas uma vaga idéia do que seria aquela pequena porção de superfície dura. Se sua perspectiva fosse aumentada, contudo, à

medida que fosse se afastando, teria uma noção melhor dos detalhes.

O mistério de Satanás e do mal só faz algum sentido porque Deus nos convida a nos afastar e olhar seu plano do ponto de vista da eternidade. É claro que não vemos tudo, mas podemos ter um vislumbre do passado distante. Descobrimos que, antes de qualquer coisa ser criada, Deus já tinha um plano elaborado: as quedas de Lúcifer e do homem já estavam incluídas no grande desígnio. Paulo escreveu a Tito: *"Para promover a fé que é dos eleitos de Deus e o pleno conhecimento da verdade segundo a piedade, na esperança da vida eterna que o Deus que não pode mentir prometeu, antes dos tempos eternos"* (Tt 1.1,2).

Deus fez uma promessa "antes dos tempos eternos". Isso não se refere aos tempos a partir da criação, mas sim à eternidade passada. Paulo escreveu a Timóteo que Deus nos salvou: *"...conforme a sua própria determinação e graça que nos foi dada em Cristo Jesus antes dos tempos eternos"* (2 Tm 1.9 – grifo nosso). Realmente, o autor da carta aos Hebreus nos diz que somos salvos por meio do "sangue da eterna aliança" (Hb 13.20).

Obviamente, a aliança de Deus, feita nas distantes épocas da eternidade, não seria feita com anjos ou homens. O pacto foi firmado entre os membros da Trindade. O Deus Pai, que ama seu Filho infinitamente, prometeu-lhe como presente uma humanidade redimida, como expressão especial de amor. Assim, mesmo há tanto tempo, a queda do homem e sua subsequente redenção já não era só conhecida, mas também fazia parte de um grande plano. Não é de estranhar que Cristo sempre se referia aos remidos como aqueles que "o Pai me deu" (Jo 6.37; 10.29; 17.9). Jesus disse que o Pai nos ama da mes-

ma maneira que ama o Filho, e o Filho era amado “antes da fundação do mundo” (Jo 17.23,24). Sim, fomos amados muito tempo antes da serpente ter enganado nossos primeiros pais com suas mentiras!

João, falando àqueles que permaneceriam firmes na perseguição, escreveu: *“E adorá-lo-ão todos os que habitam sobre a terra, aqueles cujos nomes não foram escritos no livro da vida do Cordeiro que foi morto, desde a fundação do mundo”* (Ap 13.8). O Livro da Vida não foi criado porque Deus teve de mudar seus planos, devido ao pecado de Adão e Eva. Aqueles que seriam redimidos já estavam inscritos nos céus, antes mesmo de nossa primeira mãe ter sequer tocado no bonito fruto do Éden.

Esse não é o lugar apropriado para tentarmos explicar todas as questões que temos sobre o que Deus fez e por que Ele o criou. Em vez de lutarmos para entender os detalhes dos mistérios do plano divino, podemos simplesmente nos regozijar com as palavras de Paulo: *“Assim como nos escolheu nele antes da fundação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis perante ele...”* (Ef 1.4). Existe pouca utilidade em alguém ficar tentando explicar esse texto, recorrendo a idéias fantasiosas sobre como, para Deus, a eternidade passada na verdade é agora. Deveríamos simplesmente nos alegrar no fato de que o Criador fez a escolha e agiu assim antes que o mundo fosse criado.

Não houve reuniões de emergência nos céus quando Adão e Eva pecaram. Não houve necessidade de se cancelar outros planos; nenhuma tentativa desesperada de conter a obra do maligno; nenhuma necessidade de se criar uma estratégia que já não estivesse meticulosamente planejada. O plano de Deus engloba todas as coisas: *“Pois nele foram criadas todas as coisas, nos céus e sobre a terra, as visíveis e as invisíveis, sejam troncos, se-*

jam soberanias, quer principados, quer potestades. Tudo foi criado por meio dele e para ele” (Cl 1.16).

A criação do Céu e da Terra – *por meio dele e para Ele*; entidades visíveis e invisíveis – *por meio dele e para Ele*; reinos e autoridades – *por meio dele e para Ele*; anjos bons e maus – *por meio dele e para Ele*.

A queda do homem culminaria em maior adoração, maior apreciação e maior demonstração dos poderosos atributos de Deus. A graça de Deus, sua justiça e seu amor seriam então demonstrados. Quanto a Lúcifer, transformado em Satanás, existiria para a glória de Deus, como acontecia nas épocas passadas. Seus motivos seriam diferentes e Deus o trataria como inimigo e não mais como amigo, mas ele terminaria obedecendo aos decretos divinos.

Satanás deixou o Jardim do Éden com apenas metade dos seus objetivos alcançada. Ele teve sucesso em separar o homem de Deus, mas havia muito mais a ser feito. Ele não estava satisfeito com um homem que andaria em seu próprio caminho; ele queria um ser que seguisse os caminhos da serpente. Desligado de Deus, mas ligado à serpente — esse era o desejo do diabo.

A fim de atrair o homem para longe de Deus, a serpente plantou as sementes das religiões ocultas, ao planejar esconder-se por trás daquelas armadilhas para receber adoração. Seu maior desejo era multiplicar as religiões, na esperança de que o homem tivesse contato com elas, mas pensasse que estava em comunhão com Deus.

As cinco mentiras no Éden formam o coração de todas as religiões ocultas, seja na antiga Babilônia ou na América moderna. Quando a serpente fala, pelo menos algumas pessoas escutam.

Continue lendo.

4

A nova religião da serpente

Vamos tentar, por um momento, entrar na mente de Satanás.

Imagine que alguém tivesse um abominável desejo de enganar todos os habitantes da Terra. Imagine também que ele tivesse a habilidade de soprar pensamentos na mente de algumas pessoas e elas achassem que eram idéias próprias. Imagine que este alguém estivesse consumido pelo desejo de ser adorado. Ele, contudo, não pode revelar sua natureza maligna para a raça humana e ainda esperar ser bem aceito. Então, este alguém estabelece uma religião alternativa, que faça sentido para o homem, mas que ele controle dos bastidores. Seu objetivo é convencer os seres humanos que pensam possuir uma experiência com Deus quando, na verdade, estão em contato com outro ser. Ser adorado sob um disfarce é melhor do que não ser adorado por ninguém.

Foi assim que as raízes das religiões ocultas foram estabelecidas, lá no Jardim do Éden. Satanás não negou a existência de Deus quando tentou Adão e Eva. Seu objetivo não era transformá-los em ateus. Pelo contrário, sua intenção era persuadi-los a adorar um outro deus. Para resumir, Satanás era um concorrente de Deus, desejoso de adquirir a fidelidade dos homens.

AS CINCO MENTIRAS DO OCULTISMO

O ocultismo possui muitas formas, mas, geralmente, tem cinco premissas básicas. Sejam as religiões orientais, ou o florescente pensamento da Nova Era contemporânea, todos são frutos que se desenvolveram a partir da raiz plantada no Éden. Naquele dia fatídico, Satanás revelou as mentiras pelas quais tentaria enganar o mundo. Você vai reconhecê-las facilmente.

A mentira da reencarnação

Deus tinha dito que no dia em que Adão e Eva comessem do fruto proibido, “certamente morreriam” (Gn 2.17). E, como já mencionamos, apesar de o corpo continuar em pleno funcionamento, o processo da morte já tinha começado. Os dois estavam destinados à sepultura. Como era de se esperar, Deus estava certo.

Opondo-se à clara advertência de que morreriam se comessem o fruto, Satanás ofereceu sua própria promessa: “Certamente não morreréis!” (Gn 3.4). Era uma contradição frontal ao que o Todo-Poderoso havia dito anteriormente.

Será que essa mentira de Satanás seria acreditável? Eu acho que não e o diabo também sabia disso. Adão e Eva morreram, assim como todas as gerações que se seguiram. Os cemitérios lotados ao redor do mundo são a prova de

que Satanás estava mentindo. A morte está ao nosso redor; todos nós temos medo dela. Mesmo os ateus ficam apavorados com a perspectiva de um dia morrerem.

Essa mentira, contudo, com um pouco de ingenuidade e engano, tem passado a milhões de pessoas. Ela foi remodelada, recebeu uma nova interpretação e tornou-se a doutrina da reencarnação. Sim, o presente corpo morre, todos o esquecem, mas o espírito reencarna em outro corpo, em algum lugar da Terra. Ele fica indo e vindo, com direito a todas as chances que forem necessárias, até atingir a perfeição. O espírito leva consigo toda a sabedoria que acumula e usa na próxima vida. Não há julgamento; a morte, portanto, não precisa ser temida.

A reencarnação ensina que as almas fazem uma espécie de 'brincadeira da cadeira' com os vários corpos no mundo. Nessa vida você é uma pessoa, mas na próxima já será outra. Sempre para a frente e para cima, o processo nos move incessantemente adiante, enquanto nos aperfeiçoamos em cada ciclo. Um casal de seguidores da Nova Era, que se beijou e depois ambos se jogaram de uma ponte, deixou um bilhete no carro, no qual o marido dizia: "Amo todos vocês; gostaria de ficar, mas preciso me apressar. O suspense está me matando".

A reencarnação é baseada na cruel doutrina do *karma*, uma lei impessoal e irrevogável a qual diz que todos receberão o que merecerem. O mal é sempre punido na próxima vida; o bem é sempre recompensado. Isso significa que as pessoas começam sua vida terrena em níveis diferentes. Alguns, devido ao pecado, perderam todos os privilégios. Outros, devido às boas obras, tornam a nascer em altas posições e vão muito bem, em seu caminho para o *nirvana*. O melhor exemplo disso é visto no hinduísmo, no qual todas as pessoas são divididas rigida-

mente em cinco níveis: quatro castas, seguidas por uma categoria mais baixa, daqueles que nem merecem estar em uma casta. O princípio básico é que o pobre existe para servir o rico.

O *karma* ensina que não existe injustiça no mundo. Tudo o que acontece é resultado do bem ou mal cometidos previamente. Considere a crueldade dessa doutrina. Imagine chegar para uma criança que sofreu abuso sexual e dizer: "Você recebeu o que merecia, por causa dos pecados que cometeu em outra vida".

Seu engano mais deslumbrante: Uma falsa experiência religiosa

Shirley MacLaine, a atriz que tem popularizado o ensino da Nova Era, diz com confiança que a morte não existe. Ela "descobriu" que em vidas passadas tinha sido uma princesa em Atlantis, uma inca no Peru e uma criança criada por elefantes, na África.

Nessa filosofia, a morte não deve ser temida, porque, como é entendida tradicionalmente, não ocorre. Não existe um Deus pessoal, ao qual teremos de prestar contas. Você pode viver da maneira que desejar, acreditando em qualquer coisa que queira. Citando Shirley MacLaine, é como estar participando de uma cena de filme: "Você continua fazendo e repetindo, até que fique boa".

A reencarnação é a mentira do diabo que se tornou creditável; é um engano engenhoso, remodelado para o consumo popular. A evidência da reencarnação não é baseada na transmigração das almas, mas na transmigração dos demônios. Aqueles que estão em contato com

espíritos malignos freqüentemente têm conhecimento de tempos e lugares anteriores.

De qualquer maneira, atualmente, muitos são enganados e concordam com o diabo: certamente *não* morrereis!

A mentira do esoterismo

Depois que Satanás brilhantemente conseguiu anular a Palavra de Deus, baseada na verdade, o que serviria como substituto? Ele prometeu a Eva que “seus olhos seriam abertos” (Gn 3.5). Ela teria uma experiência diferente, ou seja, seria iluminada; isso resultaria em uma percepção da realidade que lhe daria discernimento místico.

O maior desejo de Satanás não é que homens e mulheres cometam imoralidade, ou mesmo consultem astrologia, ou sejam curados por meio de cristais. Todas essas coisas são apenas pequenos passos que levam ao seu engano mais fascinante: uma falsa experiência religiosa. Ele quer que os homens encontrem-se com ele e pensem que estão em contato com o verdadeiro Deus. Essa experiência da iluminação é uma “conversão satânica”.

Essa filosofia é o esoterismo, a crença em uma transformação de consciência que nos inicia na verdadeira espiritualidade. A literatura da Nova Era está repleta de referências à “luz” ou a “iluminação”. Na Grécia e Roma pagãs, essa iluminação era baseada na teoria do conhecimento secreto que podia ser obtido quando se buscava nas profundezas da própria alma. Na realidade, envolve um encontro com um ser espiritual.

Há muitos anos, Marilyn Ferguson escreveu no livro *Conspiração de Aquário* que uma “mudança irrevogável” estava para acontecer. Não é um novo sistema, mas uma nova mente. A sociedade seria transformada por meio de um “conceito ampliado do potencial humano... uma transformação da consciência pessoal”.¹

Existem dois portais populares, por meio dos quais os espíritos malignos são capazes de nos levar a experimentar esse pseudo “novo nascimento”. Um deles é a *meditação transcendental*, que representa a tentativa de esvaziar a mente de todos os pensamentos conscientes. Esse tipo de meditação destina-se a unir a alma com uma força unificada do Universo.

Enquanto penso sobre alguma coisa, sinto-me distinto dos objetos desse mundo. Assim, os ocultistas nos dizem que devemos ter uma experiência em que tal distinção desapareça e assim nos percamos no vasto oceano da energia impessoal. A razão normal deve ser suspensa. A vontade deve se submeter à força-deus do Universo.

O ensino popular da Nova Era é que podemos entrar em contato com “mestres da sabedoria”, os quais podem compartilhar conosco suas percepções e energia. Podemos entrar em contato com “os poderes” e descobrir que existem deuses ao nosso redor, ansiosos para nos ajudar em nossa busca pela união com o divino. Essas entidades nos ajudam em nossa transformação pessoal.

No entanto, precisamos ter em mente que a Terra está povoada por espíritos malignos que seguiram Lúcifer em sua rebelião, ansiosos para conceder aos interessados uma experiência religiosa. O contato com esses poderes resulta na assim chamada *iluminação*. Como Satanás prometeu a Adão e Eva, as pessoas precisam ter uma transformação da consciência, que as tornará semelhantes a Deus.

O segundo portal pelo qual os espíritos entram são as *drogas alucinógenas*. Marilyn Ferguson diz que a alucinação é a rota mais rápida para uma nova percepção da realidade. Annete Hollander, no livro *How to Help Your*

Child Have a Spiritual Life (Como Ajudar Seu Filho a Ter uma Vida Espiritual) fala de pessoas que tiveram encontros místicos, quando estavam sob o efeito das drogas.²

Muitas pessoas supõem, erroneamente, que os demônios só comunicam idéias más, e não percebem que esses espíritos podem muitas vezes dar bons conselhos e expressar doutrinas sadias. Quando nosso Senhor esteve aqui na Terra, os demônios confessavam ser Ele o Cristo.

Os demônios são mentirosos e experimentam uma perversa satisfação em enganar os seres humanos ingênuos. Se a verdade servir aos seus propósitos, eles irão usá-la; quando for melhor uma meia-verdade, eles também a têm em seu arsenal; a mentira, entretanto, é sua arma mais utilizada. Eu creio que cada demônio pode ser comissionado para um indivíduo especificamente; eles estudam o comportamento de sua vítima e tornam-se conhecedores do passado daquela pessoa. Depois que ela morre, esses espíritos estão prontos para se comunicar com parentes e amigos desejosos de ter uma conversa com seu ente querido que partiu. Um médium é contatado e alega que evoca a presença do espírito do falecido e estabelece a comunicação. Só que, na verdade, o diálogo não é com o morto, mas sim com o demônio que estava familiarizando com ele, antes de seu falecimento. Por isso, a própria Bíblia se refere a eles como "espíritos familiares".

C.S. Lewis entendeu que a mais elevada forma de engano seria os demônios copiarem a experiência religiosa. O demônio fictício *Morcego*, ao dar instruções ao seu primo *Cupim*, disse: "Acalento grandes esperanças de que no devido tempo aprenderemos como sensibilizar e mistificar as ciências humanas, de tal maneira que sejam, com efeito, uma crença em nós (embora não com esse nome) a qual se insinuará lentamente, enquanto a men-

te humana permanece fechada para crer no Inimigo (Deus)".³

E é assim que, através dos séculos, a mentira do Éden tem seu efeito. Milhões de pessoas dizem haver experimentado um "abrir de olhos", ou seja, a experiência da iluminação. Elas alegam pertencer ao grupo dos iniciados, que entendem uns aos outros, porque pertencem ao círculo mais íntimo.

As sementes do Éden começam, assim, a produzir amargos frutos.

A mentira do panteísmo

O âmago do engano da serpente está nessas palavras: "Vocês serão semelhantes a Deus" (Gn 3.5). A frase não é: "Vocês serão como deuses" (de acordo com algumas versões bíblicas), mas: "Vocês serão como Deus" (*Elohim*).

Ser semelhante a Deus é um pensamento fantástico. O homem é inteligente o suficiente para saber que não é o criador dos planetas, das estrelas e das árvores. Assim, essa é outra mentira que precisa ser adaptada para o consumo público.

Só havia uma maneira dessa mentira sobreviver e seria mediante a ampliação da idéia de divindade, para incluir tudo o que existe. O argumento é algo assim: "Sim, eu sou Deus, assim como a Natureza também é... na verdade, tudo é Deus".

Panteísmo é um conceito de Deus que permeia todas as religiões ocultas. O prefixo *pan* significa "tudo, todo" e dá a idéia de que tudo que existe é Deus; há muitos níveis diferentes de existência, que correspondem a diferentes níveis de divindade. O panteísmo é mais facilmente lembrado como a idéia de que "Deus é tudo e tudo é Deus".

Para o panteísta, a realidade final no Universo é espiritual e, na verdade, a matéria é ilusória. Devemos negar a existência do universo material a fim de fugir para o mundo da mente, o qual está em contato com o universo espiritual, que é verdadeiramente real.

Uma das implicações do panteísmo é que o homem é seu próprio salvador. Enquanto o cristianismo ensina que o homem caiu em pecado e precisa ser resgatado por Cristo, o panteísmo ensina que o homem não caiu realmente — foi Deus quem caiu! O que realmente aconteceu: houve um tempo em que a matéria e a mente estavam unidas como se fossem uma só unidade; elas eram uma força contínua e unificada, chamada Deus. Elas, contudo, separaram-se e essa brecha precisa ser reparada por nós. Salvação significa que a matéria e a mente são reunidas por meio da meditação.

Pense nas palavras de Nikos Kazantzakis, autor do livro *A Última Tentação de Cristo* (no qual o controvertido filme foi baseado): “Não é Deus quem nos salvará — nós é que salvaremos Deus, batalhando, criando e transmutando matéria em espírito”.⁴

A expiação é “estar em sintonia” com a criação original. Assim, a possibilidade de salvação está totalmente em nossas mãos. Nós redimimos a Deus fazendo com que nosso “deus caído”, nossa matéria, e nosso espírito estejam novamente juntos.

O panteísmo, devo acrescentar, desvaloriza a vida humana. Se eu digo que o homem é Deus, ele consideraria isso um elogio; mas tal declaração deixa de ser um elogio se digo o mesmo para as minhocas e os vermes!

Há alguns anos, em uma cena de minissérie da TV, Shirley MacLaine corria por uma praia gritando: “Eu sou Deus! Eu sou Deus!” Ela expressou a opinião de mui-

tas pessoas, que alegam ser essa a mais importante mensagem a ser transmitida para todas as pessoas do mundo.

A divindade do homem é uma mentira que será largamente aceita no final dos tempos. De fato, Paulo diz que, quando o Anticristo vier, ele operará de acordo com Satanás. Ele afirmará ser Deus e o mundo acreditará nele, porque “Deus lhes manda a operação do erro, para darem crédito à mentira” (2 Ts 2.11).

Multidões adorarão o Anticristo, porque acreditarão ser ele Deus. E se nós todos já somos deuses, por que esse homem especial não pode ser considerado como a suprema manifestação de Deus?

E, assim, a mentira do Éden é ouvida por todo o mundo: “Vocês serão semelhantes a Deus”.

A mentira do relativismo

“Vocês serão como Deus, conhecedores do bem e do mal” (Gn 3.5).

Satanás prometeu a Adão e Eva um conhecimento do “bem e do mal” pela experiência. Com essa bagagem, o homem, então deixado por sua própria conta, seria capaz de distinguir o bem e o mal por si mesmo — pelo menos foi o que a serpente deixou subentendido. Desde que o homem é seu próprio deus, ele é livre para escrever suas próprias leis.

Nós já temos aprendido que a serpente estava certa nesse aspecto: a desobediência deu a Adão e Eva um novo conhecimento do mal. Passaram a conhecer o mal não como um mero conceito abstrato, mas como a descoberta de uma consciência pesada e sem descanso. A partir desse ponto, a percepção moral deles estava obscurecida, enquanto lutavam com a necessidade de reconciliar seu

estilo de vida com a imagem de Deus, que fora desfigurada, mas não apagada de suas mentes e seus corações.

O problema é fácil de se entender: em seu estado decaído, eles nunca mais discerniriam o bem e o mal do mesmo ponto de vista de Deus. Se fosse deixado por conta deles, teriam de construir seu próprio sistema de conduta, com o conhecimento fragmentado de seu próprio discernimento pecaminoso e uma consciência corrompida. Além disso, descobririam que não podiam viver de acordo com o que intuitivamente sabiam que era certo. Resumindo, eles teriam que se tornar relativistas, desistindo de toda esperança de encontrar um sistema unificado de moral e de verdade.

Relativismo é a palavra que usamos para descrever a crença popular de que "o que é verdade para mim, pode não ser verdade para você". O filósofo e professor John Dewey é reconhecido por ter dado respeitabilidade ao relativismo na América. Ele acreditava que a moralidade, como acontece com a linguagem, varia de uma cultura para outra e que, portanto, nenhuma convicção moral é superior a outra.

O relativismo floresce em nossa cultura. Ao assistir a uma entrevista na televisão, ouvi uma senhora admitir que tinha um caso amoroso com o marido de outra mulher. Ao perceber que essa conduta ainda poderia ser considerada imprópria por alguns membros do auditório, ela se sentiu constrangida ao acrescentar: "O que estou fazendo pode não ser certo para todos, mas é o melhor para mim".

As religiões orientais acreditam no relativismo por diversas razões. Se é verdade que Deus é tudo, segue-se que Deus é também o mal. Por isso o hinduísmo ensina que bem e mal são apenas ilusão e só parecem ser dife-

rentes um do outro. Allan Watts, que tem o crédito de ter tornado o Zen Budismo aceitável para os americanos, explica dessa maneira: "A vida é como uma peça teatral, na qual você vê homens bons e maus em conflito no palco, mas que atrás das cortinas são todos amigos. Deus e Satanás andam de mãos dadas nos bastidores".

Registro também as palavras de Yen-Men, um dos maiores mestres orientais: "Se você busca a verdade plena, não se preocupe com o certo e o errado. O conflito entre o certo e o errado é a doença da mente".³

Desde que o mal não existe, conclui-se que o problema do homem não é o pecado, mas sim a ignorância. Tudo o que precisamos é de iluminação. O resultado é que eu nunca tenho de me sentir culpado pela maneira como trato você. Mesmo traição, roubo ou injúria pessoal não precisam me encher de arrependimento. Agarrar-se a um padrão objetivo de conduta é algo arcaico e desnecessário, pela simples razão de que tal padrão não existe.

Em qualquer uma das maneiras como o relativismo se apresenta, seja vestido de acordo com as culturas orientais ou por perspectivas reconhecidamente irracionais do Ocidente, o resultado é o mesmo. Sem um padrão objetivo de moralidade, o mais hediondo dos crimes pode ser justificado. Além do mais, ninguém vive coerentemente com o relativismo que defende. Se um relativista tem seu carro roubado, ou sua esposa estuprada, ele imediatamente apela para um padrão objetivo de moralidade!

O relativismo também é contrário à consciência que ainda reside em nós, como seres caídos, embora ela possa ser imperfeita. Sabemos que existem certas coisas que sempre são erradas, não importa as circunstâncias ou a cultura. Nosso problema é que não podemos, por nós

mesmos, defender nossas crenças racionalmente. Assim, cada pessoa se torna uma lei para si mesma.

Realmente, Adão e Eva chegaram a conhecer "o bem e o mal". Só que esse "conhecimento" foi uma maldição e não uma bênção. O homem teria de gastar muita energia para aplacar sua consciência e lidar com a culpa por ter quebrado o padrão que ele intuitivamente sabia que estava certo. Na maioria das vezes, ele tentaria eliminar os limites e fazer o que lhe agradasse.

Existe mais uma mentira que domina boa parte do mundo.

A mentira do hedonismo

O que motivou Eva a desobedecer a Deus? É verdade que ela foi enganada, quando pensou que a serpente esclarecia as instruções de Deus; contudo, ela também se desviou devido a sua fascinação pelo fruto proibido:

"Vendo a mulher que a árvore era boa para se comer, agradável aos olhos, e árvore desejável para dar entendimento, tomou-lhe do fruto e comeu, e deu também ao seu marido, e ele comeu" (Gn 3.6).

A intuição de Eva lhe disse: "Não pense, apenas sinta!" A verdade objetiva é fria e severa demais; as palavras de Deus não são tão importantes quanto a sensação certa. Desde que o mundo não pode ser compreendido racionalmente e o conhecimento que você tem não pode satisfazer inteiramente, siga seus sentimentos.

É assim nosso mundo aceita a filosofia de Woody Allen: "O coração quer o que deseja!" O que você crê não é importante; você deve simplesmente seguir o coração. Assim, os homens abandonam suas esposas para encon-

trar felicidade com outras mulheres e senhoras deixam os maridos para realizar seus sonhos. Já que você só vive uma vez, tem de "aproveitar", como as propagandas normalmente sugerem. Não é de se estranhar que cada um faz "o que é certo aos seus próprios olhos".

Embora a palavra hedonismo seja freqüentemente associada com o compromisso de alcançar o prazer sexual a qualquer custo, ela tem uma aplicação mais ampla em nossa sociedade. A doutrina de que o prazer ou a felicidade de alguém é seu bem mais elevado tem sido a faísca que tem acendido muitas labaredas de atitudes erradas.

Os filósofos têm tentado refrear o hedonismo quando dizem que devemos agir de maneira que maximizemos não só a nossa própria felicidade, mas também a da maioria. Essa racionalização tem somente justificado os erros mais inaceitáveis. Se Hitler acreditava que seis milhões de judeus atrapalhavam a felicidade de noventa milhões de alemães, tinha uma obrigação de garantir a felicidade da maioria. Que mentira!

DEUS, A SERPENTE E VOCÊ

Quando Satanás viu Eva comer o fruto e depois dar a seu marido, que estava a seu lado, ficou exultante. Qualquer dúvida que tivesse sobre sua decisão de se rebelar contra Deus por um momento foi esquecida. Ele conseguiu separar o homem do Criador; então parecia que Adão se uniria a Satanás. Tanto quanto ele sabia, toda a humanidade ficaria ao seu lado, na rebelião contra Deus. Se não podia ter todos os anjos, pelo menos teria todas as criaturas desse novo tipo, chamado ser humano. Ele estava totalmente seguro — e tinha razão — de que o pecado de Adão e Eva contaminaria seus descendentes.

Quando Deus chegou, na viração do dia, Adão e Eva não correram ao seu encontro; esconderam-se entre as

árvores, cobertos com folhas de figueira. O interruptor havia sido desligado. Trevas envolveram suas consciências e eles eram incapazes de consertar isso.

Alguém me contou uma vez sobre uma mensagem pichada em um muro, que dizia: "Humpty Dumpty foi empurrado!!"² Um lembrete de que as confusões que fazemos sempre são por culpa de outra pessoa! Quando Deus perguntou a Adão se tinha comido o fruto, ele se recusou a responder e lançou a culpa sobre a esposa: "A mulher que me deste por esposa, ela me deu da árvore, e eu comi" (Gn 3.12). O erro, de acordo com Adão, está na mulher sem força de vontade que Deus criou para ele. Por favor, note que ele transferiu a culpa para ela, embora não houvesse a menor chance dele ter-se casado com a mulher errada!

Adão e Eva, como aconteceu com Lúcifer antes deles, aprenderam que podemos ser capazes de empurrar Humpty Dumpty de cima do muro, mas não podemos colocá-lo de volta. Somente Deus pode restaurar a beleza de uma criatura danificada. Ou, colocando isso na linguagem de Humpty Dumpty, embora um homem possa escolher quebrar um ovo, nenhuma série de escolhas posteriores irá restaurar a casca quebrada!

Com relação a Deus, Ele não seria escarnecido. Ele tinha algumas palavras para a serpente: "Porei inimizade entre ti e a mulher, entre a tua descendência e o seu descendente. Este te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar" (Gn 3.15).

² Humpty Dumpty é o personagem de uma história infantil em forma de verso. De acordo com a história, o personagem tem a forma de um ovo e vive em um país distante, onde todos são muito felizes. O país é cercado por uma grande muralha. Envolvido pelos conselhos de um dragão perverso, que vive fora das muralhas, Humpty Dumpty resolve contrariar as leis do seu país. No final, ele sobe em cima da muralha e acaba caindo lá de cima. (Nota do Tradutor).

Aqui temos a primeira menção do Evangelho no Antigo Testamento. Deus estaria envolvido no conflito. Independentemente de quão robusta a árvore das falsas religiões se tornaria, ela finalmente seria derrubada. O conflito seria intenso, mas, no final, Deus venceria. Ele faria o que Adão e Eva não podiam. Vários outros pontos precisam ser estabelecidos sobre a resposta do Todo-Poderoso diante da situação que se apresentou no Jardim do Éden.

1. *Deus toma a iniciativa na batalha.* Ele diz: "Eu farei". Lúcifer havia dito "Eu farei", mas Deus também declara: "Eu farei". Duas vontades entrariam em conflito, numa tentativa de governar o mundo. Antes mesmo que o homem olhasse para Deus e buscasse ajuda, o Criador já prometeu ajudá-lo. Se havia uma confusão para ser arrumada, Deus faria isso. Ele iria restaurar a casca quebrada do ovo.

2. *A serpente seria esmagada por um mediador.* Se a mulher foi enganada pela serpente, seria a semente da mulher que esmagaria a criatura maligna. Ela teria um filho que desferiria o golpe fatal. Sobre sua semente, Deus disse: "Ele lhe ferirá a cabeça" (v. 15).

3. *Essa vitória seria consumada por meio do sofrimento.* Haveria libertação para a humanidade, mas não seria uma libertação fácil. Essa "inimizade" resultaria em um contraste de feridas. A semente da mulher esmagaria a cabeça da serpente; por sua vez, a serpente seria capaz apenas de ferir o calcanhar do Redentor (v. 15). A diferença seria como aquela entre um soco no queixo e um tapinha nas costas.

Satanás não tinha como prever essa intervenção divina. Ele não sabia que Deus tomaria a iniciativa e reconciliaria a humanidade. Ele não sabia que essa seria sua

própria condenação e queda. O conflito, que ele achava estar sob controle, foi tomado de suas mãos. A batalha não seria mais entre a serpente e o homem, mas muito mais feroz: entre Deus e a serpente.

Quanto maiores as mentiras, maior a punição. A serpente será punida não só por seu ato inicial de rebelião, mas por toda a desobediência subsequente, que emanou dali. Ela perde cada vez que ganha. Não importa quanta confusão ela crie, pois Deus tem toda a eternidade para endireitar as coisas erradas. E Ele fará isso.

Os vidros estavam tombados e as tintas escorriam sobre a tela, mas Deus estava pronto a usar toda aquela confusão para pintar seu próprio quadro. A serpente via apenas o presente; o amanhã estava fora do alcance de sua visão. Deus via o quadro de forma totalmente diferente: era apenas o cumprimento da promessa de vida eterna, feita nas épocas passadas.

A serpente não sabia que algum dia haveria um homem chamado John Newton, que seria tão vil, a ponto de desafiar os amigos a pensarem sobre algum pecado que ele ainda não tivesse cometido. Mesmo assim, ele foi redimido por Deus e escreveu:

Maravilhosa graça! Que doce som,
Que salvou um miserável como eu!
Eu uma vez estava perdido,
mas agora fui encontrado;
Estava cego, mas agora posso ver.

Quando estivermos lá por dez mil anos,
Luzes brilhantes como o sol,
Não teremos menos dias para cantar louvores a Deus
Do que quando primeiro começamos.

Apesar de ouvir a promessa de Deus, a serpente não se dá por vencida. Embora tenha sido avisada que seria esmagada, escolheu continuar no jogo, apesar de a cada dia as apostas ficarem cada vez mais altas e sua dívida cada vez mais elevada.

Ela iria contra-atacar, com a vã esperança de que o plano de Deus ainda pudesse ser frustrado. Realmente, algumas vezes parecia que iria vencer. Assim, escolheu a ilusão, no lugar da realidade. Melhor ter uma esperança vã, do que nenhuma esperança.

E agora o conflito começa a esquentar.

5

A serpente contra-ataca

Existe uma história, talvez fictícia, sobre uma empresa construtora que convidou vários empreiteiros a apresentarem orçamentos para a construção de um grande complexo industrial. O empresário que oferecesse o menor preço ficaria com o contrato. Não é preciso dizer que os orçamentos eram secretos.

No último dia da licitação, um empreiteiro entrou na sala do presidente da companhia, com um formulário na mão. Para sua surpresa, o escritório estava vazio; ele ficou lá sozinho e arriscou dar uma olhada sobre a grande mesa de mogno.

Surpreso, viu o orçamento de seu maior concorrente aberto sobre a mesa. O único problema era uma lata de refrigerante emborcada bem em cima da parte mais importante do documento. Se ele soubesse a quantia escrita naquela linha, poderia ajustar seu próprio orçamento com um valor um pouquinho abaixo e o contrato milionário seria seu.

O empreiteiro andou nervosamente de um lado para outro, ciente do que estava em jogo. Ele pensou em mover a lata por um segundo, o tempo suficiente de ler o valor, e colocá-la de volta. Ele a tocou, mas não foi capaz de fazer aquilo.

Olhou ao redor da sala novamente. Então, certo de que ninguém o contemplava, levantou rapidamente a lata, para obter o preço do concorrente. Para sua vergonha e decepção, assim que suspendeu a lata de cima da mesa, centenas de bolinhas de chumbo (que estavam guardadas dentro da lata) espalharam-se por toda a mesa e rolaram pelo chão.

Aquele homem experimentou em primeira mão a lei das conseqüências não planejadas. Achou que podia controlar as implicações de sua desonestidade, mas descobriu que eventos imprevisíveis são desencadeados junto com a tentação. Um simples ato teve repercussões que ele jamais havia imaginado. A lata de refrigerante reservava-lhe uma grande surpresa.

Se não inocentemente, pelo menos ingenuamente, Adão e Eva desobedeceram a Deus, sem perceber que iniciavam um terremoto moral e espiritual que repercutiria em todo o Universo. Eles, assim como Lúcifer, não tinham idéia dos resultados funestos que aquele único ato de desobediência iria gerar. Provavelmente ficaram surpresos que um pequeno delito produzisse um cadeia interminável de grandes males.

Já aprendemos que os anjos foram criados separadamente e caíram também individualmente; eles não têm pai nem mãe. Não há dificuldade em crer que apenas um terço caiu e que os outros dois terços mantiveram a lealdade a Jeová. No caso do homem, porém, toda a humanidade seria descendente de Adão e Eva; assim, quando

caíram, eles levaram toda a raça humana para a queda. Daquele dia em diante, cada ser humano seria contaminado com o vírus do pecado.

Quando Satanás soube que seria esmagado pelo “descendente da mulher”, ou seja, alguém que nasceria por meio do processo da procriação, tentou identificar seus progenitores e lutar contra eles. Empenhou-se em matar qualquer um que pudesse ser o redentor prometido. A destruição da semente real seria sua mais elevada prioridade. A história desse conflito encontra-se na maior parte do Antigo Testamento.

A serpente ataca onde pode com o seu veneno mortal. Embora saiba que sua condenação é certa, luta como se tivesse mais uma chance de vitória. Somente o pensamento de vencer já deve satisfazê-la. Ela deveria contentar-se em saber que feriria o tornozelo da semente da mulher.

O tempo permite que Satanás faça o que pode parecer um ataque fatal ao plano de Deus, mas somente para descobrir que foi novamente derrotado. Não importa quão acirrada a luta se torne, o Todo-Poderoso sempre faz o movimento final no tabuleiro.

A serpente fará uma série de ataques contra Deus e seu povo. O Todo-Poderoso, contudo, mantém alguns trunfos.

ATAQUE CONTRA A FAMÍLIA: DIVISÃO

Adão e Eva tiveram um filho primogênito, que encheu suas vidas de contentamento. Chamaram-no de Caim, que significa “adquirido”. Mal sabiam eles que esse rebento aniquilaria seus sonhos. Eles foram os primeiros pais a se desapontar com a existência daquele, filho, mas não os últimos. Em toda a história, muitos genitores enfrentariam o desafio de “ter um filho Caim”!

Ao que parece, Caim foi uma criança feliz, até o nascimento de seu irmão Abel. Então começou a competição,

uma rivalidade que terminaria em assassinato. O conflito foi em torno da falsa e da verdadeira religião. Deus aceitou a oferta de Abel, tomada dentre o rebanho, contudo, rejeitou a de Caim, composta de frutos da terra. Pode ser que a diferença estivesse no caráter das ofertas. A de sangue foi aceita, contudo, a de frutos foi recusada. Portanto, era necessário que Caim e Abel recebessem explícitas instruções de Deus sobre o tipo de oferta que seria requerida. Talvez tivessem recebido as devidas orientações, mas não sabemos disso com certeza.

Outra explicação, que pode estar correta, é que o conteúdo da oferta não era importante; foi a fé, com que os dois se apresentaram a Deus, que fez a diferença. Lemos em Hebreus 11.4: "Pela fé Abel ofereceu a Deus mais excelente sacrifício do que Caim; pelo qual obteve testemunho de ser justo, tendo a aprovação de Deus quanto às suas ofertas. Por meio dela, também mesmo depois de morto, ainda fala". Quer fosse o conteúdo do sacrifício, ou simplesmente a atitude com a qual era oferecido, sabemos que Caim pensou em chegar a Deus à sua própria maneira, nos seus próprios termos e sem uma mudança de coração.

Esse teimoso primogênito ficou ressentido contra seu irmão. Sentiu o ferrão amargo da rejeição, o sentimento de que não era tão apresentável quanto seu rival mais novo. Se ele vivesse em nossos dias, os psiquiatras teriam-no considerado um portador de baixa auto-estima; a cura seria ver a si mesmo como possuidor de um grande valor. Ele só teria de aceitar e amar a si mesmo da maneira como era. Afinal, ele era inerentemente valioso, tão digno quanto seu irmão.

Ou será que não?

Atualmente, o aconselhamento tornou-se uma vocação popular. Todos nós cremos que as pessoas precisam de bons conselhos, administrados com pesadas doses de amor e aceitação incondicional. Deus, contudo, não falou a Caim sobre tais coisas. Ele lhe disse claramente que só poderia esperar a aprovação dele se houvesse uma mudança em seu coração: "Por que andas irado? E por que descaiu o teu semblante? Se procederes bem, não é certo que serás aceito? Se, todavia, procederes mal, eis que o pecado jaz à porta; o seu desejo será contra ti, mas a ti cumpre dominá-lo" (Gn 4.6,7). Se Caim agradasse a Deus, fazendo o que era certo, tudo iria bem. Senão, o pecado estaria na espreita, como um animal feroz à porta, pronto para precipitar-se sobre ele. *Ou ele venceria o pecado, ou seria dominado por ele.*

Deus livraria alguns de suas garras

Caim não era um bom aluno. Não cumpriu sua lição de casa. Escolheu alimentar seus ciúmes, ao invés de confessar e alcançar a misericórdia divina. Em vez de se arrepender e colocar o assunto nas mãos de Deus, seu coração maligno articulou o meio mais sinistro de igualar o placar. Poderia acalmar sua sede de vingança assassinando seu irmão. Com ele fora de ação, alcançaria a auto-gratificação que desejava e satisfaria seus próprios desejos.

O ciúme se transformou em ira. Caim atacou Abel e, pela primeira vez na História, o sangue humano foi derramado sobre o chão. Como foi que aquela simples competição entre irmãos tornou-se algo pecaminoso? Satanás insuflava a ira de Caim. Lemos que ele assassinou Abel porque "era do maligno" (1 Jo 3.10-12). Caim entre-

gara sua vida a um inimigo invisível. Sim, ele era responsável pelo que fizera, porque ele — e não Satanás — cometeu o ato repulsivo, mas quando o diabo encorajou o ciúme de Caim e o fez crescer até sair do controle, uniu-se a ele na realização do primeiro assassinato no mundo.

A ira de Satanás era compreensível, se não racional. Depois que Adão e Eva comeram o fruto proibido, ele pensou que toda a raça humana estaria do seu lado. Ficou muito zangado ao descobrir que Deus estava disposto a livrá-la de suas garras. Para aliviar essa ira, atacaria pessoas justas como Abel e trataria qualquer ser humano piedoso como uma ameaça.

Satanás provavelmente viu Abel como “o descendente da mulher” (Gn 3.15). Pensou que a profecia proferida por Deus no Jardim do Éden cumpria-se diante de seus olhos. Achou que conseguira virar a profecia ao contrário. Com Abel estirado no chão, na poça do próprio sangue, Satanás acreditava que esmagara a cabeça do redentor de Deus. Talvez tivesse virado o jogo e desferido o golpe esmagador. Em sua mente, Satanás tinha a manchete: “Satanás leva a melhor sobre Deus!”

Ou será que não? Deus concedeu a Adão e Eva outro filho, o qual chamaram de Sete, que significa “substituto”. Satanás então entendeu que não importava quantos assassinatos ele instigasse, não importava quantos descendentes ele destruísse, pois outros se levantariam e tomariam seus lugares. Frustrar os planos de Deus seria mais difícil do que ele tinha suposto.

A discórdia dentro da primeira família retratava a divisão de toda a raça humana. Sempre haveria a batalha entre o justo e o injusto. Caim foi o primeiro, mas não o último devoto da falsa religião. Séculos mais tarde, um

escritor do Novo Testamento despreveria os arrogantes mestres religiosos como aqueles "que quanto a tudo o que não entendem, difamam; e, quanto a tudo o que compreendem por instinto natural, como brutos sem razão, até nessas coisas se corrompem. Ai deles! Porque prosseguiram pelo caminho de Caim e, movidos de ganância, se precipitaram no erro de Balaão, e pereceram na revolta de Coré" (Jd 10,11).

"O caminho de Caim" é a trilha da religião falsa e arrogante. Ele foi o protótipo daqueles que buscam aceitação em seus próprios pensamentos e não segundo Deus. A pessoa que senta ao seu lado no ônibus, ou o vizinho que vive na porta ao lado, todos os que crêem que podemos escolher nosso próprio caminho para Deus, podem traçar sua linhagem espiritual até Caim.

O que aconteceu quando Deus confrontou Caim com seu pecado? Como seu pai Adão, ele tentou transferir a culpa, ao responder de forma evasiva e fingir ignorância. O Senhor perguntou: "Onde está Abel, seu irmão?" (Gn 4.9). Caim respondeu: "Não sei: acaso sou eu tutor de meu irmão?" É claro que ele mentia. Não havia verdade nele.

Deus amaldiçoou Caim. "És agora maldito sobre a terra cuja boca se abriu para receber de tuas mãos o sangue de teu irmão" (v. 11). Caim reclamou que essa punição era muito grande, desproporcional ao crime cometido. Deus, então, colocou uma marca nele, para impedir que alguém o matasse; e foi condenado a perambular pela terra. Caim saiu para formar uma sociedade ímpia e estabeleceu-se em Node (literalmente 'vaguear'), a leste do Éden (v. 16).

A satisfação da vingança não compensou o sofrimento que experimentou depois. Ele escolheu seu próprio desti-

no, ao julgar que, se colocasse a si mesmo em primeiro lugar, seria o melhor. Não aprendeu a lição, a qual todos nós devemos nos lembrar: *A vontade de Deus é algo que todos nós escolheríamos, se conhecêssemos todos os fatos.*

Caim casou-se com uma mulher que certamente era sua irmã e tornou-se pai de um menino, o qual chamou de Enoque e colocou também seu nome em uma cidade. Essa civilização, em sua maior parte, seguiu os passos de seu progenitor. Caim gerou descendentes à sua própria imagem arrogante. Essa sociedade que abandonou a Deus, a despeito disso, prospera. Produz música, armas, aparelhos agrícolas, cidades e cultura. E com o aumento da sabedoria, vem também o desenvolvimento da impiedade.

O grande ataque da serpente contra a primeira família foi a tentativa de matar um homem justo. O ataque foi a expressão do conflito religioso entre dois irmãos, um dos quais não estava satisfeito com a prosperidade do outro. Por trás da dinâmica humana, encontrava-se a luta entre Deus e Satanás, entre o descendente da mulher e a semente do diabo.

Hoje, Satanás desistiu de destruir o descendente da mulher, pois Cristo já veio. Ele continua, porém, seu ataque contra as famílias. Esse é seu principal meio de "revidar contra Deus".

Deus designou a família como meio de propagar a fé de uma geração para outra. Os pais devem ensinar aos filhos sobre o Criador e, assim, sucessivamente. No entanto, hoje somos assolados por lares desajustados, abusos sexuais, diversas imoralidades e outras coisas – tudo isso é parte do plano da serpente para destruir o testemunho de Deus no mundo.

O veneno da serpente passa dos lares para as igrejas e empresas. Espalha-se por toda a sociedade e pelo governo. Esse mal tem instigado muitas guerras e ceifado mi-

lhões de vidas. A história da raça humana é o registro da humanidade caída que tropeça e escolhe o caminho de Caim, ao invés do de Abel.

E quanto aos descendentes de Sete, o substituto de Abel? Começaram a proclamar o nome do Senhor. Por meio deste patriarca viriam Noé e Abraão, pessoas que buscaram a Deus e receberam sua bênção. Finalmente, o descendente da mulher surgiria.

O primeiro contra-ataque da serpente funcionara bem. Embora pareça que Deus conservou-se à distância, na realidade sua agenda cumpria-se integralmente. Para a consternação do diabo, uma semente era preservada e pelo menos alguns homens e mulheres invocavam o nome do Senhor.

Deus provou que, mesmo que fossem mortos alguns membros da raça humana, Ele levantaria outros para herdar a promessa. Eventualmente, as vitórias da serpente seriam apenas ilusórias.

ATAQUE CONTRA A SOCIEDADE: CORRUPÇÃO

Desde que a serpente não podia destruir o descendente prometido, sua segunda estratégia era corrompê-lo. Quando os seres humanos começaram a se multiplicar sobre a Terra, a impiedade também iniciou seu processo de multiplicação. Tornou-se tão grande que "era continuamente mau todo desígnio do seu coração" (Gn 6.5).

O capítulo 6 de Gênesis tem provocado controvérsias e com razão. Nós lemos: "Como se foram multiplicando os homens na terra, e lhes nasceram filhas, vendo os filhos de Deus que as filhas dos homens eram formosas, tomaram para si mulheres, as que, entre todas, mais lhes agradaram" (6.1,2). Os "filhos de Deus" unidos com as "filhas de homens"?

Essa expressão “filhos de Deus” é interpretada de duas maneiras: 1) alguns acham que se refere simplesmente à linhagem piedosa de Sete, enquanto as “filhas dos homens” eram as caimitas, ou descendentes de Caim. Em outras palavras, a expressão poderia descrever os casamentos mistos entre a raça justa e a injusta. Essa interpretação, entretanto, não faz justiça à terminologia e ao contexto; 2) outros pensam que esses “filhos de Deus” eram demônios que mantiveram relações sexuais com certas mulheres na Terra. Sabemos que existem registros comprovados de anjos caídos que assumiram formas humanas e tiveram envolvimento sexual, mas é pouco provável que tais uniões resultaram em gravidez. Embora possam materializar-se, até onde sabemos, jamais os anjos geram filhos.

A melhor maneira de se entender essa passagem é tomar a expressão “filhos de Deus” como a descrição de governantes poderosos controlados (possuídos) por anjos caídos. Esses seres malignos deixaram seu domicílio e habitaram nos corpos de guerreiros humanos, os mais poderosos da Terra. Esses governantes poderosos não eram divinos, nem descendentes dos deuses (como era freqüente acreditar-se nas religiões pagãs).

Pelo contrário, esses “varões valentes e de renome” eram seres humanos comuns, possuidores de força extraordinária, porque eram controlados por demônios. Viviam em extrema e incontrolável sexualidade e violência. Casavam com grande número de mulheres, conforme desejavam, e engajavam-se em toda sorte de perversão sexual. Os filhos desses casamentos não eram divinos, mas homens de carne e osso, que posteriormente morreram no Dilúvio.

Deus observava tudo: "Viu o Senhor que a maldade do homem se havia multiplicado na terra, e que era continuamente mau todo desígnio do seu coração" (v. 5). O Criador lamentou o fato de ter criado o homem, ou seja, estava triste com a impiedade e decidiu que daria, com efeito, um novo início à raça humana. Um dilúvio destruiria todos os habitantes da Terra.

É muito provável que as esperanças da serpente foram renovadas. Se toda a humanidade seria afogada, o descendente da mulher não nasceria. Aparentemente, o próprio Deus faria o que o diabo não conseguira. O Todo-Poderoso enviaria um dilúvio, e a humanidade inteira seria destruída.

Novamente, contudo, Deus transformou a derrota em vitória: "Porém Noé achou graça diante do Senhor" (v. 8). Uma família seria poupada e por meio dela o descendente da mulher ainda viria. A serpente, embora estivesse satisfeita com a perspectiva da morte prematura dos ímpios, ainda tinha trabalho a fazer.

Quanto àqueles espíritos malignos que habitavam nos antigos governantes, Deus os confinou em um calabouço escuro e eu creio que atualmente não têm liberdade de circular pela terra. Pedro escreveu: "Ora, se Deus não poupou a anjos quando pecaram, antes, precipitando-os no inferno, os entregou a abismos de trevas, reservando-os para juízo; e não poupou o mundo antigo, mas preservou a Noé, pregador da justiça, e mais sete pessoas, quando fez vir o dilúvio sobre o mundo dos ímpios" (2 Pe 2.4,5). Existe um grupo de anjos que já está debaixo do juízo, embora ainda não se encontre no lago de fogo.

Esses espíritos foram confinados pouco antes dos dias de Noé; eles participaram da poluição moral e espiritual

de toda a sociedade antiga. Era uma sociedade que, humanamente falando, "cansou" Deus. Sua resposta foi executar o juízo e removê-la: "Farei desaparecer da face da terra o homem que criei, o homem e o animal, os répteis, e as aves dos céus; porque me arrependo de os haver feito" (v. 7).

Mate-os ou corrompa-os! Essa foi a estratégia do diabo, durante toda a história do mundo. Imoralidade, perversão sexual, pornografia, crianças molestadas sexualmente — nossa própria sociedade traz as marcas dessa corrupção.

O relacionamento sexual é um presente dado por Deus, para ser experimentado pelos que são casados. Ele representa o mais agradável tipo de comunicação entre seres humanos e o símbolo do amor de Cristo por sua igreja.

Relações sexuais fora do casamento prometem um céu, mas no final as conseqüências são como um inferno. Satanás sabe disso, apesar de nossa sociedade nada entender. Portanto, a tentação sexual não só é nossa área de maior vulnerabilidade, como também tem potencial para causar as feridas mais dolorosas.

A deusa da sexualidade apresenta-se em filmes, músicas e shows. Ela afirma que a permissividade é o caminho para a felicidade; ela nos assegura que a tentação da intimidade proibida compensa todas as conseqüências negativas. Ela beijará e depois trairá a alma para sempre. Eis as palavras de Cristo:

"Pois assim como foi nos dias de Noé, também será a vinda do Filho do homem. Porquanto, assim como nos dias anteriores ao dilúvio, comiam e bebiam, casavam e davam-se em casamento, até ao dia em que Noé entrou na arca, e não o perceberam, senão quando veio o dilúvio e os levou a todos, assim será também a vinda do Filho do homem" (Mt 24.37-39).

O sucesso das promessas de Deus dependia da pequena família abrigada na arca. Se aquela embarcação afundasse nas águas frias, as promessas de Deus naufragariam junto com ela. Cristo não nasceria em Belém e, portanto, não morreria para redimir a humanidade e até mesmo Adão e Eva provavelmente sofreriam com Satanás eternamente no Inferno.

A arca, todavia, não afundou. Para falar mais especificamente, ela jamais naufragaria, porque Deus havia proferido que o descendente da mulher esmagaria a cabeça da serpente. A promessa divina, que flutuava dentro da arca, estava segura. Deus tinha falado. E se Ele promete, porventura não cumprirá?

A serpente havia lançado seu ataque mais decisivo, porém, como sempre, errou o alvo. Deus estava um passo à frente, orquestrando, planejando e levando a melhor. Deus provou que não importa o quanto a raça se torne pecaminosa, Ele sempre pode, segundo sua vontade, preservá-la.

ATAQUE CONTRA A LINHAGEM REAL: MATEM-NOS

Apesar de Noé e sua família sobreviverem ao Dilúvio, seus descendentes logo se desviaram do Senhor e seguiram seus próprios caminhos. Ao invés de se espalharem, como Deus ordenara, muitos permaneceram em Sinear e iniciaram uma torre cujo topo chegasse até os céus (Gn 11.4). Em seu desagrado, Deus confundiu a língua deles, de maneira que não entendiam uns aos outros. O nome do lugar passou a ser Babel e foi a origem do ocultismo babilônico.

A corrupção estava tão difundida, que não temos notícia de alguém que andou com Deus depois de Babel. Cer-

tamente Satanás regozijava-se, ao pensar que a humanidade estava tão degradada, que nenhum descendente jamais se levantaria para destruí-lo. Novamente, a vitória da serpente parecia completa e abrangente. Imagine um mundo onde não houvesse um único justo!

A promessa de Deus estava preservada junto com ele!

Deus, porém, tinha outros planos. Soberanamente, escolheu um homem e o tirou da idolatria, para torná-lo o pai da nação por meio da qual o redentor viria. Ele provou que mesmo os que não tivessem uma linhagem piedosa poderiam se tornar seguidores do Todo-Poderoso, quando Ele agisse diretamente em suas vidas. Quando Deus quisesse, poderia simplesmente *escolher* homens para segui-lo!

“Ora disse o Senhor a Abrão...”

Com essas palavras, em Gênesis 12, começa todo um novo capítulo na história da redenção humana. Satanás, que fica atento cada vez que Deus faz um pronunciamento, gradualmente foi percebendo que o descendente que o destruiria, viria por meio de Abraão, Isaque, Jacó, Judá e Davi.

Note como já fomos longe. Deus provou que pode, se assim desejar, *multiplicar* a raça para cumprir sua promessa; provou que pode, se quiser, *preservar* uma semente, ao retirar a justiça do meio da injustiça. Essas e outras opções estão sempre à sua disposição.

Antes de Cristo nascer, houve pelo menos um outro atentado para destruir a possibilidade da vinda do Redentor. Devido à promessa de Deus, Satanás sabia que o descendente da mulher viria da linhagem de Davi. E a serpente tentou destruí-la.

Uma mulher perversa, chamada Atália, tentou exterminar a linhagem real, por meio de um impiedoso complô em busca de poder pessoal (2 Re 11.1). Ela era filha de Acabe e Jezabel e esposa de Jeorão, rei de Judá, o qual fora castigado por Deus por sua desobediência. Perpetuava, portanto, a história pecaminosa de sua família.

Os filhos de Atália foram assassinados pelos filisteus e árabes (2 Cr 21.16,17); então, ela viu a possibilidade de conquistar o trono para si mesma. Assim, providenciou para que todos seus netos fossem mortos, em total menosprezo ao mandamento de Deus de que os descendentes de Davi governariam em Judá para sempre.

A promessa de Deus, contudo, não foi subvertida. Uma tia escondeu um dos setenta netos e ele escapou da ira dessa mulher maligna. Enquanto o pequeno Joás era protegido, a promessa de Deus estava lá, preservada junto com ele! Ele precisava sobreviver, para que a palavra de Deus a Davi permanecesse. Quando sua perversa avó morreu, Joás foi coroado rei e a linhagem foi salva.

Sem dúvida, aquela tia, sobre a qual a Bíblia fala pouco, não tinha idéia de que exercia um papel crucial na história da redenção. Ela escondeu o garoto somente porque era a coisa mais certa a fazer diante da tragédia que surpreendeu o reino de Israel. Humanamente falando, porém, a vontade e a promessa de Deus estavam na balança. A integridade divina estava vinculada à vida de uma criança assustada, que muito provavelmente não tinha a menor idéia do que acontecia. Uma vez mais, Satanás provou o gosto da vitória, mas quando a saboreava em sua boca, transformou-se em amargo veneno.

OS MEIOS DE SATANÁS E A DEMORA DE DEUS

É claro que a batalha nunca é tão apertada quanto Deus permite que pareça. Ele sempre tem todos os trunfos. Certos princípios pelos quais Satanás opera começam a se delinear.

1. *A principal estratégia de Satanás é dirigida contra o povo de Deus.* As nações e religiões que ele já tem em sua possessão não representam uma ameaça. Ele nos espreita, com o intuito de devorar os que têm crido em Jesus. Sabe que tem de abdicar do controle sobre os que o Todo-Poderoso tem escolhido, por isso considera o povo de Deus seu inimigo número um.

No Antigo Testamento, seu inimigo era Israel, o povo por meio do qual o descendente viria. De fato, no futuro ele tentará novamente exterminar a nação de Israel, para que Deus não possa cumprir as promessas que ainda não foram cumpridas (Ap 12). Falaremos mais sobre isso posteriormente.

Atualmente, a Igreja é o seu grande inimigo — e ele utiliza as mesmas táticas do passado. Durante os primeiros três séculos do Cristianismo, tentou destruir a igreja por meio de dez perseguições instigadas pelo Império Romano politeísta. O sangue dos mártires, contudo, tornou-se a semente da Igreja. Não importava quantos cristãos fossem mortos, pois muitos se levantavam entre os gentios e ocupavam seus lugares.

A ilusão de Satanás
é alimentada pela aparência
de vitória

Depois de Constantino, Satanás desistiu de perseguir a Igreja; em vez disso, procurou corrompê-la. Então o Cristianismo passou a ser a religião oficial do Império Romano, pois muitos se tornaram cristãos e multidões passaram a fazer parte da Igreja. Muitas pessoas, seguidoras de religiões pagãs, mantinham suas práticas e a igreja politicamente corrupta as acolhia. Quando os verdadeiros seguidores de Cristo tentaram romper com a igreja oficial, sofreram terríveis perseguições. Os hereges, queimados nas estacas, freqüentemente eram os cristãos mais sinceros que já viveram na Terra.

Ainda hoje, por meio das confusões doutrinárias e da degeneração moral, Satanás continua sua perseguição incansável ao povo de Deus. Ele quer envenenar nosso compromisso com Jesus por meio da contaminação do mundo. Quer nos fazer tropeçar, para assim perdermos nosso amor a Deus e deixarmos de ser eficientes como representantes de Cristo para o mundo. Quer nos dividir, diluir e destruir.

Se você procura a mensagem do Evangelho, ele tentará cegá-lo; se você já é um cristão, tentará enganá-lo. Seu método é nos convencer de que Deus não é bom, para que assim nos voltemos contra Ele. O diabo vem roubar as bênçãos divinas e fazer com que seus caminhos pareçam melhores do que os do Todo-Poderoso. Quanto mais espiritual for a pessoa, mais persistentes serão seus ataques. Para ele, destruir a fé de um crente é muito melhor do que receber a adoração tácita de muitos incrédulos, que estão satisfeitos no seu reino de trevas.

2. *Todas as vitórias de Satanás são ilusórias.* Pirrus travou uma batalha contra Roma, na qual teve tantas baixas em seu exército que, segundo dizem, afirmou: "Se vencermos outra batalha como essa, seremos aniquilados!"

Sim, Satanás vence algumas batalhas importantes. Deus lhe permite o privilégio de vencer temporariamente seus filhos, semeando a dissensão, a corrupção e até mesmo a morte. Lembre-se, porém, que, ao vencer, ele perde e sua futura punição no lago de fogo torna-se ainda maior.

A ilusão de Satanás é alimentada pela aparência de vitória. Abel foi morto, mas Sete o substituiu. A humanidade foi corrompida, mas Noé permaneceu fiel. As nações tornaram-se pagãs, mas surgiu Abraão, considerado amigo de Deus. Quase toda a linhagem real foi massacrada, mas Joás foi salvo da morte. Os meninos de Belém foram massacrados, mas Cristo escapou para o Egito. *Satanás está bem distante da vitória, mesmo quando parece tê-la nas mãos.*

Sua humilhação final e seu tormento são tão inevitáveis quanto para aqueles espíritos no Tártaro que têm, aparentemente, muito pouco a fazer a não ser contemplar o destino que seguramente os aguarda. Não têm mais vitórias, nenhum plano para lutar contra Deus. O conhecimento da condenação certa deles faz a serpente do Paraíso estremecer. O veneno com o qual aflige outros se voltará contra sua própria cabeça.

Nossa vitória é real. Nossa vitória é genuína por uma razão: estamos com Cristo em seu triunfo. Jesus nos convida a participar da destruição da serpente. Somos os vitoriosos, porque Cristo já venceu por nós.

Ah, se tivéssemos apenas 20% da visão do mundo espiritual! Quando os sírios vieram contra Eliseu, planejando matá-lo, o profeta confortou seu aterrorizado servo. Os inimigos compunham um grande destacamento de carros e cavaleiros, que cercaram a cidade de Dotã, onde eles estavam. Eliseu deu essa palavra de encorajamento ao seu servo: "Não temas; porque mais são os que estão

conosco do que os que estão com eles" (2 Rs 6.16). Então orou e "o Senhor abriu os olhos do moço, e ele viu que o monte estava cheio de cavalos e carros de fogo, em redor de Eliseu" (v. 17).

Conta-se a história de um artista que pintou um quadro, com a figura de um rapaz jogando uma partida de xadrez com o diabo. O perdedor deveria tornar-se servo do vencedor. No quadro, o diabo deu xeque-mate em três lances. O rosto pálido do jovem refletia seu horror, ao ouvir aquelas apavorantes palavras de derrota certa.

O enxadrista Paul Morphey, contudo, observou o quadro, e estudou todas as posições das várias peças. De repente ele exclamou: "Rapaz, existe uma saída!"

O pintor tinha deixado escapar uma possível combinação de movimentos; afinal, não era xeque-mate. Cristo veio à Terra para nos mostrar que é só *aparência* Satanás nos ter em suas garras.

Quando Satanás faz seu pior, Deus faz seu melhor. De acordo com um plano elaborado nos conselhos da eternidade, Cristo veio ao mundo para lutar contra a serpente. E o filho de Deus declarou "Xeque-mate".

E Satanás não tem mais uma saída sequer.

6

A serpente é esmagada

Houve uma rápida escaramuça; a serpente se debateu, suas presas estavam prontas para o bote, e ela sibilava para seu oponente. Enquanto a repugnante criatura caía, ofegante, ainda tentou atacar, mas conseguiu apenas morder o calcanhar do pé Daquela que desceu do Céu. Quando terminou o combate, a cabeça da serpente estava esmagada, caída na sujeira, seu corpo em espasmos doloridos. Enquanto gotas do seu veneno caíam no chão, o vitorioso retornou ao Céu, triunfante.

Finalmente, o Filho de Deus se fez carne e habitou entre nós. Muitos séculos antes, o Criador dissera à serpente: "Porei inimizade entre ti e a mulher, entre a tua descendência e o seu descendente. Este te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar" (Gn 3.15). O Todo-Poderoso cumpriu sua promessa.

Quando Cristo nasceu em Belém, a primeira estratégia de Satanás foi matá-lo. O rei Herodes tentou realizar

a obra diabólica. José, o pai adotivo de Jesus, porém, levou-o para o Egito e o plano fracassou.

Se não podia matar o Cristo, então tentaria corrompê-lo! No deserto, porém, Jesus provou que não se inclinaria diante das tentações satânicas. Por mais que tentasse, Satanás não conseguiu convencê-lo a pegar um atalho para se tornar o legítimo governador do mundo. Nem mesmo Pedro foi capaz de pressioná-lo a escolher se salvar, em vez de morrer em Jerusalém. “Arreda! Satanás”, foi a resposta de Cristo (Mc 8.33).

Quando Satanás percebeu que Jesus seguia para Jerusalém, deixou de impedir a cruz e escolheu tornar-se uma figura-chave naquele drama. A razão para a mudança de tática não é difícil de entender. Se Jesus dirigia-se para a cruz, então a antiga serpente teria o prazer de saber que havia participado daquele ato. Seu sádico deleite em ver o Cristo pendurado entre o céu e a terra, sozinho, sem ninguém para ajudá-lo, embora fugaz, era uma tentação à qual não podia resistir. Sim, ele sabia que seu castigo seria maior ainda; sim, ele sabia que a cruz significaria sua derrota final. Tudo isso, contudo, seria amanhã. Hoje, ele inspiraria os homens a matarem o Cristo de Deus, sem se importar que essa vitória fosse apenas ilusória.

A CRUZ, O CONFLITO

Como sabemos que a cruz era um momento de conflito satânico? Primeiro, o próprio Satanás entrou em Judas para trair o Filho de Deus (Jo 13.27). Embora leiamos frequentemente sobre possessão demoníaca no Novo Testamento, no momento em que o conflito decisivo se aproximava, Satanás ia pessoalmente fazer o trabalho sujo. Não podia haver erros — Jesus seria entregue às autori-

dades naquele dia. Judas seria o instrumento humano para realizar a obra satânica.

Deus pode nos reconciliar... e ainda manter sua santidade e integridade?

Segundo, Cristo declarou que aquela era a hora para o maligno assumir o controle e fazer seu trabalho. Depois que Judas o traiu, Jesus disse a seus discípulos que não deveriam reagir nem contra-atacar. Então, dirigindo-se aos principais sacerdotes e capitães, disse: "Saístes com espadas e cacetes como para deter um salteador? Diariamente, estando eu convosco no templo, não pusestes as mãos sobre mim. Esta, porém, é a vossa hora e o poder das trevas" (Lc 22.52,53).

"Por enquanto, vocês venceram!"

Jesus desejava ficar frente a frente com o Inimigo e dizer: "Sim, você pode me humilhar. Sim, você me verá crucificado, despojado de minhas roupas. Sim, você se vangloriará sobre minha aparente fraqueza". Por um breve momento, a serpente estaria exultante, contudo, iria celebrar por pouco tempo. Se aquele momento estava nas mãos de Satanás, a eternidade pertencia a Deus.

Terceiro, o próprio Jesus viu a cruz como a vitória decisiva: "Chegou o momento de ser julgado este mundo, e agora o seu príncipe será expulso. E eu, quando for levantado da terra, atrairei todos a mim mesmo" (Jo 12.31,32). Mesmo em sua "fraqueza", Jesus infligiria a Satanás sua pior derrota e em seu próprio campo. O "príncipe deste mundo" seria derrotado no mundo que ele alegava possuir.

Ouvimos freqüentemente que Satanás foi condenado por meio da cruz. Sabemos que ele foi “expulso” nessa batalha decisiva, o momento mais importante da história humana, apesar de sabermos também que Deus permitiu-lhe o exercício de extraordinário poder nesse mundo.

O que significa dizer que a cabeça da serpente foi esmagada por meio da Cruz? E como nós estamos incluídos na vitória de Cristo?

A CRUZ, OS COMPETIDORES

A Cruz, incrivelmente suficiente, refere-se a nós.

A questão a ser levantada é se Deus pode nos reconciliar consigo mesmo e ainda manter sua santidade e integridade. Resumindo, a questão é: Será que qualquer um de nós teria o direito de pertencer a Deus eternamente, a despeito de fazermos parte de uma raça que se colocou ao lado de Satanás? Ou os pecadores poderiam se tornar filhos de um Deus santo?

Existe uma cena no Antigo Testamento que ilustra exatamente esse dilema. Josué, o sumo sacerdote (nenhuma relação com Josué, o comandante militar), é descrito como se estivesse diante do Senhor “com vestes sujas”. Sem dúvida, sentia-se tão sujo por dentro quanto parecia estar exteriormente. Mesmo pessoas justas sentem-se pecadoras na presença de Deus.

Então, como se já não bastasse o próprio sentimento de vergonha de Josué, lemos que Satanás se colocou “à sua direita, para se lhe opor”. (Para saber toda a história, leia Zacarias 3.1-7.) Isso é tudo o que você precisa saber quando é atormentado pelo sentimento de culpa e fracasso — o diabo ao seu lado, sussurrando em seu ouvido o quanto você é mau! Ele, que é mais perverso do que qualquer um de nós jamais seria, acha que tem o direito de nos julgar!

Essa história, entretanto, ilustra de forma muito precisa nossa situação. O fato é: nós também estamos com “roupas sujas” — uma palavra um tanto forte, mas adequada, quando estamos na presença de Deus. E Satanás nos acusa, pois insiste que não temos o direito de pertencer a Deus. Podemos ser gratos porque o Senhor tem uma solução para a distância moral que nos separa. Deus nos diz, da mesma maneira que fez com o pecador Josué: “Eis que tenho feito que passe de ti a tua iniquidade, e te vestirei de finos trajés” (Zc 3.4).

Imagine um tribunal. Deus é o juiz, Satanás o promotor e nós fazemos o papel de Josué. Surge a pergunta: o que é possível ser feito para nos ajudar, pecadores dignos de pena, quando estamos diante de Deus? Se algo deve ser feito, Deus terá de fazê-lo. A menos que Ele nos absolva e dê a nós aquelas vestes de justiça, falando figuradamente, seremos lançados fora. Afinal, esse é o argumento de Satanás. Somos pecadores que não merecem o amor e a aceitação de Deus.

Note que o conflito entre Deus e Satanás está sempre acima de nós, pois somos os troféus. Se cremos em Cristo, Satanás sabe que jamais possuirá nossas almas, mas tentará destruir nossa comunhão com Deus. Ele fará tudo o que puder para discordar dos planos e julgamentos do Todo-Poderoso. O Senhor, entretanto, sempre vencerá a batalha por aqueles que são seus.

O assunto desse capítulo é exatamente como Cristo venceu essa batalha por nós. Ao nos conceder “vestes de justiça”, para não mais estarmos debaixo do domínio da serpente, envolveu um plano genial. E Satanás, nosso acusador, que fala quando deveria ficar em silêncio, foi forçado a se calar.

A CRUZ, A SALA DO TRIBUNAL

Como gostaria que uma câmara de vídeo tivesse gravado o drama que aconteceu no mundo espiritual quando Cristo morreu na cruz! Uma batalha cósmica foi travada. O diabo, Deus e Cristo estavam lá — e nós também. Leia as palavras de Paulo, e lembre-se que vamos explicar os detalhes num instante:

E a vós outros, que estáveis mortos pelas vossas transgressões, e pela incircuncisão da vossa carne, vos deu vida juntamente com ele, perdoadando todos os vossos delitos; tendo cancelado o escrito de dívida, que era contra nós e que constava de ordenanças, o qual nos era prejudicial, removeu-o inteiramente, encravando-o na cruz; e, despojando os principados e as potestades, publicamente os expôs ao desprezo, triunfando deles na cruz (Cl 2.13-15).

Para entender bem essa passagem, precisamos retornar à cena do julgamento, a fim de descrever os principais envolvidos, estabelecer os pontos em debate e relatar os resultados. Todo o tempo precisamos lembrar que nossa vida eterna está em jogo. Não esqueça: toda essa discussão é a nosso respeito.

A acusação

Para começar, somos pecadores, tanto por natureza como por escolha. Todos temos sentido o peso de uma consciência conturbada. Os pecados que conseguimos lembrar, entretanto, são só uma pequena parte de toda a nossa culpa diante de Deus. Paulo quer que sintamos todo o peso das acusações que estão contra nós, ou pelo menos sermos lembrados de como estão totalmente fora do nosso alcance.

Ele descreve a lei de Deus, a qual temos quebrado, como “o escrito de dívida, que era contra nós e que constava de ordenanças, o qual nos era prejudicial” (Cl 2.14). Quer saibamos disso ou não, os mandamentos de Deus têm uma ascendência sobre nós. Não somos livres para escrever nossas próprias regras, pela simples razão de que Deus já registrou as que devemos seguir. Essas leis, contudo, eram “prejudiciais” a nós; diante delas, estávamos condenados. Assim, esses decretos precisavam ser tirados do caminho, antes que a comunhão com Deus fosse possível.

Nos dias de Paulo, se alguém tivesse de comparecer diante de um juiz, era necessário que houvesse uma audiência, na qual o acusado era interrogado, para ver se havia evidências suficientes para se conduzir um julgamento (hoje, somos mais sofisticados e chamamos isso de grande júri). Lembre-se de que, quando as acusações foram feitas contra Jesus Cristo, Pilatos o interrogou para ver se algo justificava a realização de uma audiência. Quando viu que as acusações eram falsas, disse para a multidão: “Tendo-o interrogado na vossa presença, nada verifiquei contra ele dos crimes de que os acusais” (Lc 23.14). Posteriormente, contudo, a covardia de Pilatos levou-o a ceder aos clamores da turba.

Em nosso caso, Deus não precisa nos fazer qualquer pergunta para procurar pistas que comprovem nossa culpa ou inocência. Ele conhece, muito melhor do que nós, a extensão da nossa transgressão. Por isso Paulo diz que “se cale toda a boca, e todo o mundo seja culpável perante Deus” (Rm 3.19). Assim, permanecemos em um silêncio vergonhoso. Nenhuma palavra escapa dos nossos lábios.

O diabo, nosso acusador, mal consegue se controlar. Ele fala e tem muito para dizer. Eu creio que ainda hoje ele possui acesso ao Céu e fica furioso quando nos vê limpos e perfeitos aqui na Terra, alegrando-nos na presença do Senhor. Ele se lembra da advertência de Deus de que “a alma que pecar, essa morrerá” (Ez 18.4). Como acusador, provavelmente ele se aproxima de Deus com a lista dos nossos pecados; chega munido de argumentos e alega que deveríamos ser tirados da presença divina. Nunca nos esqueçamos que sua acusação é justa. O próprio Deus disse que “o salário do pecado é a morte” (Rm 6.23). Quando nos acusa, Satanás fala pelo menos algumas verdades.

É claro que ele jamais diz que o Todo-Poderoso não sabe de nada. Na verdade, Deus sabe mais a nosso respeito do que Satanás possa imaginar. A disputa não é se cometemos pecados ou não. A questão não é se realmente somos tão maus quanto Satanás tenta afirmar. Pelo contrário, a controvérsia é sobre o que se devia fazer acerca de nossa situação.

Satanás diz: “Você deve *amaldiçoá-los!*”

Deus responde: “Eu vou *salvá-los!*”

Talvez devamos parar um pouco aqui para lembrarmos que as acusações contra nós não só são muito precisas, mas extensas. No tribunal de Deus, não precisamos roubar para sermos considerados ladrões, não precisamos cometer adultério para sermos considerados adúlteros, nem temos de fabricar um deus para sermos considerados idólatras. Tudo o que precisamos fazer é fantasiar, ou desejar fazer essas coisas. Além do mais, nós não só pecamos, como na verdade somos pecadores, isto é, somos vistos como se estivéssemos em um estado pecaminoso. Nada é encoberto.

Como já era de se esperar, Satanás insiste em que, se formos aceitos no Céu, corromperemos esse tribunal. Segundo ele, Deus pode ser acusado de se associar com homens impuros. Realmente, tanto a reputação como a verdade divina seriam questionadas. Afinal, foi o Todo-Poderoso que proclamou sua santidade e alertou que o pecado gera a morte.

A acusação de Satanás contra nós segue uma das duas direções. Objetivamente, ele nos acusa diante de Deus quando argumenta que somos grandes pecadores para sermos absolvidos. Subjetivamente, ele fustiga nossa consciência e tenta nos fazer sentir tão culpados que desejamos fugir da graça de Deus. Ele, que nos atrai para o pecado, volta-se para nos condenar por termos obedecido às suas orientações. E se isso não funciona, ele muda e nos faz sentir tão bem sobre nós mesmos que acreditamos não precisar da graça de Deus.

O objetivo de Satanás é nos manter separados da comunhão com Deus. Ele deseja que andemos por nosso próprio caminho, assim como ele. Em nosso próprio caminho, com ele ao nosso lado!

O castigo

Satanás insiste, de maneira quase razoável, que devíamos receber o mesmo castigo que ele. Afinal, nós também estamos corrompidos pelo pecado e também somos rebeldes. Se a grandiosidade do pecado é determinada pela grandiosidade daquele contra quem é cometido, então, realmente, nossa culpa é enorme. Sejamos então condenados juntamente com ele, pois já temos uma gota de seu veneno.

Satanás sabia que contaria com Deus para reafirmar seus padrões de justiça. Ele, que anteriormente servira

como representante do Todo-Poderoso, estava confiante de que se o Mestre vacilasse em seus altos padrões, a humanidade seria condenada ao Inferno. Sim, o maligno sabia que Deus é amor, mas esta virtude jamais cancela sua justiça. Não haveria exceções, mesmo para pessoas que fizeram o melhor que podiam em suas vidas.

Satanás não achava justo os homens serem salvos para sempre, enquanto ele e os anjos caídos receberiam a condenação eterna. Seu argumento, o qual parece suficientemente razoável, é que cada um deve pagar por seus próprios pecados; isso seria justo. Afinal, era o que acontecera com ele. Pecado é pecado. Justiça é justiça. Deus é Deus.

O plano genial de Satanás não podia prever que, no caso dos seres humanos, um homem morresse pelos demais. Especificamente, um ser infinito morreria por seres finitos. Assim, Deus manteria sua promessa de que “a alma que pecar, essa morrerá” (Ez 18.4) — mas outra pessoa iria morrer. O salário do pecado sempre seria a morte, mas alguém morreria em nosso lugar.

Teólogos liberais têm muitas vezes criticado o ensino bíblico de que Cristo morreu pelos pecadores, e dizem que seria uma atitude imoral de Deus punir um inocente em favor de um culpado. A resposta, contudo, é que Cristo não era inocente. Ele foi feito pecado por nós: “Aquele que não conheceu pecado, ele o fez pecado por nós; para que nele fôssemos feitos justiça de Deus” (2 Co 5.21). Cristo foi declarado pecador, embora nunca tivesse pecado; e nós fomos declarados santos, embora definitivamente não fôssemos santos.

Sim, Jesus Cristo foi considerado pecador; ele se tornou legalmente culpado de todos os nossos pecados, desde a mentira até o genocídio. Ele foi julgado culpado de crimes inimagináveis. Sua culpa e sua punição foram

reais; por isso temos um salvador *real*, que pode nos salvar de pecados *reais*.

Quando Cristo foi “feito pecado por nós”? Não foi no Jardim do Getsemâni, embora ali Ele tenha sofrido, em profunda agonia e tristeza. Também não foi quando a coroa de espinhos foi colocada em sua cabeça e o sangue escorreu por suas têmporas, por seu rosto, desceu por seu queixo e pingou sobre seu peito. Somente quando Jesus estava na cruz foi que a transferência foi realizada. Quando ele derramou seu sangue e morreu, nós fomos redimidos.

Não devemos ignorar esse comentário, que se encontra no livro de Deuteronômio: “Se alguém houver pecado, passível da pena de morte, e tenha sido morto, e o pendurares num madeiro, o seu cadáver não permanecerá no madeiro durante a noite, mas certamente o enterrarás no mesmo dia: porquanto o que for pendurado no madeiro é maldito de Deus: assim não contaminarás a tua terra, que o Senhor teu Deus te dá em herança” (Dt 21.22,23). Cristo precisava ser levantado e colocado na cruz, antes de ser declarado maldito de Deus, em nosso favor. No momento em que foi colocado lá, Ele carregou sobre si a ira de Deus. Paulo coloca isso claramente: “Cristo nos resgatou da maldição da lei, fazendo-se ele próprio maldição em nosso lugar, porque está escrito: maldito todo aquele que for pendurado em madeiro” (Gl 3.13).

Somente quando os pregos foram cravados em suas mãos, somente quando a cruz foi erguida com seu corpo preso a ela, somente quando deu seu último suspiro, a ira de Deus contra o pecado, que estava armazenada, foi liberada. O Deus Pai não podia olhar para alguém tão completamente amaldiçoado. Essa separação, essa ira dirigida contra seu Filho amado, causou o clamor angus-

tiado: "Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?" (Mt 27.46). Por isso, hoje temos um Salvador.

Vamos olhar toda essa situação por meio da imaginação de Paulo: Ele diz que os decretos contra nós foram "encravados... na cruz" (Cl 2.14). Naqueles dias, quando um criminoso era condenado à crucificação, seu crime precisava ser proclamado publicamente. A lista das transgressões era escrita em uma placa e pregada acima da cabeça do moribundo. Lembre de Pilatos, pois ele colocou um aviso acima da cabeça de Cristo, com sua acusação: "JESUS DE NAZARÉ, O REI DOS JUDEUS" (Jo 19.19). Escreveu em três idiomas — hebraico, grego e latim (v. 20). Ele queria que todos soubessem por que Cristo foi condenado à morte.

Era verdade. Cristo realmente era o rei dos judeus; nisso, as palavras de Pilatos e o veredicto de Deus concordavam. Desnecessário dizer, contudo, que isso de maneira alguma merecia punição. Para falar a verdade, não era um crime. Sim, Cristo era o rei dos judeus, mas não era por isso que fora crucificado.

Bem acima da tabuleta de Pilatos, havia um boletim cósmico, no qual os nossos pecados estavam descritos. Embora eu nem fosse nascido, os pecados que eu cometeria dois mil anos mais tarde estavam escritos lá. A lista incluía tudo o que Satanás tinha dito sobre nós, bem como outros pecados secretos, conhecidos apenas por Deus. Somente o Todo-Poderoso sabe o quanto aquela lista era longa; somente Ele sabe a extensão de nossa culpa e a severidade do castigo que merecíamos.

Deus, então, não viu Cristo como culpado por seus próprios crimes; nem, por falar nisso, Cristo foi uma vítima de circunstâncias que saíram fora do controle. Ele foi

“entregue pelo determinado desígnio e presciência de Deus” para redimir os pecadores” (At 2.23); “...ele foi traspassado pelas nossas transgressões, e moído pelas nossas iniquidades; o castigo que nos traz a paz estava sobre ele, e pelas suas pisaduras fomos sarados... Todavia, ao Senhor agradou moê-lo, fazendo-o enfermar” (Is 53.5,10).

O castigo foi justo e pago integralmente.

O veredito

Deus tem nos declarado *perdoados!*

Com as acusações contra nós tiradas do caminho, Deus preservou sua santidade e ainda nos absolveu. Como Paulo diz, ele tem “perdoado todos os nossos delitos” (Cl 2.13).

Deus não fez segredo do sucesso de Cristo. Na Roma antiga havia o desfile da vitória, quando os soldados retornavam de uma batalha bem-sucedida. Os vitoriosos não só marchavam pela cidade com os prisioneiros de guerra, como também exibiam os bens que haviam capturado em batalha. Os romanos saboreavam a vitória, escolhendo as estradas principais para entrar na cidade. Da mesma maneira, a derrota de Satanás foi um evento público, não para nós, mas para todo o mundo espiritual. Novamente ouçamos Paulo: “E despojando os principados e as potestades, publicamente os expôs ao desprezo” (Cl 2.15).

Assim, Satanás foi desarmado publicamente. No Grego, a palavra traduzida aqui como “despojando” significa literalmente despojar das armas, desarmar. Cristo despojou Satanás de sua insistente presunção de que continuaria lutando contra Ele e teria sucesso. Satanás foi despojado do seu orgulho e do suposto direito de nos

manter cativos em seu reino. Embora fôssemos obrigados a nos calar diante de suas acusações, agora ele tem de se calar diante da nossa absolvição.

A vitória de Cristo não significa, entretanto, que Satanás não lutará mais conosco. Pense nisso dessa maneira. Deus despojou o rei Saul do seu título de rei, mas, apesar disso, ainda lhe foi permitido perseguir e atormentar o rei Davi por dez longos anos. Embora as forças que guerriam contra nós tenham sua autoridade removida, continuam a lutar. Preferem viver enganadas, do que encerrar a humilhação da derrota.

No livro *Satan Cast Out [Satanás Expulso]*, Frederick S. Leahy diz que é somente do nosso ponto de vista que parece existir um intervalo entre a vitória de Cristo sobre Satanás e a remoção final do inimigo derrotado. Ele nos lembra que o relâmpago e o trovão acontecem ao mesmo tempo, mas nós vemos a luz antes de ouvirmos o estrondo. Ele escreve:

Na realidade objetiva, essa era virtualmente uma; mas do nosso ponto de vista, considerando-se o fato de que a luz se propaga mais rápido do que o som, normalmente há um lapso de tempo entre a visão do relâmpago e o estrondo do trovão. Com Deus, a vitória e o juízo estão ambos na cruz.¹

Podemos dizer que temos visto o relâmpago, mas ainda não ouvimos o barulho do trovão. Com Deus, não existe tal intervalo; Ele considera o julgamento e a sentença completos: “Agora o seu príncipe será expulso” (Jo 12.31 – grifo nosso). E novamente: “O príncipe deste mundo já está julgado” (Jo 16.11 – grifo nosso).

OS DETALHES DA VITÓRIA DE CRISTO

Como, então, Cristo derrotou Satanás na cruz?

Cristo reconciliou os pecadores com Deus – permanentemente

Cristo pagou completamente nosso débito e de forma tão justa que nós, os quais cremos nele, não devemos mais qualquer justiça para Deus. Desde que a penalidade pelo pecado era morte e não vida, Cristo tinha de morrer; e, feito isso, reconciliou-nos com Deus para sempre.

Considere essa frase novamente: “Perdoando todos os nossos delitos” (Cl 2.13). Quantos dos seus pecados eram futuros, quando Cristo morreu há dois mil anos? Obviamente, todos eles, já que nenhum de nós nem tinha nascido. Deus antecipou nossos pecados e incluiu-os na morte de Cristo. Jesus não só morreu pelos pecados dos santos do Antigo Testamento, mas também pelos dos que se tornariam santos no futuro. Como diz uma música: “Eu estava em sua mente quando Ele morreu”.

Agora, deixe-me dar mais um passo nessa lógica. E quanto aos pecados que você ainda cometerá amanhã ou depois? A resposta é clara: para os que crêem em Cristo, mesmo as transgressões futuras já foram perdoadas. Precisa ser assim, pois, se quando recebemos a Cristo, fomos perdoados só dos nossos pecados passados, não poderíamos ter certeza da nossa futura salvação. A razão pela qual sabemos que iremos para o Céu quando morrermos é porque Deus tem perdoado nossos pecados — passados, presentes e futuros.

É claro que ainda precisamos confessar nossos pecados, não para manter nossa posição de filhos de Deus, mas para manter a comunhão com nosso Pai. Legalmente, todos os nossos pecados foram apagados. Podemos nos

alegrar na segurança da nossa salvação, porque temos sido absolvidos, completamente e para sempre.

O autor da carta aos Hebreus expõe isso dessa maneira: "Jesus, porém, tendo oferecido, para sempre, um único sacrifício pelos pecados, assentou-se à destra de Deus... Porque com uma única oferta aperfeiçoou para sempre quantos estão sendo santificados" (Hb 10.12,14).

Um sumo sacerdote, uma oferta, um ato de justificação, por meio dos quais somos declarados justos. Como fez com Josué, Deus nos dá roupas para vestir que cobrem nossos pecados:

Jesus, teu sangue e tua justiça
 Minha bela arte; minha veste gloriosa;
 Em meio a mundos flamejantes nelas vestido,
 Com alegria levantarei minha cabeça.

Para os que não aceitam a Cristo como substituto, as acusações originais de Satanás permanecem; nós, contudo, os quais cremos nele, fomos tirados do reino de Satanás e transferidos para o de Cristo.

Cristo silenciou Satanás

Satanás calou a boca. Suas acusações lamurientas pararam. O Juiz de toda a terra nos declarou justos — quem era Satanás para dizer algo em contrário? Poderia um querubim fracassado contradizer o Senhor do Céu e da Terra? Para libertar os homens, Cristo estabeleceu uma vitória sobre o acusador dos homens. Aquele que tentou manter homens e mulheres em cadeias, teve de ser exposto, seu poder destruído e seus prisioneiros colocados em liberdade.

Nos tempos bíblicos, se uma placa com os crimes de um homem fosse colocada em sua cela, na prisão, era devolvida a ele quando terminava de cumprir sua pena. Ao voltar para casa, aquilo não era mais uma acusação, mas um troféu! Bem no meio da placa estava escrito *Tetelesti*, que quer dizer: “totalmente pago”.

Se um vizinho lhe perguntasse se estava legalmente livre, ele podia mostrar o documento. Não havia mais nada a ser pago. Significativamente, as últimas palavras de Cristo na cruz foram *tetelesti*, traduzido: “Está terminado” (Jo 19.30). Nosso débito estava “totalmente pago”.

Jesus pagou por tudo;

Tudo devo a ele.

O pecado deixou uma mancha carmesim;

Ele lavou e deixou branco como neve.

Se Deus ainda esperasse de nós algum pagamento, depois de Cristo ter pago nosso débito, haveria injustiça nele. Nosso débito foi pago completamente e jamais pagamento adicional será necessário. Por isso, podemos dizer: “Agora, pois, já nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus” (Rm 8.1).

Recentemente uma mulher me escreveu, a fim de contar-me sobre seu casamento fracassado. Ela assim concluiu: “Já desisti de agradar a Deus. Se não consigo agradar nem meu pai e meu marido, nunca vou agradar a Ele”.

O que você lhe responderia? Eu escrevi para ela: “Tenho algumas notícias muito boas: você não precisa tentar agradar a Deus; Ele já está muito contente com Cristo, mais do que poderia estar com você ou comigo, mesmo se tivéssemos toda uma série de bons dias de uma vez! Se você confiar em Cristo, Deus estará tão contente com

você, quanto está com seu Filho querido, a quem Ele ama ternamente”.

É claro que isso tem de estar em harmonia com o igualmente verdadeiro desafio das Escrituras, de que devemos nos esforçar para agradar a Deus (1 Co 9.24-27; 2 Tm 2.4). Não podemos, entretanto, agradá-lo, até que reconheçamos estar Ele contente conosco. Somente quando sabemos que somos seus filhos amados, “em quem Ele se compraz”, estaremos em paz, capazes de viver para agradá-lo em nossa experiência diária.

Em dias particularmente difíceis, tenho orado: “Ó Deus, por favor, não olhe para mim hoje, mas somente por meio do teu Filho e me veja completo nele”. Eu sei que Deus também quer que eu me torne semelhante a seu Filho, na vida diária, mas nunca vou agradá-lo como Cristo o honrou, portanto, alegre-me em descansar em sua obra em meu favor.

Freqüentemente recebo cartas de pessoas as quais acham que cometeram o “pecado imperdoável”. Agora, é claro que existe um “pecado imperdoável”: o da incredulidade, a dureza de coração que muitas vezes acompanha os que têm ouvido a mensagem do Evangelho, mas estão determinados a rejeitá-la.

Nenhum cristão, contudo, pode cometer esse “pecado imperdoável”. Os que depositaram sua confiança em Cristo foram perdoados de seus pecados. Jesus cancelou todas as nossas transgressões. Ele nos conhecia muito antes de termos nascido; Ele conhecia o mal que faríamos; e Ele o apagou por meio de seu sangue.

Quando Satanás nos acusa, devemos mostrar-lhe nosso certificado e ler em voz alta: “totalmente pago”. Devemos dizer a ele: “Arreda! Está escrito ‘Quem intentará acusação contra os eleitos de Deus? É Deus quem os jus-

tifica. Quem os condenará? É Cristo Jesus quem morreu, ou antes, quem ressuscitou, o qual está à direita de Deus, e também intercede por nós” (Rm 8.33,34).

Nosso advogado, Cristo, tem defendido nossa causa e Deus tem aceito sua defesa. E quando o Todo-Poderoso fala, o Universo escuta.

Cristo provou que tinha o poder da vida

Satanás só pode matar, mas jamais fazer reviver.

Para que Deus provasse sua completa superioridade, Ele tinha de levantar Jesus da morte, para que nunca mais houvesse qualquer disputa sobre quem era senhor e rei. Por essa razão, a ressurreição de Cristo é uma parte importante da mensagem do Evangelho (1 Co 15.3-5). A morte, que é em si mesma consequência do pecado, era temida, mas o Filho de Deus a conquistou por nós: “Visto, pois, que os filhos têm participação comum de carne e sangue, destes também ele, igualmente, participou, para que, por sua morte, destruísse aquele que tem o poder da morte, a saber, o diabo, e livrasse a todos que, pelo pavor da morte, estavam sujeitos à escravidão por toda a vida” (Hb 2.14,15).

É claro que Satanás jamais teve poder para determinar quando uma pessoa morreria. Tais assuntos pertencem ao Cristo ressurrecto, que conquistou a honra de possuir as chaves da morte e do Inferno. Satanás, contudo, mantém a tirania da morte sobre nossas cabeças; e, no caso dos não-convertidos, a morte fecha a porta da oportunidade de se crer em Cristo.

Uma borboleta era observada do lado de dentro de uma janela de vidro, voando aterrorizada. Era perseguida por um pardal, que tentava pegá-la com o bico, ansioso por devorá-la. Ela não podia ver que havia um vidro, o

qual separava os dois. Ela não percebia que estava tão segura perto do pardal, quanto estaria se ele estivesse no Pólo Norte. Assim também, o Cristo invisível vem para nos proteger do poder de Satanás. A serpente pode sibililar e ameaçar, mas não consegue devorar. Temos outro Rei, agora pertencemos a outro reino.

Cristo veio para nos livrar do medo da vida e da morte. Sua ressurreição provou que Ele era mais forte do que o sepulcro. E quando subiu ao Céu, Ele abriu os portões para todos os que cressem nele.

Cristo abriu os portões do Céu

Nem todos os estudiosos da Bíblia concordam, mas eu creio que os que morreram na fé, no Antigo Testamento, encontravam-se no Hades e somente na ascensão de Cristo foram levados para o Céu. Paulo escreveu que no momento em que Cristo subiu, “levou cativo o cativo e concedeu dons aos homens” (Ef 4.8). Talvez isso queira dizer que os que estavam na ala dos justos no Hades foram levados para o Céu naquela ocasião.

De qualquer modo, podemos ter certeza disso: a morte de Cristo abriu os portões do Céu para os que são filhos de Deus. Ele pôde dizer ao ladrão da cruz: “Em verdade te digo que hoje estarás comigo no paraíso” (Lc 23.43). Agora existe uma rota direta para o Céu, aberta por Aquele que triunfou sobre a morte. Ela, portanto, não é mais nossa inimiga, mas uma amiga que nos leva para Deus.

Quando perguntaram a uma garotinha por que não tinha medo de atravessar o cemitério, ela respondeu: “Porque minha casa fica do outro lado”. Uma vez que a abelha tenha picado sua vítima, não pode repetir o ata-

que. Ela só pode incomodar e mesmo intimidar, mas seu ferrão já foi usado. Cristo tirou o agulhão da morte e nos assegura de que deixar o corpo significa habitar com o Senhor (2 Co 5:8).

Quando Estêvão foi apedrejado, ele viu Cristo esperando por sua chegada. Realmente, o Filho de Deus ficou em pé para dar as boas-vindas a seu servo fiel. Os portões do Céu estão à espera de todos os que crêem no Senhor Jesus.

Cristo nos exaltou acima das hostes angelicais

Você gostaria de estar no lugar do anjo Gabriel? Pense antes de responder. Podemos ser tentados a invejar um ser que tenha tanta beleza e poder. Até podemos pensar que ele seja um pouco superior a nós. É verdade: nunca teremos a força e a beleza de um anjo. Não podemos nem mesmo imaginar como seria voar pelo Universo, cumprindo missões para Deus.

Nós teremos uma honra além da que ele experimentou

E, ainda assim, seremos superiores aos anjos. Nenhum ser angelical pode ser chamado de irmão de Cristo. Segue-se que nenhum anjo poderá ser um "herdeiro de Cristo". Por um pequeno espaço de tempo, Cristo tornou-se inferior aos anjos, porque nenhum deles jamais morreu. Por um curto tempo nós somos inferiores aos anjos, mas isso também mudará (Hb 2.5-13).

Novamente precisamos voltar à perspectiva eterna de Deus. Ele nos tirou da cova, para andarmos em um palácio, a fim de que, "pela igreja, a multiforme sabedo-

ria de Deus se torne conhecida agora (desde a cruz) dos principados e potestades nos lugares celestiais" (Ef 3.10). Em síntese, Deus queria mostrar sua graça. Assim, levantou pecadores que estavam caídos e exaltou-os soberanamente!

Nós vamos julgar o mundo;
Nós vamos julgar anjos;
Nós vamos ser herdeiros de Deus
e co-herdeiros de Cristo.

Não é de se estranhar que Satanás esteja tão furioso. O fato de que teremos uma honra além da que ele experimentou, antes de sua queda da graça, é mais do que sua natureza invejosa pode tolerar. Pense em tudo o que ele já perdeu. Ele não pode mais ser um profeta e falar em nome de Deus. Ele não pode mais ser um sacerdote e dirigir adorações a Deus. Não pode mais entregar mensagens da parte de Deus. Aquele que desejou ser semelhante ao Todo-Poderoso, tornou-se a mais diferente criatura de Deus que existe. Na verdade, tudo isso foi pura perda, sem nenhum ganho.

Hoje, ele está solto, sob liberdade condicional. Foi autorizado a vagar, até seu julgamento final. A sentença no lago de fogo tem sido apenas adiada. O veredito já foi lido. Nós já vimos o relâmpago. O trovão já está a caminho.

Minha esposa e eu visitamos o Castelo de Wartburg, na Alemanha, onde Martinho Lutero esteve escondido por dez meses. Ali, em um pequeno quarto, na verdade um cubículo, ele se angustiou, pois muitas vezes sentia os ataques de Satanás. Diz a tradição que naquele quarto ele atirou seu tinteiro no diabo. Talvez seu registro nos *Co-*

mentários de Mesa dê uma interpretação diferente ao acontecimento, quando ele disse: "Lutei contra o diabo com tinta". Talvez quisesse dizer que lutou contra o diabo, quando traduziu o Novo Testamento para o alemão.

Estejamos certos de que os ataques que ele sofreu de Satanás foram muitos. O poder e a segurança de Wartburg, e de outras fortalezas, deram-lhe a inspiração para escrever seu famoso hino: "Castelo Forte é Nosso Deus". Uma das estrofes diz:

Se nos quisessem devorar
 Demônios não contados,
 Não nos podiam assustar,
 Nem somos derrotados.
 O grande acusador
 Dos servos do Senhor
 Já condenado está:
 Vencido cairá
 Por uma só palavra.

E qual seria aquela "única palavra"? É a palavra de seis letras: *Cristo*. Jesus, entendido apropriadamente, pode "derrubá-lo".

A cruz provou isso.

Se perguntamos por que Satanás ainda não foi lançado no abismo, a resposta é: Deus atualmente o usa para completar o plano divino. Como veremos no próximo capítulo, a serpente é, na verdade, serva de Deus. Ela serviu antes da queda e ainda é muito útil. Ela tem outra motivação e as condições são muito piores do que eram antes, mas, de qualquer maneira, continua uma serva.

E, com isso, levantamos a cortina para o próximo capítulo do nosso drama.

A serpente, uma serva de Deus

Que dimensão de poder você acha que Satanás possui? Julgamos impossível dar resposta precisa a essa pergunta, porque não sabemos exatamente o que o inimigo pode e o que não pode fazer. Afinal, falamos sobre uma criatura que nunca vimos, cujos poderes estão em esferas superiores. Mesmo assim, vista de outra maneira, essa pergunta pode ser respondida de forma acurada: o diabo possui exatamente o poder que Deus permite que ele tenha, e nada mais!

Às vezes penso que o diabo se alegra muito com a atenção que tem recebido nestes últimos vinte anos! Vá a qualquer livraria, seja evangélica ou secular, e encontrará pilhas de livros sobre ele. Veja bem: eu creio que o ensino bíblico sobre o diabo é necessário, afinal, as Escrituras têm muito a dizer sobre ele. Meu pensamento, no entanto, é que, na maioria dessas literaturas, sua habilidade de adquirir poder é superestimada de forma inaceitável.

É claro que muitos de nós ainda se lembram da época em que a Igreja caiu na apostasia. Satanás não era levado a sério. Era conhecido como nosso adversário, mas a maioria dos cristãos acreditava que jamais seria afetada por ele. Dificilmente você encontraria um conselheiro o qual concluísse que o problema de uma pessoa estaria relacionado a uma "atuação demoníaca". Mesmo casos nítidos de possessão demoníaca eram diagnosticados com outro rótulo.

Alguns teólogos, quando entenderam que todos nós somos afetados por Satanás ou por algum dos seus emissários, tornaram o exorcismo de demônios a primeira providência a ser tomada para desfazer os problemas de vícios e lembranças dolorosas do passado. Na melhor das hipóteses, Satanás é visto como a causa de todos os problemas; na pior das hipóteses, é considerado como o quase todo-poderoso. Ao invés de inspirar a fé, tais abordagens têm levado a um pessimismo desalentador. É claro que Deus o vencerá no final, mas, nesse mundo, dizem que Satanás tem liberdade para reinar e fazer qualquer coisa que desejar. Embora a maioria concorde que no fim dos tempos Deus o derrotará, algumas pessoas vivem e falam como se o final já estivesse bem próximo. No entanto, não está!

Vou dizer isso mais uma vez: o diabo continua servo de Deus, depois de sua rebelião, tanto quanto era nos dias de sua doce obediência. Mesmo hoje em dia, ele não pode agir sem a permissão expressa do Todo-Poderoso; não pode tentar, coagir e nada pode fazer, nem mesmo um simples plano, sem o consentimento e a aprovação de Deus. Não cansamos de citar Lutero: *o diabo é o diabo de Deus!*

Ele não é o diabo conforme você já ouviu falar

Satanás tem diferentes papéis a desempenhar, dependendo dos propósitos e conselhos de Deus. Ele é usado para realizar a vontade divina no mundo; e tem de seguir as orientações do Todo-Poderoso. Precisamos ter em mente que ele possui poderes assustadores, mas entender que esses dotes só podem ser exercidos sob a direção e segundo a vontade de Deus nos dá esperança. Satanás simplesmente não tem liberdade para destruir e causar confusão na vida das pessoas como bem entende.

Sim, se Deus tivesse decidido assim, podia ter banido o servo caído para outro planeta ou mandado diretamente para o lago de fogo. Qualquer um desses planos, ou qualquer outro que o Senhor tivesse escolhido, teria sido justo e correto. Deus, contudo, manteve Satanás nesse mundo por uma razão: ele terá de desempenhar seu papel no drama da Terra e fará isso de acordo com as regras divinas e não as satânicas.

Por que é importante que saibamos disso? Para que Deus seja corretamente honrado como Rei dos reis, Todo-Poderoso e Senhor do Céu e da Terra. Deus criou Lúcifer antes de ele tornar-se o diabo. Foi Deus quem amaldiçoou a serpente. Foi Deus quem predisse sua derrota e humilhação final. Foi Deus quem permitiu que o diabo lutasse contra Cristo. E será Deus quem supervisionará o conflito até seu final. Deus não abandonou sua responsabilidade de estar no controle de toda sua criação, mesmo a que insensatamente escolheu ficar contra Ele.

Precisamos conhecer as limitações de Satanás, para podermos lutar contra ele pela fé. Quanto mais seguros

estamos no conhecimento de que o diabo não é autônomo (isto é, capaz de ações independentes), mais fé nascerá em nosso coração e assim poderemos derrotá-lo. Provavelmente, ele não é o diabo que você viu no último programa de TV que assistiu ou aquele sobre o qual pesquisou a respeito no último livro que leu.

Eis aqui algumas maneiras pelas quais a serpente serve a Deus:

DEUS USA SATANÁS PARA PUNIR OS NÃO-CONVERTIDOS

Após sabermos que Satanás é limitado pelo poder de Deus, achamos que o Senhor deveria confinar seu papel a relativamente poucas batalhas sobre a Terra: uma ocasional agitação aqui, um ataque ali... Muitas pessoas ficam surpresas ao descobrir que Satanás é autorizado a causar cegueira espiritual nas mentes daqueles que não aceitam as boas-novas do Evangelho. Paulo escreveu que a Palavra de Deus está encoberta para os que perecem, "nos quais o deus deste século cegou os entendimentos dos incrédulos, para que lhes não resplandeça a luz do evangelho da glória de Cristo, o qual é a imagem de Deus" (2 Co 4.4).

Se esse texto não convencê-lo de que Satanás está autorizado a obliterar a capacidade dos não-salvos de ouvir o Evangelho, considere as palavras de Jesus. Ele disse que a Palavra de Deus é como uma semente plantada em diferentes tipos de solo. Um deles é tão duro que a semente não pode penetrar, de maneira alguma. Eis a explicação de Jesus: "Os que estão junto ao caminho são aqueles em quem a palavra é semeada. Tendo-a eles ouvido, vem logo satanás, e tira a palavra que foi semeada nos seus corações". (Mc 4.15). O diabo pode remover alguns pensamentos de dentro de suas mentes!

Qual é o propósito de Deus nessa obra do inimigo? É afirmar que todos nós servimos a algum tipo de deus. Se não estamos unidos ao verdadeiro Deus por meio de Cristo, seremos enganados pelo falso: Satanás. Temos que andar na luz, caso contrário, seremos dominados pelas trevas. Aqueles que endurecem o coração descobrem que ele foi duplamente endurecido.

Essa cegueira, contudo, está sujeita à vontade e aos propósitos de Deus. No caso daqueles que crêem, o Senhor cura sua cegueira espiritual com a luz do Evangelho e nada há que o diabo possa fazer a respeito. Mil demônios não podem impedir uma alma de crer em Cristo, se ela deseja receber o dom da vida. Esse poder foi a chama que acendeu a imaginação de Charles Wesley quando ele escreveu:

Há muito tempo meu espírito, aprisionado,
estava firmemente amarrado em pecado e
trevas; no entanto, teus olhos espalharam um rápido raio.
Eu acordei e o calabouço se encheu de luz;
Minhas correntes caíram e meu coração ficou livre.
Eu levantei, vim para fora e te segui.

Qual é o nosso papel em ajudar as pessoas a “ver a luz”? A resposta é: compartilhar as boas-novas do Evangelho com elas. Paulo diz que essa mensagem é “o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê; primeiro do judeu e também do grego” (Rm 1.16). Precisamos depender do Espírito Santo para fazer o que não podemos; Jesus nos garantiu que os que foram dados a Ele pelo Pai certamente virão a Ele e serão bem recebidos (Jo 6.35).

O fato de Deus ter dado uma fração de poder a Satanás, nas mentes dos não-convertidos, não deve nos

desencorajar de explicar-lhes o Evangelho. Não importa quão cego ou morto espiritualmente um indivíduo possa estar; confiamos na habilidade de Deus para abrir seu coração. Quer o Evangelho seja aceito ou não, nossa pregação sempre será usada de alguma maneira por Deus.

Usando a ilustração dos desfiles triunfais na antiga Roma, Paulo escreveu que nós sempre marchamos em triunfo e o aroma da nossa vitória agrada o coração daqueles que pertencem a Deus, mas é uma maldição para os perdidos: "Pois para Deus somos o bom cheiro de Cristo, tanto nos que se salvam, como nos que se perdem. Para estes certamente cheiro de morte para morte, mas para aqueles cheiro de vida para vida. Mas, para estas coisas quem é idôneo?" (2 Co 2.15,16).

Superficialmente, pensamos que a medida do controle que Satanás tem na vida dos não-convertidos serve aos seus próprios interesses. Afinal, o que poderia agradá-lo mais do que cegar as pessoas para não enxergar a luz de Deus? Nós, contudo, já aprendemos que, mesmo quando busca seus próprios objetivos, a serpente na verdade realiza os propósitos de Deus. O Todo-Poderoso tem seu plano, o qual é colocado em prática e inclui o julgamento e a punição dos não-convertidos. Afirmamos com convicção que Satanás não pode ditar ordens para Deus, mas Deus sempre dita as ordens para ele.

Ser o instrumento do juízo de Deus na vida dos não-convertidos é servir a Deus. E quando lembramos que o próprio diabo será condenado pelo que faz, embora realize isso com a permissão de Deus, vemos que Satanás perde, mesmo quando parece que está ganhando.

DEUS USA SATANÁS PARA REFINAR O OBEDIENTE

Às vezes Deus escolhe o campo de sua batalha com Satanás. O diabo desejou tentar Jó, para desacreditar a

fé desse homem diante de Deus. Satanás teve de ir até Deus para receber a permissão. Na verdade, foi Deus quem levantou a questão da piedade de Jó, quando o diabo teve uma audiência regular com o Todo-Poderoso: "Observaste meu servo Jó?" Deus pergunta; "não há ninguém na terra semelhante a ele, homem íntegro e reto, que teme a Deus e se desvia do mal" (Jó 1.8).

Depois de uma longa discussão sobre os possíveis motivos para a obediência de Jó, Deus permite que Satanás o aflija, mas somente dentro de parâmetros bem específicos: "tudo o que ele tem está no teu poder, mas somente contra ele não estendas a tua mão" (v. 12). Ficamos atônitos diante do poder de Satanás. Ele provoca raios e relâmpagos para matar os servos de Jó; exércitos do mal são levantados para destruir outra parte dos servos e os animais; e, por último, mas não menos poderoso, ele envia um vento que derruba a casa onde os filhos de Jó realizavam um banquete e todos os dez morrem!

Como você sabe, Jó mantém sua integridade: "Então Jó se levantou, rasgou seu manto, rapou a cabeça, e lançou-se em terra, e adorou... 'O Senhor o deu, e o Senhor o tomou; bendito seja o nome do Senhor!'" (vv. 20,21). Jó passa no teste, mas tem mais prova pela frente. Então Satanás argumenta com Deus que Jó é capaz de manter sua fé porque ele pessoalmente não foi tocado: "Pele por pele! Tudo o que o homem tem dará pela sua vida. Mas estende a tua mão, e toca-lhe nos ossos e na carne, e ele certamente blasfemarás de ti na tua face!" (Jó 2.4,5).

Marque bem isso: o poder de Satanás sobre Jó aumentou, mas só porque Deus permitiu que assim acontecesse. O Todo-Poderoso permitiu que o diabo afligisse Jó com tumores malignos, da planta do pé até o alto da cabeça. Não devemos subestimar o poder de Satanás. Podemos,

contudo, estar certos de que seu poder — não importa quão amedrontador seja — só é exercido debaixo da mão de Deus.

A provação de Jó veio de Deus ou do diabo? A resposta é óbvia: a causa *imediate* foi Satanás, mas a *final* foi Deus. Por isso, seus familiares “o consolaram de todo o mal que o *Senhor* lhe havia enviado” (42.11 — grifo nosso). Desde que Satanás só pode tocar os filhos de Deus com a aprovação divina, a provação de Jó, em última análise, vinha das mãos de seu Pai celestial.

Se estamos admirados com o poder que Satanás tem para mutilar, destruir e mesmo matar, não devemos jamais esquecer que ele não escolheu fazer isso por si mesmo; ou melhor, quando ele resolve fazer algo, primeiro tem de receber a permissão de Deus. O diabo pode ser “o deus deste mundo”, mas só pode governar pela vontade divina. Lutero estava certo, quando disse que o poder do diabo é: “tão grande quanto o mundo, tão largo quanto o mundo, e se estende do céu até o inferno”; e acrescenta: “mas o espírito maligno não tem nem a largura de um fio de cabelo a mais de poder sobre nós do que a bondade de Deus permite”.

Às vezes, o diabo escolhe o local da nossa batalha com ele. Certa vez, quando observou uma fraqueza em Pedro, desejoso de explorá-la, Satanás foi a Jesus e pediu permissão: “Simão, Simão, Satanás vos pediu para vos peneirar como trigo. Mas eu roguei por ti, para que a tua fé não desfaleça. E tu, quando te converteres, fortalece teus irmãos” (Lc 22.31,32). Satanás tinha um plano sinistro para Pedro, mas primeiro teve de apresentá-lo a Cristo. Ele não podia se aproximar de Pedro sem a aprovação divina. Nesta passagem, ele implora a Jesus que lhe conceda uma oportunidade de tocar em um de seus

discípulos. Satanás soprou todos os seus ventos sobre Pedro; a palha foi toda tirada; ficou apenas o trigo.

Recentemente, aconselhei um casal cristão, o qual julgava que uma maldição fora colocada sobre eles, por um feiticeiro que buscava a destruição dos dois. Eu lhes mostrei que, se fosse verdade, era necessário Satanás ir a Deus e pedir permissão para tocá-los. Com toda certeza, a vida dos cristãos não está nas mãos de Satanás, mas nas do Senhor. O diabo está inerte, incapaz de nos tocar, a menos que Deus dê a ordem de comando.

Satanás – estou convencido disso – quer que pensemos diferente. Deseja que acreditemos ser o seu poder independente. Se pensarmos dessa maneira, somos apanhados desprevenidos, cheios de medo de que o inimigo de nossas almas aja livremente quando Deus não nos contempla. Ou no mínimo pensamos que Deus lhe deu poderes independentes, que não são fiscalizados e nem reportados.

Uma senhora de nossa congregação, vítima de abuso sexual durante práticas de ocultismo, hoje cristã, foi salva de uma vida de horríveis lembranças de terror durante a infância. Ela tinha muito medo de uma maldição que fora lançada sobre ela, de que morreria com a idade de 46 anos, a mesma com a qual seu pai, bruxo, faleceu. Quando ela entendeu que Satanás não podia agir independentemente de Deus, e compreendeu que ele só podia afligi-la se essa fosse a vontade do Todo-Poderoso, seu coração aflito descansou. Mesmo que o Senhor tivesse permitido a Satanás que a derrubasse com a idade de quarenta e seis anos, ela morreria, não segundo a vontade de Satanás, mas de acordo com o desejo de Deus. Enquanto escrevo, contudo, ela já alcançou a idade esta-

belecida e está confiante de que sua vida se estenderá bem além da suposta determinação do diabo.

Quem achamos ser Satanás, ao pensarmos que ele e não Deus determina o dia da nossa morte? Vamos afirmar isso claramente: nossa vida não está nas mãos de Satanás, mas nas de Deus. O diabo não pode agir separado da providência divina. Portanto, jamais devemos ficar aterrorizados com a morte. Cristo, e não Satanás, disse: "Não temas. Eu sou o primeiro e o último. Eu sou o que vivo; fui morto, mas estou vivo para todo o sempre. E tenho as chaves da morte e do inferno". (Ap.1.17,18).

Conheço cristãos que ficam inertes na vida cristã, porque houve práticas de ocultismo (e, portanto, idolatria) em sua linhagem familiar. Alguns pensam que terão de viver o resto da vida debaixo de uma nuvem e que uma maldição os acompanhará até a morte. Um irmão me disse que seus filhos e netos teriam de viver sem a bênção plena de Deus, porque nas quatro últimas gerações antes dele não houve cristãos em sua família. O texto abaixo, como você pode imaginar, foi tirado da versão mais longa dos dez mandamentos:

Não te encurvarás a elas nem as servirás; pois eu, o Senhor teu Deus, sou Deus zeloso, que visito a iniquidade dos pais nos filhos até a terceira e quarta geração daqueles que me odeiam, mas faço misericórdia até mil gerações daqueles que me amam e guardam os meus mandamentos (Êx 20.5,6).

Com que extensão a iniquidade do pai é "visitada nos filhos"? Pode ser que existam espíritos "geracionais", que se concentram em várias linhagens das famílias, e tiram vantagem das fraquezas dos descendentes de progenitores idólatras. O fato contrastante, contudo, é que existem

muitos cristãos sinceros e espirituais, que cresceram em famílias idólatras, cheias de ódio, e experimentaram toda sorte de abusos. Tais maldições só terão domínio sobre nós se acreditarmos que devemos nos submeter a elas.

Em meu modo de pensar, acho que é muito difícil estabelecer um padrão claro de atividades demoníacas, com base no histórico familiar. No texto de Êxodo, a maldição é somente sobre os que odeiam a Deus. Certamente, isso se refere aos filhos que também rejeitam a Deus. Em adição, o Senhor mostra as bênçãos aos milhares daqueles que o temem.

Não importa qual seja a história de sua família, os crentes não estão debaixo de nenhuma maldição, pois Cristo carregou sobre si toda a nossa transgressão. O transporte do reino das trevas para o da luz foi completo. Satanás deseja nos ver preocupados com seu controle, suas maldições e seus "esquemas inevitáveis", mas, como Pilatos, ele não tem poder algum sobre nós, exceto o que lhe é concedido do alto.

Um cliente meu contou-me que seu filho tinha um amigo invisível, o qual lhe dizia: "Deus o odeia, mas se você me seguir, sempre vou fazer-lhe o bem". O garoto chamava seu "amigo" sempre que estava em apuros, e não percebia que era um espírito maligno. Quando os pais aprenderam mais sobre aquela estranha amizade, repreenderam o demônio no nome de Jesus Cristo. Claro que houve uma batalha, mas o demônio foi expulso, por uma boa razão: os pais sabiam o que alguns não entendiam: os demônios não têm o direito de assediar uma criança.

Qual o propósito de Deus de conceder a um demônio o poder de causar tantos problemas a uma criança? Pense sobre o que aqueles pais aprenderam acerca do poder de Deus e o que a criança descobriu sobre a natureza en-

ganadora do diabo e sobre o amor de Cristo. Como Pedro, que esteve sob as astúcias de Satanás, mas depois “fortaleceu seus irmãos”, essa família tornou-se melhor, com aquela experiência. Satanás estabeleceu um campo de batalha e perdeu.

Hoje você pode desfazer uma maldição, ao afirmar que somente Cristo tem poder sobre sua vida. Não acredite na mentira de que Satanás tem algum direito sobre você, comprado por um alto preço, ou seja, pelo sangue de Jesus. Aceite as batalhas pelas quais tem passado como permitidas por Deus, para seu refinamento e bênção. Ele nos tirou do poder das trevas, e nos transportou para o reino do Filho do seu amor” (Cl 1.13). Rejeitar as mentiras de Satanás, e afirmar quem somos em Cristo, faz parte do nosso desenvolvimento espiritual.

Martinho Lutero tinha uma empregada que vivia desanimada, pois tinha “vendido sua alma ao diabo”. Ele, então, respondeu-lhe com uma pergunta:

— O que aconteceria, se você escrevesse uma nota, na qual concordasse em vender um dos meus filhos como escravo? Essa nota teria algum valor?

— Não, é claro que não; eu não tenho direito de vender uma criança que não me pertence!

A isso, Lutero replicou:

— Agora você é filha de Deus e desde que sua alma pertence a Ele, não pode ser dada a ninguém mais.

A conclusão daquela senhora foi clara: não podemos vender o filho de ninguém. Os que pertencem ao reino de Cristo nunca estarão comprometidos por um acordo com um rei que não tem direitos sobre eles. Assim, por definição, qualquer acordo ou pacto feito por alguém com o diabo torna-se nulo no momento em que aceita a Jesus como Salvador.

Satanás não deseja que você saiba disso. Ele fará todo o possível para mantê-lo preso. Você deve lembrar, contudo, que não está sozinho em suas provações, pois as enfrenta junto com o povo de Deus. Você as encara com as promessas de Deus: "Que diremos, pois, a estas coisas? Se Deus é por nós, quem será contra nós?" (Rm 8.31). Lembre-se, Satanás terá todo o poder que nossa incredulidade lhe der.

Como pais, todos nós já levamos nossos filhos ao zoológico. Quando passamos em frente à jaula do leão, as crianças ficam com medo, mas nós não. Isso porque elas usualmente olham para o animal, mas os pais observam as barras de ferro da jaula.

Satanás é como um leão que ruge, em busca de quem possa devorar (1 Pe 5.8). Aparentemente, ruge para nos aterrorizar; espreita e trama contra nós. Como o leão do zoológico, contudo, ele só é livre dentro dos limites da jaula. Ele só ruge onde Deus permite. Isso não quer dizer que ele já esteja no abismo. Como veremos depois, esse é um evento futuro, por meio do qual sua atividade na Terra será completamente desfeita. Simplesmente, quero dizer que, mesmo agora, Deus risca uma linha e lhe diz: "Só até aqui; não vá mais adiante". Ele tem de ficar atrás das grades que Deus tem determinado.

DEUS USA SATANÁS PARA DISCIPLINAR OS DESOBEDIENTES

Às vezes nós mesmos escolhemos o campo de batalha. Estudiosos discutem se Saul deveria ser classificado como um crente ou um descrente do Antigo Testamento. Os teólogos apresentam evidências que apóiam ambas as posições. Só Deus sabe com certeza.

Quando Davi entra em sua vida, contudo, o ciúme começa a devorá-lo vivo. O que realmente deixou Saul

amargo foi o incidente com Golias. Não só porque Davi teve coragem de fazer o que ele próprio se recusou covardemente, como também porque o povo começou a amar o jovem que tinha tanta habilidade com a funda. As mulheres, particularmente, foram extremamente generosas nos elogios: "Saul feriu os seus milhares, porém Davi os seus dez milhares" (1 Sm 18.7).

A razão para Davi entrar no cenário nacional de Israel foi que Saul fora avisado de que seus dias de reinado tinham terminado. Ele havia desobedecido a um mandamento claro de Deus; por isso, estava na iminência de ser despojado do seu título, em favor do jovem que foi descrito nas Escrituras como "um homem segundo o coração de Deus". Saul simplesmente não podia aceitar essa humilhação pública.

Ele começou a demonstrar sua hostilidade: "Dez milhares deram a Davi, e a mim somente milhares. Na verdade, o que lhe falta, senão só o reino?" (v. 8).

Aqui, então, vem a surpresa. Está escrito: "No dia seguinte um espírito maligno da parte de Deus se apoderou de Saul. Ele começou a profetizar em casa, enquanto Davi tocava harpa como nos outros dias. Saul trazia na mão uma lança" (v. 10). E Saul atira a lança contra Davi, mas este escapa.

Um "espírito maligno da parte de Deus"!

Talvez imaginamos que o texto deveria ser: "Um espírito maligno da parte de Satanás veio poderosamente sobre Saul", mas não, esse demônio era autorizado por Deus. Um vassalo de Satanás tornou-se mensageiro de Deus.

Eis aqui um princípio que você deve aceitar como certo: Deus sempre disciplina a desobediência de seu povo, ao colocá-lo sob o controle dos seus inimigos (Dt 28.47,-48). Esse demônio foi enviado para atormentar Saul, ou

seja, para explorar seu ciúme. Não nos admira o fato de ele se tornar ainda mais paranóico quando atacou Davi sem nenhuma razão em especial. E, apesar da humildade de Davi posteriormente ter feito Saul clamar a Deus em arrependimento, provou-se que era sincero. Saul morreu como um homem derrotado e iracundo. Nunca conheceu a alegria do perdão e da restauração com Deus. Além do mais, tornou-se um suicida.

O demônio foi usado por Deus para disciplinar o rei rebelde. Se Saul escolheu ser ciumento, então que fosse consumido por esse vício. Se ele não se voltou para Deus com todo seu coração, então que servisse ao pecado com todo seu coração. Se ele achou que seu caminho era melhor do que a submissão a Deus, então que aprendesse como era a submissão ao diabo. Às vezes somos empurrados ao desespero, para que assim sejamos trazidos de volta para os braços de Deus.

Que experimente as mentiras do diabo

Talvez agora possamos entender a interessante história de Acabe e seus "profetas mentirosos". Quando ele perguntou a esses quatrocentos homens se deveria subir e atacar a cidade de Ramote-Gileade, eles lhe deram a resposta que desejava ouvir: sim, ele podia atacar e vencer. Quando Micaías, o verdadeiro profeta, foi chamado, inicialmente ele deu a mesma resposta, para coincidir com os desejos do rei ímpio. No entanto, Acabe sabia que Micaías estava blefando e finalmente lhe pediu que dissesse a verdade.

Micaías então falou honestamente: Israel seria espalhado como ovelhas, se Acabe tentasse lutar contra

os sírios. Para os quatrocentos profetas falsos, Micaías deu essa palavra do Senhor: Deus estava sentado em seu trono e enviou voluntários para instigar Acabe a subir e ser derrotado em Ramote-Gileade. Vários espíritos deram diferentes sugestões, mas um se ofereceu para mentir na boca dos profetas do rei. E Deus lhe disse: "Tu o induzirás, e ainda prevalecerás. Sai, e faze-o assim." (1 Rs 22.22).

Então Micaías falou: "Assim agora o Senhor pôs o espírito mentiroso na boca de todos estes teus profetas, e o Senhor falou o que é mau contra ti". (v. 23). Acabe conhecia a verdade, mas foi para a batalha disfarçado, pois achava que podia desfazer a profecia de Deus, mas um homem atirou uma flecha ao acaso, que penetrou por entre as escamas de sua armadura e ele morreu.

Por isso, é certo dizer que Deus colocou um espírito mentiroso na boca daqueles falsos profetas. Calvino, ao comentar essa passagem, diz que Deus controla Satanás com um cabresto e assim o maligno é "compelido a prestar seus serviços a Ele, seja onde for que seja impelido por Deus". Se o Senhor quer usar um demônio para dizer uma mentira a um rei mau, sempre haverá um que fará isso.

Talvez você pense que esses foram apenas exemplos do Antigo Testamento; mas e quanto ao Novo? Sim, mesmo hoje, quando nos rebelamos, escolhemos o campo de batalha e o Senhor pode usar Satanás para nos disciplinar. Quando repreendeu aos coríntios pela atitude leviana que tiveram em relação ao pecado na congregação, Paulo lhes disse que não acreditavam em Cristo. Quanto ao homem imoral, que fosse excluído, pois "um pouco de fermento leveda toda a massa" (1 Co 5.6).

Paulo diz aos coríntios: "já determinei, como se estivesse presente, que o que tal ato praticou seja entregue a

Satanás para a destruição da carne, para que o espírito seja salvo no dia do Senhor Jesus. (vv. 3,5). Aqui está um crente entregue a Satanás! Um homem que está no reino da luz, entregue para se submeter às trevas.

Aqui, novamente o papel de Satanás é o de ser agente da disciplina de Deus. Se o homem não quer se submeter à verdade divina, então que experimente as mentiras do diabo. Se deseja viver como os pagãos, então permita ser conduzido pelo deus dos pagãos. De qualquer maneira, Satanás terá de fazer o que Deus deseja que ele faça. Nem mais, nem menos.

Quando Himeneu e Alexandre “naufragaram” na fé, a resposta de Paulo foi: “os quais entreguei a Satanás, para que aprendam a não blasfemar” (1 Tm 1.20). A severidade da disciplina, o apóstolo esperava, faria com que eles voltassem ao bom senso.

Você já ouviu, tenho certeza, a confissão honesta de um cristão que vive na imoralidade. Já conversei com diversas pessoas nessa situação, as quais me falaram do tormento, da racionalização, da culpa e do sentimento de abandono, além do assédio de Satanás. Deus quer nos fazer tão miseráveis, que a dor do arrependimento e da restauração seja mais suportável do que a da vida secreta e da contínua rebelião.

As palavras de Davi nos revelam como ele se sentia, antes de se arrepender: “Pois de dia e de noite a tua mão pesava sobre mim; e o meu humor se tornou em sequidão de estio” (Sl 32.4). Essas são as palavras de um homem que conhece os tormentos da disciplina de Deus.

Lutero salienta que o diabo é instrumento divino, como uma enxada, usada para cultivar o jardim de Deus. Embora este instrumento tenha prazer em destruir as ervas, ele não pode sair das mãos de Deus, nem capinar

onde o Todo-Poderoso não deseja, nem frustrar seu propósito de criar um bonito jardim. Assim, o diabo sempre faz a obra de Deus. Mesmo na atualidade, o Senhor usa Satanás para disciplinar os desobedientes.

DEUS USA SATANÁS PARA PURIFICAR SEUS ESCOLHIDOS

Ainda temos a interessante experiência do apóstolo Paulo. Foi concedido a ele um espinho na carne, um mensageiro de Satanás para esbofeteá-lo. Esse fato não se deu devido a algum pecado que tenha cometido. Foi para evitar que ele caísse na auto-exaltação: “E, para que não me exaltasse pelas excelências das revelações, foi-me dado um espinho na carne, a saber, um mensageiro de Satanás, para me esbofetear, a fim de que não me exalte” (2 Co 12.7).

Depois que Paulo orou três vezes sobre o assunto, Deus respondeu que o espinho não seria removido, mas que ele receberia graça para suportá-lo. Ao que Paulo escreveu: “De boa vontade me gloriarei nas fraquezas, para que em mim habite o poder de Cristo. Pelo que sinto prazer nas fraquezas, nas injúrias, nas necessidades, nas perseguições, nas angústias por amor de Cristo. Pois quando sou fraco, então é que sou forte” (vv. 9,10).

Paulo, com efeito, afirmava: “Meu inimigo, esse mensageiro de Satanás, que tenciona me ferir, na verdade está me fazendo o bem”. Satanás nunca se torna nosso amigo, pois nos odeia e busca nossa destruição, mas pode nos fazer o bem, se for enviado por Deus para nos purificar. O Senhor usa também o diabo para nos mostrar que sua graça é suficiente, mesmo diante dos espinhos da vida.

Quando foi capaz de aceitar o espinho na carne como um mensageiro de Satanás enviado pelo Pai celestial,

Paulo entendeu por um prisma totalmente diferente. Então pôde agradecer pela provação (o espinho). Se Satanás conseguisse agir independente de Deus, tal ação de graças seria impossível.

Tenho notado, nos meus aconselhamentos, que os cristãos, os quais conseguem agradecer a Deus por suas aflições demoníacas, normalmente são os primeiros a experimentar a liberdade de Cristo em suas vidas. Quando começam a ver suas provações como provenientes de Deus e não de Satanás, percebem que há um propósito maior em tudo aquilo. Para as forças do mal, tal fé é execrável.

No entanto, jamais agradeçamos a Deus pelo pecado, ou, nesse aspecto, pela atuação de Satanás. Podemos, entretanto, agradecer a Deus pela maneira que usa o mal para realizar seus propósitos. Podemos agradecer pelas nossas próprias lutas e tentações e dizer: "Mesmo nessa situação, Deus é bom e sua vontade prevalece".

Estamos na academia do treinamento, o qual exige sofrimento, disciplina, fé e discernimento. O próprio Filho de Deus aprendeu a obedecer pelas coisas que sofreu.

ENTRE DEUS E O DIABO

Quais as implicações do poder absoluto de Deus sobre Satanás no aconselhamento? Obviamente, não podemos tratar todas as situações da mesma maneira.

Apenas imagine se Jó, Paulo e o rei Saul estivessem em uma cruzada de libertação nos nossos dias. Provavelmente seria dito a eles que tudo o que precisavam fazer era repreender Satanás; afinal, ele é um adversário derrotado! O que, no entanto, passaria despercebido era o propósito de Deus na luta. Muitas vezes os crentes buscam uma libertação rápida, quando o Senhor deseja um arrependimento duradouro.

Deus tem diferentes propósitos em nossos conflitos com os demônios. Para alguns, o objetivo é levar-nos ao arrependimento; para outros, é um meio de aperfeiçoamento; para diversos, é uma provação. É simplista demais e errado dizer que sempre podemos repreender Satanás e assim nos livrar dos seus propósitos. Deus pode enviá-lo a nós, tão certo quanto fez com Jó. O que podemos dizer com convicção é que não precisamos ceder à sedução de Satanás para nos levar ao pecado (assunto de outro capítulo). Libertação exige discernimento.

Tanto Deus como o diabo estão envolvidos em nossas tentações e lutas. Devemos entender seus diferentes propósitos:

1. *Temos de distinguir entre o que Deus quer e o que Satanás deseja.* Tanto Deus como Satanás estão envolvidos ativamente em nossas tentações, mas é claro que têm propósitos radicalmente opostos. Enquanto o Senhor tem um propósito benevolente em cada ato, o objetivo do diabo é sempre destruir. Satanás queria destruir Jó; Deus desejava prová-lo.

Deus busca nossa purificação e reconciliação. Deseja que estejamos satisfeitos com Ele. Quer que aceitemos com alegria a vontade revelada. Em síntese: deseja nosso bem. Seu objetivo declarado é nos transformar na imagem de Cristo, a fim de trazer muitos filhos à glória. Deus deseja fazer uma obra em nosso coração, que durará para sempre. Seu propósito é nos ensinar que o pecado é destrutivo e que, em contraste, a justiça é boa e causa um excelente impacto nas pessoas.

O maior anseio de Satanás é separar nossa alma da comunhão com o Senhor. Ele procura dividir e destruir. Quer espalhar as ovelhas de Deus e separá-las do pastor. Se somos cristãos, nossa alma pertence ao Senhor,

mas ainda podemos ser corrompidos. Satanás talvez não tenha como nos possuir, mas gostaria imensamente de nos destruir.

Se permitirmos, ele interrompe nossa comunhão, reduz nossa afeição para com Deus e enche nossa vida com pecado. Essa, pelo menos, é a sua intenção. Ele deseja que caiamos em sua armadilha, a fim de nos prender e paralisar. Ele quer que nos tornemos o mais semelhante possível a ele, em sua rebelião e independência.

Isso nos possibilita um ambiente perfeito para declarar nossa lealdade a Cristo e nos alinhar com a vontade de Deus. Somente somos purificados por meio do fogo das tentações e provações. Lembre-se: tudo o que Deus faz em nossa vida é para aumentar nossa alegria, se não nessa vida, com certeza na que está para vir.

2. *Precisamos distinguir entre a autoridade de Deus e a nossa própria vontade.* O diabo precisa obedecer a cada ordem de Deus, mas não necessariamente a *nossa*. Cristo está acima de todo principado e potestade e nós estamos assentados com Ele nos lugares celestiais (Ef 2.6). Contudo, devido ao fato de Deus ter um propósito na obra de Satanás no mundo, você e eu não temos autoridade absoluta sobre ele. Todos nós ouvimos pregadores se referirem ao diabo como se ele tivesse de obedecer a cada um de seus caprichos. O maligno geralmente responde de forma desafiadora e, sem dúvida, com alegre desprezo.

Somente Deus tem autoridade ilimitada sobre Satanás. Numa reunião de oração em Washington D.C., um homem clamava com mais entusiasmo do que entendimento: "Eu ordeno que Satanás e seus demônios saiam de Washington e não voltem jamais!" Creio que existem evidências fortes e claras de que o diabo e seus demônios não obedeceram, não saíram da cidade de Washington. Se o maligno estivesse totalmente sob nosso controle, nós

o proibiríamos de atuar em todas as cidades do mundo, ou, melhor ainda, nós o atiraríamos direto no abismo. Se estivéssemos no comando, poderíamos resolver esse problema em pouco tempo!

No dia 13 de dezembro de 1995, o pastor Júlio Ruibal foi morto a tiros em Cali, na Colômbia. Ele era usado de forma especial por Deus na união das igrejas e no ministério de oração. Estava no sexto dia de jejum. Ninguém conhecia melhor do que ele o fato de que em Cristo somos mais que vencedores; ninguém jamais exercitara tanta autoridade contra o diabo e lutado mais contra suas artimanhas. Nada disso, contudo, impediu seu assassinato brutal; da mesma maneira que Cristo, ele sofreu o martírio nas mãos de homens malignos que cumpriam as ordens de Satanás. Sua morte tem gerado poder e unidade às igrejas que deixou para trás.

Se perguntarmos por que o diabo ainda está na Colômbia, ou em Washington, a resposta é: porque "o Senhor precisa dele". O maligno ainda tem um trabalho a realizar; ainda há tarefa que ele terá de cumprir. O melhor que temos a fazer é nos lembrar do que Lutero disse quando um pastor, muito amigo seu, foi assassinado em 1527. Ele sentiu profundamente por causa da tragédia e ponderou sobre o assunto cuidadosamente. Aquilo foi, ele disse, trabalho de uma pessoa má, como um instrumento do diabo, mas Satanás era um instrumento de Deus. Assim, mesmo naquela tragédia, os cristãos podiam ver a providência de Deus. O Senhor, seja nessa vida ou na eternidade, transformará todo o mal em bem.

Eis aqui um versículo que resume o ponto principal desse capítulo. Cristo disse para a Igreja de Esmirna, no primeiro século: "Não temas as coisas que estás para sofrer. Eis que o diabo está para lançar em prisão alguns dentre vós, para serdes postos à prova, e tereis tribulação

de dez dias. Sê fiel até à morte, e dar-te-ei a coroa da vida” (Ap 2.10).

Preste bastante atenção a esses pontos:

- Embora essa igreja fosse perseguida nas mãos do diabo, ela ainda estava firme nas mãos de Deus.
- A razão de Satanás receber autoridade para lançar os crentes na prisão é que assim eles podem ser testados.
- A duração e a severidade do teste são determinados por Cristo. Se Ele diz que o teste será de dez dias, nem mesmo toda a fúria de Satanás pode prolongá-lo por onze!

Temos toda a autoridade necessária para ficarmos firmes contra o diabo; temos todo o poder que precisamos para fazer a vontade de Deus; não temos, entretanto, o controle absoluto do nosso inimigo. Não podemos destruir seu reino; não podemos determinar os limites do seu poder. Paulo achava que nem sempre tinha de duelar com o diabo ou exercer autoridade sobre ele. Por isso, escreveu que desejava ir a Tessalônica, mas “Satanás nos impediu.” (1 Ts 2.18). Às vezes, o apóstolo aceitava as limitações impostas por Satanás, como intervenção de Deus.

Por favor, não interprete isso como se tivéssemos de ficar parados, de braços cruzados, observando Satanás fazer sua obra e simplesmente dizer: “Essa é a vontade de Deus”. Precisamos estar atentos, na luta contra o inimigo, firmes contra seus ataques. Na verdade, Satanás nos foi apresentado, para que possamos lutar contra ele. É como batalhamos, contudo, que importa. Podemos lutar com mais fé e entendimento, se sabemos que Satanás está sempre sujeito a Deus.

Nossa batalha pode ser vencida.

Ainda precisamos dar uma resposta mais detalhada para essa pergunta: “O que a Serpente quer de nós?”

8

O que a serpente deseja de você?

E stamos numa guerra.

Não podemos pedir trégua.

Não podemos fugir das balas.

Não podemos nos esconder das bombas.

Não podemos receber licença médica.

Se você nunca sentiu a batalha dentro de si, não posso descrevê-la. A luta continua com a mesma intensidade, mesmo depois de vivermos com Deus durante anos. Parte dela é a luta entre a carne e o espírito; parte dela é Satanás que nos atormenta com idéias, racionalizações e aguça nossos desejos ao extremo. Pecados que pensamos haver vencido surgem inesperadamente. Como alguém disse: "O diabo agora está voltando para cobrar pelos pecados que cometi na minha juventude".

O que a serpente quer com você e comigo? Em resumo: deseja que pequemos, para que nossa alma seja separada de Deus; deseja que rejeitemos a autoridade divina,

exatamente como ela fez, para assim compartilharmos seu destino. Ela está irada contra Deus e particularmente aborrecida porque diversos membros da raça humana serão redimidos. Somos os alvos de sua fúria e de seus incansáveis ataques. Tudo isso para promover o desejo que a consome: reconhecimento e adoração. Ela deseja que sejamos semelhantes a ela.

Se somos crentes, ela sabe que não pode nos separar do amor de Deus e que nossa alma está segura eternamente, pois somos filhos por adoção. O máximo que ela pode fazer é quebrar nossa comunhão; ela deseja que sejamos contaminados pelo pecado, para que assim a imagem de Deus seja obscurecida. Ela almeja provar que nossa lealdade a Deus é superficial e baseada em motivos distorcidos. Se não pode nos impedir de ir para o Céu, pelo menos pode nos tornar inúteis sobre a Terra.

O que ela realmente gostaria seria provar que pode suprir nossas mais profundas necessidades de maneira mais autêntica do que Deus. Se nós a seguimos, ela argumenta que teremos mais realização, mais potencial e maior felicidade. Ela fará por nós o que Deus não pôde realizar. Não precisamos nos humilhar, para sermos abençoados. Não haverá necessidade de confissão de pecado, nem de submissão ao Todo-Poderoso. O que precisamos fazer é ser egocêntricos, independentes e autônomos. Isso, sibila a serpente, é a verdadeira vida.

George Müeller, conhecido por ter construído muitos orfanatos sem pedir dinheiro a ninguém, dedicava muitas horas à oração diariamente. Ele dizia que a primeira tarefa de cada cristão é ter sua alma satisfeita com Deus. Assim, Müeller lia a Bíblia e gastava um bom tempo ajoelhado, todas as manhãs, até que sua alma estivesse

“feliz com Deus”, conforme ele dizia. Essa é a alegria que Satanás tentará sabotar. O que ele mais teme é os cristãos descobrirem que Deus é agradável. Ele nada possui que possa competir com isso.

Precisava ser demonstrado quem era o Senhor

Seu método principal é fazer com que o pecado pareça bom para nós. Ele não quer que tenhamos a desobediência, mas que desenvolvamos a confiança em nossa habilidade de controlar tanto a desobediência como suas conseqüências. Pecados de todas as formas e tamanhos chegam embrulhados nos mais atraentes pacotes. Ele sempre possui alguma coisa que sirva para alguém. Entretanto, não explica a lei das conseqüências não planejadas.

É claro que Deus também tem seu propósito no nosso teste. Ele não nos tenta para nos atrair ao pecado (Tg 1,13), mas nos prova, para dar-nos a oportunidade de mostrar o quanto o amamos. Cada tentação que Satanás coloca no nosso caminho transforma-se em um teste de nossa lealdade a Deus. Se você gosta dos carros da Ford, deseja testá-los, para provar a sua confiabilidade; se você os detesta, gostaria de vê-los testados para provar que são deficientes. O teste é o mesmo. Os propósitos são diferentes.

Aprendemos, por meio da provação, que a intenção de Deus é o nosso refinamento, fortalecimento e nosso bem; mas se não sabemos disso, a tentação pode nos levar à ruína, para uma vida estéril e escravizada pelo pecado. Aquilo que Deus usaria para nosso crescimento, se não formos cuidadosos, pode transformar-se em nosso detrimento. As apostas nesse conflito são altas.

Passemos pelo deserto da Judéia e visualizemos o conflito entre a serpente e Cristo. Aqui vemos uma batalha clássica e podemos aprender com seu desfecho.

Precisamos entender o significado do primeiro versículo: "Então Jesus foi levado pelo Espírito ao deserto, para ser tentado pelo diabo" (Mt 4.1). Muitas pessoas pensam que Cristo foi ao deserto para se esconder, mas que, assim mesmo, o diabo o encontrou! O caso aqui é justamente o oposto. Jesus foi levado ao deserto pelo Espírito Santo, para encontrar o diabo e confrontá-lo! Por milhares de anos, o Verbo tinha ouvido Satanás se vangloriar e agora precisava ficar bem claro quem era o Senhor. Jesus estava no deserto pela vontade de Deus; Ele lutaria contra Satanás pela vontade de Deus. E graças sejam dadas, Ele venceu pela vontade de Deus.

Deus dirigiu Cristo para ser tentado pelo diabo, a fim de *testá-lo* e provar que Ele é todo trigo. Mais especificamente, Deus queria provar que Cristo venceria nas mesmas áreas em que Adão falhou. Satanás, por outro lado, transformou o teste em *tentação*, a fim de separar Cristo do Pai. O plano era levar Jesus a fazer o que Satanás realizara nas eras passadas. Ele desejava que Cristo fosse desqualificado como Salvador e, dessa maneira, ser reprovado também como o Filho amado de Deus.

Em épocas anteriores, Lúcifer e o Verbo já tinham se encontrado muitas vezes na glória eterna. Após a queda, Satanás descobriu que era impossível tentar a segunda pessoa da Trindade no Céu. Agora, que "o Verbo se fez carne", o diabo achou que podia lançar um ataque contra a humanidade de Cristo. Embora Jesus, como Deus, não pudesse pecar, talvez pudesse falhar como homem (talvez tenha sido esse o pensamento de Satanás). Então o diabo, com incrível audácia, tenta fazer o que muito cer-

tamente sabia que era impossível. *Tenta triunfar sobre aquele que o havia criado!*

Cristo acabara de ser batizado no rio Jordão; acabara de ter uma visão do Céu. Agora, teria uma do Inferno. Alguém disse que Ele acabara de ver a pomba (o Espírito Santo); agora veria o diabo (o espírito maligno). Logo depois da maior experiência espiritual de Jesus, o diabo ataca.

A ESTRATÉGIA

Como sabemos, Cristo “como nós em tudo foi tentado, mas sem pecado” (Hb 4.15). Isso não quer dizer que foi tentado a assistir filmes pornográficos num cinema, ou a sonegar o imposto de renda. Quer dizer que Ele foi tentado nas mesmas áreas que você e eu temos sido: “a concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba da vida” (1 Jo 2.16). Enquanto prosseguimos por essa passagem, seremos capazes de nos identificar com Cristo em cada ponto, porque Ele próprio se identificou tão de perto conosco.

Tentação 1: desviar-se da vontade de Deus

“Se tu és Filho de Deus, manda que estas pedras se transformem em pães” (Mt 4.3). Essa palavra ‘se’ talvez fosse melhor traduzida como ‘*desde que, ou já que*’. Satanás é bem ortodoxo em seu entendimento a respeito de Cristo. Ele sabia que Jesus era o Filho de Deus. A *Teologia do Maligno* sobre a inspiração da Bíblia, a existência de Deus e a pessoa de Cristo é mais precisa do que a dos teólogos liberais que negam essas verdades. O diabo crê e estremece, apesar de seguir em rebelião. Para ele, nunca foi fácil agir de acordo com o que sabe.

Transformar pedras em pão era possível a Cristo, pois foi o tipo de milagre que Ele realizou mais tarde. Dentro

de poucos meses, ele estaria na praia da Galiléia, com cinco pães e dois peixes em suas mãos e com eles alimentaria uma multidão de mais de cinco mil pessoas. Cheio de compaixão, Cristo saciou a fome de uma grande multidão; nada haveria de errado em alimentar-se, mediante a transformação das pedras em pães. Exceto por uma coisa: não era ainda o momento de Ele se alimentar. Ao que parece, Ele e o Pai haviam especificado quando o jejum terminaria. Realizar um milagre agora seria interferir no plano divino. Como sempre faz, Satanás pegou uma necessidade legítima e pediu a Cristo que a satisfizesse de maneira ilegítima. A essência dessa tentação era mostrar que as necessidades do corpo são mais importantes do que as da alma. O hoje é mais importante do que o amanhã. Desejos, não trabalho. Poder, não pobreza.

Aqui nós vemos a sutileza da tentação. Se o objeto oferecido fosse inerentemente mau, seria mais fácil resistir. Achamos a tentação fascinante precisamente porque o banquete que é colocado diante de nós parece tão bom, e ele parece bom porque é bom – no tempo certo e no lugar certo.

Achamos a tentação sexual tão sugestiva porque é razoável pensar que nossas necessidades devem ser supridas. Realmente, os hedonistas têm argumentado através dos séculos: “Quando sinto fome, eu como; quando desejo sexo, encontro um parceiro e tenho relações com ele”. Assim, os desejos do corpo que clamam por realização são satisfeitos, sem se levar em consideração a vontade de Deus.

Seja com relação a sexo, comida ou prazer, Deus tem estabelecido as regras. Ele fez isso, porque deseja nos ver realizados e não porque quer nos ver frustrados. Nosso

desafio é ter fé para crer que o seu caminho é melhor, mesmo quando superficialmente não parece ser assim. Nossa tarefa, como aconteceu com Eva, é crer que, mesmo uma árvore boa se tornará venenosa, se Deus nos proibir que comamos seu fruto.

Cristo viu a tentação do jeito que ela era. Apesar de atormentado pela fome, Ele replicou: "Está escrito: Não só de pão vive o homem, mas de toda palavra que sai da boca de Deus" (v. 4). O pão que alimenta a alma é mais importante do que o que satisfaz o corpo. Cristo apelou para uma autoridade e um propósito mais elevados. Se o diabo viesse com o erro, Cristo o combateria com a verdade.

O diabo não conseguiu a *desobediência* que queria, mas Deus, o Pai, obteve *aobediência* que desejava! Assim, descobrimos o propósito da tentação: conceder-nos uma poderosa oportunidade para declarar nossa lealdade e mostrar que cremos ser o caminho de Deus o melhor, mesmo quando nem sempre sentimos que assim seja.

Tentação 2: desviar-se da Palavra de Deus

A segunda tentação é mais complicada.

Cristo cita as Escrituras e Satanás faz o mesmo. Com poder espetacular, ele levanta Jesus e o carrega a Jerusalém, até o pináculo do templo: "Então o diabo o levou à cidade santa e o colocou sobre o pináculo do templo" (v. 5). É claro que o diabo não faria isso sem o consentimento de Cristo. Se o pináculo do templo era o ponto mais alto do telhado, ou uma das ameias voltadas para o vale do Cedrom, não sabemos. Temos certeza é de que Cristo realmente foi levado até o local pelo poder demoníaco.

"Se tu és Filho de Deus, lança-te de aqui abaixo. Pois está escrito: Aos seus anjos dará ordens a teu respeito, e eles te tomarão nas suas mãos, para que não tropeces

nalguma pedra" (v. 6). O que Satanás recita é um trecho do Salmo 91.11,12. Aqui está o diabo, sem um exemplar da Bíblia na mão, citando versículos, como se acreditasse neles!

Alguns escritores esforçam-se bastante para salientar que o diabo deixou de mencionar uma frase crucial, em sua citação. O versículo inteiro diz: "Pois aos seus anjos dará ordem a teu respeito, para te guardarem em todos os teus caminhos" (Sl 91.11). O diabo omitiu aquela pequena frase "em todos os teus caminhos", a fim de contornar e evitar a verdade de que Deus nos guardará somente se estivermos dentro de sua vontade, andando nos caminhos que Ele nos ordenou.

Outros insistem que a omissão não modifica substancialmente o sentido do versículo. Parece que o diabo falou a verdade quanto ao significado central do texto. O destaque é: ele cita as Escrituras e faz isso para atrair Cristo ao pecado!

Jamais esqueçamos o ponto essencial. O diabo cita as Escrituras com más intenções. Ao usá-las, ele desejava obstruir a habilidade de Cristo de citá-las. Ele tentava arrancar a espada do Espírito das mãos de Cristo e usá-la para seus propósitos sinistros. Ele utiliza a Palavra de Deus, que deveria nos guardar do pecado, para provocar o Senhor a cometer pecado. Ele fez isso, ao colocar uma passagem da Bíblia *contra* outra, ao invés de *alinhá-las* entre si. *Seu desejo é nos fazer escolher o pecado, mesmo com o dedo em cima do texto de uma Bíblia aberta.*

A idéia de que Satanás sempre fala coisas ruins simplesmente não é verdadeira. Ele pode citar textos bíblicos e até mesmo transmitir doutrinas. Ele chegará o mais perto que lhe for possível da verdade para enganar,

manipular e preparar uma armadilha religiosa para suas vítimas. Algumas de suas mentiras estão perigosamente próximas da verdade.

Conheci um homem que ouvia vozes, encorajando-o a ir à igreja e ser amável. Ele achava que era Cristo, porque a mensagem era positiva e edificante. Demônios, contudo, podem ministrar bons conselhos. Podem falar sobre unidade, citar partes das Escrituras e encorajar a realização de boas obras. Tudo isso para atrair suas vítimas e assumir o controle, sem que elas suspeitem de nada.

Não pense que Satanás desejasse impelir Cristo para as Escrituras, como base para suas decisões. Era, no entanto, um caso de mau uso deliberado da Palavra, para que Cristo fosse tentado, por ignorá-la. O texto nunca tentou nos encorajar a flertar com o perigo, para que provemos a fidelidade de Deus. Sermos surpreendidos pelo perigo é uma coisa; buscar o perigo para sermos heróis, contudo, é outra.

Pule, que Deus o segurará!

Vi um pregador na TV dizer que se as pessoas lhe enviassem dinheiro, Deus as faria enriquecer. Se adquirissem uma de suas roupas de oração, seriam curadas. E se participassem de uma de suas reuniões, teriam um ano de bênçãos. Pura presunção diabólica.

Podemos cair nas armadilhas do diabo sempre que interpretamos erroneamente a Bíblia e afirmamos que Deus nos dará o que não prometeu. Tornamo-nos presunçosos quando recusamos submeter nossas decisões a Deus, e supomos conhecer o que é melhor, por nós mesmos. Ao alegarmos que usamos a Palavra, nós, na verdade, a anulamos.

Cristo respondeu com seu próprio texto: "Também está escrito: Não tentarás o Senhor teu Deus" (v. 7). Cris-

to não precisava “testar” Deus, como o diabo desejava que fizesse. Jesus sabia que o Todo-Poderoso era verdadeiro em suas promessas, quando interpretadas corretamente. Ele não caiu na armadilha do diabo, de usar um texto da Palavra para anular outras passagens bíblicas. Novamente, Ele recorre à Bíblia para reiterar sua autoridade e poder.

A fé pela qual Cristo glorificou a Deus era a mesma por meio da qual o diabo foi derrotado. Por enquanto, Jesus ganha de dois a zero. E o diabo ainda não terminou.

Tentação 3: desviar-se da Cruz

“Levou-o novamente o diabo a um monte muito alto, e mostrou-lhe todos os reinos do mundo e o seu esplendor. E lhe disse: Tudo isso te darei se, prostrado, me adorares” (vv. 8,9). Uma vez mais, Cristo é transportado pelo poder do diabo, para o cume de uma alta montanha. O diabo mostrou-lhe todos os reinos desse mundo: o Império Romano com seus palácios, a Grécia antiga com suas artes e o Egito com suas pirâmides. Tudo isso e muito mais pertenceria a Cristo por meio de um simples e único ato de adoração.

Satanás, sabendo que algum dia Cristo governaria o mundo, oferecia-lhe um atalho para que ocupasse logo o seu reinado. Se Ele deixasse de lado a cruz, evitando-a, conseguiria a coroa com menos sofrimento. Assim, o “deus desse mundo” oferece o reino para o Deus do Céu. O usurpador tenta fazer um acordo com o legítimo dono do Universo.

Os teólogos estão divididos; não sabem se o diabo realmente tinha o direito de fazer essa oferta a Cristo. Alguns insistem que o mundo pertence a Deus e que Sata-

nás apenas finge possuí-lo. Não é seu e por isso não pode entregá-lo a outrem. Seu título de posse sobre a Terra é uma cópia falsificada.

Outros nos lembram que Deus é o dono do mundo e de tudo o que há nele. Ele, contudo, tem delegado o governo do mundo a Satanás. O Todo-Poderoso colocou o mundo em suas mãos e talvez o diabo tenha pensado que tinha o direito de “dá-lo” de volta a Deus. De qualquer maneira, Cristo não questionou sua autoridade ao fazer essa oferta.

A oferta era ousada e de tirar o fôlego. Lúcifer, agora transformado em Satanás, que antes adorava a Deus no Céu, agora tenta conseguir que Cristo o adore na Terra. Ele sabia que Jesus era o rei legítimo do Céu e da Terra; ele podia lembrar quantas vezes adorou o Verbo em épocas passadas, mas agora deseja virar a mesa. Sedento por um momento de glória, o maligno faz a sua proposta. Na melhor das hipóteses, Cristo – como homem – podia ceder e obedecer; na pior das hipóteses, o diabo teria de admitir mais uma derrota.

Agora entendemos melhor por que Cristo repreendeu Pedro duramente quando o apóstolo sugeriu que Ele não fosse para Jerusalém. Simão talvez tenha ficado alarmado ao ouvir o Mestre dizer: “Para trás de mim Satanás! Tu me serves de pedra de tropeço; não compreendes as coisas que são de Deus, e, sim, as que são dos homens” (Mt 16.23). É claro que Pedro não percebeu que encorajava Cristo a cancelar a Páscoa, e apresentava uma sugestão que selaria sua própria condenação. Se Jesus não fosse morto, Pedro e todos os homens estariam irremediavelmente perdidos.

Cristo, porém, não se desviou da vontade de Deus. Lá na tentação do deserto, Ele replicou: “Vai-te, Satanás! Pois está escrito: Ao Senhor teu Deus adorarás, e só a ele

servirás” (Mt 4.10). E assim, Satanás não pôde satisfazer seu desejo mais ardente. Ele sabia que se fosse adorado, seria também obedecido; mas desde que não fora atendido, continuaria agindo como se tivesse sido. Ele sempre se satisfaria com a fantasia e não com a realidade.

Hoje, Satanás não pode mais tentar Cristo a evitar a cruz, mas consegue nos tentar a menosprezar esse sublime ato. Cada vez que pensamos em fazer alguma penitência para sermos perdoados, tiramos o valor da cruz. Muito freqüentemente carregamos a culpa, porque esquecemos que Cristo morreu por todos os nossos pecados.

Diminuímos a importância da cruz quando achamos que cometemos um pecado grande demais para Deus perdoar. E, assim, muitas pessoas pensam que cometeram o “pecado imperdoável”, pois não percebem que se tivessem praticado tal ato, não estariam preocupadas com isso.

Também desvalorizamos a cruz quando pensamos que a resposta para os problemas do mundo estão na reforma política ou moral, em vez de se encontrar no poder da cruz, o único caminho pelo qual o homem pode se reconciliar com Deus.

Cada vez que tiramos a importância da cruz, Satanás cumpre sua missão. Ele deseja que pensemos que pode haver uma coroa sem uma cruz; que pode haver salvação sem substituição. Dessa maneira, o conflito entre a vontade de Deus e os “reinos deste mundo” continua ainda hoje.

Cristo passou no teste; o diabo fracassou. Deus foi honrado, porque Jesus declarou resolutamente que herdaria o reino à maneira do Pai; Satanás foi desonrado, e mais uma vez condenado a desempenhar o papel do perdedor. Anjos vieram e serviram a Jesus Cristo. Por

enquanto, aquela batalha terminara, mas, como sabemos, o diabo estaria de volta no "momento oportuno" (Lc 4.13).

A VITÓRIA DE CRISTO HOJE

Hoje em dia, Satanás e Cristo não se enfrentam mais nos desertos da Judéia. Jesus está assentado no Céu como cabeça da Igreja, à destra do Deus Pai. Ele tem em seu poder "a chave de Davi". Ele descreve a si mesmo como o que "é santo, o que é verdadeiro, o que tem a chave de Davi. O que abre, e ninguém fecha, e fecha e ninguém abre" (Ap 3.7). Uma chave representa autoridade. Em seu caso, trata-se de autoridade soberana, inquestionável.

Os zeladores da nossa igreja em Chicago utilizam diferentes chaves, com diversas utilidades. Algumas servem somente para se entrar no prédio; outras permitem o acesso à área dos escritórios. No entanto, há uma chave com a qual você pode entrar no prédio, na área dos escritórios e em uma sala em particular. Portanto, existe a chave-mestra, que abre qualquer porta na propriedade, inclusive os armários e depósitos.

Cristo tem a chave-mestra do Universo. Não existe porta alguma que esteja fechada para Ele. Nós não o honramos quando dizemos que existem países "fechados para o Evangelho". Se achamos que há alguma área de resistência que o Evangelho não pode vencer, diminuímos a autoridade dele no mundo. Ele tem a chave de cada família e de cada coração. Ele também tem a chave do nosso sofrimento e de nossas lutas contra o diabo.

Certa vez um pastor me contou sobre uma cidade, a qual ele descreveu como a "capital do ocultismo". Ele disse que ali havia mais reuniões de bruxaria, rituais sa-

tânicos e pessoas controladas por demônios *per capita* do que em qualquer outro lugar da Terra. Sua igreja estava em luta, ele disse, porque a cidade era um “cemitério de pastores”. Vândalos incendiários haviam tentado colocar fogo no templo e os membros eram perseguidos.

Eu reconheço que aquele pastor passava por uma situação muito difícil, mas tenho excelentes notícias para ele. Conheço uma igreja que ficava numa região infestada de adoradores satânicos e mesmo assim ela cresceu, por causa da intervenção de Cristo. Trata-se da Igreja de Filadélfia, situada na região costeira da Ásia Menor.

Porque tinha a chave de Davi, Cristo pôde dizer para essa igreja: “Diante de ti pus uma porta aberta, que ninguém pode fechar... Farei aos da sinagoga de Satanás, aos que se dizem judeus, e não são, mas mentem, farei que venham, e adorem prostrados a teus pés, e saibam que eu te amo” (Ap 3.8,9). Às vezes, somos tentados a pensar que Satanás tinha a chave da sinagoga mencionada no texto; afinal, ela era dominada por sua autoridade e poder. Cristo, contudo, prevaleceu sobre o maligno e garantiu à igreja que esses judeus se tornariam crentes; os seguidores de Satanás se converteriam a Cristo.

A chave de Satanás para essa sinagoga só lhe permitia ir até um certo lugar. Cristo tem a chave-mestra. Ou melhor, Satanás só finge ter a chave, e ilude os que pensam ser ele o que pode fechar e abrir as portas. O fato é que ele não pode fazer nenhuma das duas coisas; não pode nem abrir nem fechar uma porta, a menos que Cristo concorde. Assim Jesus pode dizer que abriu uma porta que ninguém pode fechar e “Farei aos da sinagoga de Satanás... adorem prostrados a teus pés”. Satanás não pode reagir e tudo o que consegue fazer é lamentar, enquanto Cristo é o vencedor.

Somente Cristo tem a chave do Céu e do Inferno, a chave do Marrocos e do Japão, da Alemanha e da França, do Brasil e da América do Norte. Só Cristo tem a chave da "capital do ocultismo". E se Jesus abre uma porta, ninguém pode fechá-la; e se fecha uma porta, ninguém pode abri-la! Às vezes, como Paulo bem sabia, Cristo abre uma porta e levantam-se muitos adversários (1 Co 16.9). O apóstolo dos gentios também entendia que se Satanás aparecesse pessoalmente, com cada um dos seus demônios furiosos, a tropa toda teria de humildemente se submeter ao que tem nas mãos a chave do Universo!

Se uma porta se fecha, afirmemos ousadamente que foi a vontade de Cristo, por razões desconhecidas para nós. Afirmemos, com a mesma ousadia, que não existe porta que Cristo não possa abrir. Quando estava na prisão, Paulo encorajou os crentes de Colossos a orar por ele, "para que Deus nos abra a porta da palavra, a fim de falarmos do mistério de Cristo, pelo qual estou preso" (Cl 4.3). Muitas vezes, as portas fechadas servem para que nossa fé e perseverança sejam testadas. Haveria, contudo, pouca utilidade em orar e batalhar para vê-las abertas, se Satanás tivesse o poder de mantê-las fechadas. Por isso, perguntamos: o que o diabo quer de nós?

E o que Deus deseja de nossa vida?

O PROPÓSITO DE SATANÁS / O PROPÓSITO DE DEUS

Nós também temos nosso deserto. Tiago escreve que somos tentados quando enganados e atraídos pela nossa própria cobiça. Ele então acrescenta: "Depois, havendo a concupiscência concebido, dá à luz o pecado; e o pecado, sendo consumado gera a morte" (Tg 1.15). Nosso maior

desafio é fazer o que sabemos ser certo; isso significa crer que o pecado é tão mau quanto Deus diz que ele é e que Satanás, com todo seu poder de sedução, no final nos enganará.

O que Satanás deseja?

Às vezes, as tentações demoníacas tomam uma forma extrema. Eis aqui parte de uma carta que recebi de uma senhora que experimentava seu deserto da Judéia. Os ataques eram incansáveis e constantes.

Sou cristã há dez anos e cada um desses anos tem se caracterizado por pesados ataques demoníacos. Eu tenho o dom duvidoso de estar em sintonia com o mundo dos espíritos, devido ao meu envolvimento anterior com o ocultismo. Espíritos malignos falam comigo durante todo o dia, usando obscenidades e me atormentando. Embora eu consiga vê-los claramente, meu marido não pode. Tenho experimentado ataques na área sexual, medo e insônia.

Minha raiva é cada vez mais crescente, mesmo contra Deus, porque não consigo entender por que Ele permite que um cristão suporte provas tão terríveis por tanto tempo. Eu achei que deveria haver algum pecado muito grave em minha vida, mas aparentemente esse não é o caso. Embora Deus esteja me dando graça para lidar com essas provações, estou me tornando uma pessoa fechada e solitária.

Qualquer um que escreveu ou falou sobre Satanás, ouviu histórias que cortam o coração sobre os que estão aprisionados pelo inimigo. Devido ao fato dele nos conhecer tão bem, seus ataques contra nós são certos. Ele explora nossas fraquezas e insiste com suas sugestões. Em alguns casos, as pessoas são atormentadas por aflições demoníacas.

Não desejo analisar em detalhes a situação de tormento dessa senhora, mas algumas coisas saltam aos nossos olhos quando lemos sua carta.

Primeiro, Satanás deseja que ela se afaste de Deus e creia que o Todo-Poderoso simplesmente não é capaz de suprir suas necessidades; ou então, Ele não está interessado em sua difícil situação. E se Deus não se importa com ela, então ela deve cuidar de si mesma. Satanás é ladrão; assim, ele vem para roubar sua alegria.

Segundo, Satanás quer dominar, retomar o controle da vida dessa senhora. Se ela seguisse suas sugestões, experimentaria pressão ainda maior para manter sua desobediência a essa conclusão lógica. A serpente deseja cortejá-la e acompanhá-la em seu caminhar pela vida. Faz com que qualquer mudança em sua vida pareça impossível. O desespero é a arma mais persistente do diabo.

Terceiro – e isso está implícito – Satanás quer fazer com que o testemunho dela seja desacreditado e ela seja testemunha de que Deus não tem capacidade para cuidar de seus filhos. Quando Davi cometeu assassinato e adultério, o Senhor lhe disse que as notícias do que ele tinha feito tinham dado chance para que “os inimigos do Senhor blasfemem” (2 Sm 12.14). O povo de Deus é o troféu mais cobiçado por Satanás. Ele sabe que o Todo-Poderoso o levará ao Céu para sempre. Sua única oportunidade para molestá-lo é agora. Ele é o acusador e gostaria de desacreditar essa mulher.

O passo final, claro, é que Satanás deseja que ela o veja fazer o que Deus aparentemente não está disposto a realizar. Quando nos vemos em uma situação de extremo aperto, sem conseguir vislumbrar um fim para nosso sofrimento, é nesse momento que estaremos mais aptos para nos afastar de Deus.

Evidentemente, Satanás deseja enfraquecer essa mulher cada vez mais, para que ela caia no desespero. Leia a carta novamente e sinta como ela está próxima de perder totalmente a esperança e tornar-se ressentida com Deus, devido à longa duração da luta. Desde que não podemos vencer essas batalhas sem fé, o inimigo busca nos enfraquecer, fazendo-nos sentir como se não valesse a pena lutar. A falta de esperança tira toda a fé do nosso coração.

É exatamente isso que ele deseja!

O que Deus deseja?

Não existe uma resposta fácil para os que são afligidos por Satanás, mas há uma resposta sincera. Primeiro, contudo, devemos pensar no que Deus deseja que aconteça no meio do nosso conflito.

Se Satanás deseja nos *pulverizar*, Deus, por outro lado, quer nos *purificar*. Deus deseja que declaremos nossa lealdade a Ele. Não podemos afirmar que amamos o Senhor de todo coração, alma e entendimento, a não ser que estejamos dispostos a fazer algumas escolhas difíceis em seu favor. Só podemos provar nosso amor a Deus quando dizemos *sim!* para Ele, quando todas as paixões do nosso ser gritam *não!*

Deus é glorificado também quando cremos que a verdade de sua Palavra é mais poderosa do que as mentiras de Satanás. Deus prefere aquelas pessoas que realmente crêem quando Ele diz que existe mais felicidade a ser alcançada nele, do que no mundo. *Bem-aventurada é a pessoa que crê em Deus, mesmo que cada partícula de seu ser conteste isso.*

O segundo propósito de Deus é revelar-se a nós e renovar nosso amor e entendimento. Quando nos defronta-

mos com o diabo e vencemos, podemos esperar que Deus nos ministre, assim como os anjos serviram a Jesus Cristo. O Senhor deseja que tenhamos convicção de sua grandeza e glória, para que nunca mais propiciemos a Satanás o poder que ele almeja para exercer o controle sobre nós.

Abraão experimentou a mais dolorosa tentação de sua vida quando Deus pediu-lhe que oferecesse Isaque, seu filho, sobre o altar. Sabemos que o patriarca passou no teste, quando creu que, se fosse necessário, o Todo-Poderoso até mesmo ressuscitaria Isaque, para que sua promessa fosse cumprida. Quando ele deixou aquela montanha, abençoado, ele chamou o lugar de "Jeová-Jiréh", que quer dizer: "O Senhor proverá". Pense um pouco nas novas idéias sobre Deus que inundavam a alma do velho patriarca. Desse momento em diante, ele adoraria de uma forma diferente, serviria de forma diferente e mais tarde morreria de forma diferente. O Abraão que desceu da montanha era um homem diferente daquele que tinha subido. Ele foi transformado por meio da tentação, porque resistiu-lhe com sucesso.

Voltando à carta daquela senhora: jamais deixemos de olhar para o que Deus diz aos amigos cristãos daquela mulher. Quando Paulo escreveu aos Efésios que, acima de tudo, devíamos tomar "... sobretudo, o escudo da fé, com o qual podereis apagar todos os dardos inflamados do maligno" (Ef 6.16), ele sabia que essa era uma peça da armadura sem a qual não podemos viver. Parece que naqueles dias os escudos eram fabricados de tal maneira, que uma extremidade podia se encaixar na extremidade de outro escudo. Assim, quando um exército marchava para a batalha, esses instrumentos se interligavam e parecia que uma longa parede se movia diretamente sobre o inimigo.

Existem certas batalhas que não podemos lutar sozinho. Por isso Paulo escreveu: "O olho não pode dizer à mão: Não tenho necessidade de ti! Nem ainda a cabeça, aos pés: Não tenho necessidade de vós!" (1 Co 12.21). Há momentos em que os componentes do Corpo de Cristo precisam se reunir para a batalha, em função de um de seus membros mais fracos. Se Satanás quer derrotar essa mulher, a igreja deve enfraquecê-lo, por meio da intercessão, do ministério da Palavra e do aconselhamento.

Precisamos estar ao lado dos que ficam exaustos na batalha. Quando não conseguimos orar por nós mesmos, necessitamos de outros que orem por nós. Deus é fiel, não somente quando vencemos, mas quando lutamos, e não há uma vitória permanente. Se sabemos que o diabo está debaixo da supervisão divina, creiamos que Deus tem um propósito de tornar nosso caminhar com Ele mais profundo, mesmo enquanto a luta se intensifica.

Não importa qual a motivação de Satanás; o propósito de Deus com relação a seus filhos é sempre benevolente. Não precisamos ver livramento instantâneo, para que Deus seja glorificado. Só é necessário afirmar que nunca receberemos mais lutas do que podemos suportar; é preciso ter consciência de que sofreremos debaixo do fiel cuidado de Deus.

A todos os que sofrem com os contínuos ataques de Satanás, devemos dizer: "Não veio sobre vós tentação, senão humana. E fiel é Deus, que não vos deixará tentar acima do que podeis resistir, antes com a tentação dará também o escape, para que a possais suportar." (1 Co 10.13). Alguma outra pessoa, em determinado lugar, sofreu a mesma tentação que experimentamos atualmente e saiu vitoriosa. Qualquer nova provação é uma velha prática que acontece para uma nova pessoa.

Às vezes, Deus nos ensina mais quando sofremos por causa das tentações, do que quando estamos livres delas. Quando conseguimos ver a face de Deus, mesmo no momento em que um demônio fala em nosso ouvido, somos abençoados. É claro que jamais devemos nos dar por satisfeitos até que o diabo fuja, embora precisemos nos lembrar também de que Deus tem o tempo determinado para que isso aconteça.

Bem-aventurados são os que crêem ser Deus bom, mesmo quando parece que Ele não realiza o que deveria fazer. Eis aqui algumas palavras de encorajamento, de um homem que esteve debaixo de ataques de Satanás por um longo tempo — longo até demais:

Mas ele conhece o meu caminho; se ele me provasse, eu sairia como o ouro. Nas suas pisadas os meus pés se firmaram; guardei o seu caminho, e não me desviei dele. Do preceito de seus lábios nunca me aparte; as palavras da sua boca prezei mais do que o meu alimento. (Jó 23.10-12)

Nenhuma provação representa tempo desperdiçado se Deus consegue o que deseja. Lembre-se, o Senhor vence mesmo quando parece que perdeu. Satanás perde mesmo quando parece que venceu.

9

Fechando a porta quando a serpente bate

Um corretor desonesto agiu da seguinte maneira: contactou um provável cliente e assegurou-lhe que se investisse uma pequena quantia de dinheiro em um certo negócio, receberia o dobro em juros em poucos meses.

O cliente ficou meio desconfiado, mas o lucro era tão impressionante, que resolveu tentar, e investiu uma pequena quantia de dinheiro, algo que não lhe custaria muito se perdesse.

Alguns meses mais tarde, o trapaceiro apresentou um cheque com o dobro do valor que o cliente investira, em cumprimento de sua palavra. Sua proposta extravagante parecia ser verdadeira.

Um mês mais tarde, ele procurou novamente o cliente, com uma proposta semelhante. Dessa vez, o investimento exigia uma quantia maior de dinheiro. Novamente, o cliente teria um lucro muito alto.

E assim prosseguiu. A cada encontro, o cliente desenvolvia mais confiança no corretor; e cada vez mais as quantias envolvidas aumentavam substancialmente.

Finalmente, o cliente, muito satisfeito, entregou ao “amigo” uma soma altíssima, com a certeza de que alcançaria um lucro ainda mais elevado.

Dessa vez, o trapaceiro desapareceu, e levou todo o dinheiro investido.

Corretores desonestos lhe dirão que é necessário seguir algumas regras básicas, se quiser enganar as pessoas:

1. Nunca perca de vista seu alvo – escravizar seus clientes.
2. Pense em maneiras que ajudem seu cliente a desenvolver confiança em você. Nada faça que levante suspeitas ou medo.
3. Use uma isca que atraia seu cliente, mas certifique-se de que o anzol está engenhosamente escondido.
4. Faça promessas que provem os benefícios pessoais do seu produto. Sempre que possível, cumpra o que prometeu.
5. Tenha sempre iscas disponíveis, de acordo com os interesses das massas. Não há limites para o número de portas que podem se abrir para ajudar a alcançar o objetivo final – ter o cliente fisgado e sob seu controle.

Satanás tem um plano-mestre para enganar as nações. Ele espera redefinir nosso conceito sobre Deus, para que estejamos dispostos a mudar nossa lealdade. O maligno deseja que lhe reverenciemos, ao invés de adorarmos o Deus vivo e verdadeiro.

Ele possui também um plano pessoal, para sua vida. Ele tem um espaço para você em seu esquema global. Acredita que pode nos fazer segui-lo, pelo menos durante uma parte da jornada. Planta sementes que anos mais tarde germinam. Ele fica fora de vista, à espera daquele momento especial. Sabe que temos aversão a ele, por isso apresenta-se com diferentes disfarces, e usa nomes e interesses diferentes.

Desde que Satanás estabeleceu seu reino para imitar o de Deus, há razões para acreditar que um demônio seja destacado para nos acompanhar, observar e tentar usar todas as oportunidades para nos atrair ao pecado. Esse "anjo da guarda" gostaria muito de nos levar à ruína.

A maioria dos soldados que lutou na Europa durante a Segunda Guerra não teve contato direto com Hitler; batalharam apenas contra seus subalternos; assim também nós muito raramente enfrentamos o próprio Satanás. Ele não consegue estar em dois lugares ao mesmo tempo; então provavelmente só se encontra nas batalhas mais estratégicas e importantes. Seus muitos subordinados, entretanto, estão espalhados pelo mundo. Esses espíritos inferiores têm níveis variados de inteligência e poder. Eles são altamente organizados e foram recrutados como mercenários, servos que cumprem suas ordens. Se desobedecem, provavelmente são duramente castigados pelo cruel tirano.

Nossa vida secreta, aquelas atitudes e comportamentos que escondemos dos outros, são de interesse especial do diabo. Muito provavelmente os espíritos malignos não são capazes de ler os pensamentos de um crente, mas observam nossas ações. Eles sabem o que assistimos na TV, observam o que lemos, acima de tudo, prestam atenção ao que falamos. Essas coisas lhes indicam as áreas mais férteis para a tentação.

Seu método é fazer o pecado parecer bom

Os caçadores estudam os animais, para se familiarizarem com o que gostam e não gostam, seus hábitos e os ambientes que freqüentam. Eles os seduz para situações que parecem atrativas, mas que escondem um perigo mortal. A armadilha tem a vantagem de ficar no lugar do caçador. Ele nem mesmo precisa estar presente, e o animal será agarrado sem suspeitar.

Se você quiser apanhar um rato, vai usar queijo; um urso será apanhado com um pedaço de carne fresca; para os peixes, você usa minhoca. A armadilha, é claro, tenta sua presa com o que ela deseja ter, mas no final lhe dá o que *você* quer que ela tenha.

Creio que Satanás já tem feito planos meticulosos para nossa queda. Tudo o que precisamos fazer é evitar a armadilha, cuidadosamente preparada. É claro que não sabemos onde ela está, nem podemos vê-la, mas de qualquer maneira ela se encontra em algum lugar.

Se soubéssemos o quanto Satanás sabe sobre nós, se entendéssemos seu deleite perverso quando damos um mau testemunho, iríamos estudar a Bíblia com afinco para aprender mais sobre ele e os tipos de armadilhas que são preparadas contra nós.

Devemos lembrar de três princípios.

Primeiro: Satanás está furioso com Deus, porque sabe que Ele vencerá a batalha final. Está raivoso porque quer ser semelhante ao Altíssimo e sabe que jamais será! Está profundamente ressentido com a generosidade de Deus para conosco, porque esperava que toda a humani-

dade se alinhasse com ele na rebelião. Atacar-nos é conseguir afrontar a Deus. Ele está furioso por ver a imagem de Cristo em nós.

Segundo: seu método é fazer com que o pecado pareça bom. Seja qual for a isca, quer que desenvolvamos confiança em nossa habilidade de lidar com as conseqüências da desobediência. Ele nunca nos lembrará da lei das conseqüências não planejadas.

Terceiro: Ele opera por meio dos pecados da carne. Pega as transgressões contra as quais já lutamos e reforça o poder delas. Seu objetivo é ter uma alavanca para influenciar nossa vida. Deseja que Cristo seja mau afamado por nossa causa. Deseja que tropeçemos e assim nossa vida cristã seja desacreditada. Desde que não tem escrúpulos morais, ele fará qualquer coisa para nos atacar. Nada estará abaixo da sua dignidade.

O que ele deseja de nós? Controle. Deseja ter o privilégio de gerenciar nossa vida. Deseja ter participação nela.

ESTÁGIOS DO CONTROLE

Tentação

O primeiro nível de controle é a tentação. Satanás ou um de seus demônios injeta pensamentos na nossa mente, os quais achamos que são nossos. Isso lhe dá condições de permanecer escondido enquanto nos atrai para o pecado. Essa estratégia é brilhante, pois, embora o pecado seja atraente para nós, o diabo não é.

Certa vez, um casal decidiu vender uma propriedade e doar parte do dinheiro para a igreja. Até aqui, tudo bem. Eles, entretanto, decidiram fingir que doavam toda a importância da venda. Como muitos de nós, queriam parecer melhores crentes do que eram na realidade. O apóstolo Pedro os repreendeu e perguntou ao marido:

“Ananias, por que encheu Satanás o teu coração, para que mentisses ao Espírito Santo, retendo parte do preço da propriedade?” (At 5.3). O homem foi fulminado por Deus por causa desse pecado e logo depois a esposa recebeu o mesmo castigo.

Se alguém dissesse a eles que um espírito maligno havia colocado a mentira hipócrita em suas mentes, teriam ficado surpresos. Pensavam que a idéia tinha partido deles, mas foi o maligno quem plantou a sugestão em suas mentes.

Embora Satanás evidentemente não pudesse ler seus pensamentos, foi capaz de injetar idéias dentro da mente deles. Lembre-se que nossa mente é uma substância espiritual e não física. Seria incorreto dizer: “Tive um pensamento que possuía dois centímetros de comprimento e pesava um grama!” Nossos pensamentos existem numa esfera acessível ao mundo espiritual. Isso explica por que os que buscam a expansão da mente ou praticam a meditação transcendental descobrem que entram em contato com demônios. Como seres espirituais, podemos ser conectados com o mundo espiritual.

O ponto aqui, claro, é que Satanás pode nos tentar, dando-nos idéias. Se vamos agir de acordo com elas, entretanto, é nossa escolha – não dele. Ananias e Safira agiram de acordo com a sugestão e arcaram com as conseqüências.

Obsessão

Um segundo estágio é a opressão ou obsessão. Recentemente, falei com uma senhora cristã, a qual me contou que vários meses atrás começara a ter pensamentos terríveis. Especificamente, ela se via pegando uma faca

para matar a neta, um bebê de poucos meses. Essa senhora estava obcecada por essa terrível perspectiva.

O interessante é que, enquanto criava os próprios filhos, ela nunca teve esse tipo de pensamento. Somente nos últimos meses e sem nenhuma razão aparente, começou a lutar com o medo de que não poderia ficar sozinha com a neta. Ela ficava angustiada, temendo agir de acordo com suas fantasias.

Será que aquelas idéias eram dela? Não creio. Como uma cristã amável poderia pensar em matar a própria neta, que amava tanto? Os pensamentos eram provenientes de um espírito demoníaco, o qual, por alguma razão, viera atormentá-la.

Quando eu lhe assegurei que aqueles pensamentos não eram seus, ela ficou aliviada por duas razões: *primeiro*: porque não era a mulher má que começava a pensar que fosse; e *segundo*: ela agora sabia que aquelas imagens não teriam poder sobre ela. O demônio podia sugerir o mal, mas não conseguia forçá-la a praticá-lo. Em outras palavras, ela estava no controle, percebendo isso ou não. Ela podia repreender os pensamentos no nome de Jesus Cristo com total confiança de que não precisava seguir a sugestão. Cristo estava ao seu lado.

Tentações sexuais são comuns a nós todos. E devo acrescentar: teríamos tais desejos mesmo que Satanás e seus demônios não existissem. Afinal, somos criaturas caídas, que lutam contra os prazeres e a cobiça. Se, contudo, nos permitimos praticar esses pecados, damos a Satanás uma base de apoio, uma oportunidade para voltar e reclamar o lugar que pensa ser seu. Tenho aconselhado pessoas que são obcecadas por fantasias sexuais, freqüentemente depravadas e perversas. Esses pensamentos podem vir enquanto cantam um hino na

igreja, ou tentam orar. A obsessão ganha prioridade sobre todos os outros pensamentos. Satanás firmou um pouco mais o pé.

Possessão

O terceiro estágio é a possessão. A característica desse nível de controle é vista mais claramente em Marcos 5. Aqui um demônio não só atormenta um homem, mas habita em seu corpo. Nós nos compadecemos dele, por sua compulsão em viver sozinho e destruir o próprio corpo. Talvez a razão de se ferir com pedras fosse uma tendência suicida. Cristo o libertou daqueles poderes terríveis, de modo que, no final, ele estava vestido e “em perfeito juízo”.

Cristãos podem ficar possessos? Essa questão é muito debatida hoje em dia e a resposta talvez não seja totalmente clara. Parte do problema está ligada à terminologia. Certamente todos nós concordaríamos que um demônio não consegue se apossar de um cristão no sentido de possuí-lo ou habitar diretamente nele, como atua o Espírito Santo. Alguns, contudo, insistem que um cristão pode ficar “endemoninhado”, isto é, ter um profundo nível de envolvimento demoníaco, mesmo dentro do seu corpo. A segunda dificuldade em responder a essa questão é porque não conhecemos suficientemente a *psiquê* humana para saber exatamente onde a linha entre opressão e possessão deveria ser traçada.

O que parece claro é que existem cristãos cujas cordas vocais têm estado sob o controle de um espírito demoníaco (contudo, isso pode ser um fenômeno sem nenhuma relação com possessão, como a encontrada no Novo Testamento). Já me defrontei com espíritos demoníacos que falavam pelos lábios de cristãos, os quais estavam sob

profunda opressão demoníaca. Muitos outros conselheiros, com muito mais conhecimento do que eu, já tiveram experiências semelhantes.

Talvez os demônios tenham um nível muito maior de controle sobre cristãos do que acreditamos, contudo, devemos sempre comparar o poder de Satanás com o de Deus, senão atribuiremos ao maligno mais condições do que ele merece. Nosso grito de guerra deve ser: "Filhinhos, vós sois de Deus, e já os vencestes, porque maior é o que está em vós do que o que está no mundo" (1 Jo 4.4).

Satanás está sujeito a Deus, mas o Senhor permite que ele nos coloque diante do sofrimento das tentações. Mesmo as provações corriqueiras da vida podem se tornar ocasiões para tentação. Nunca é demais repetir isso: devemos estar atentos para os perigos que estão em nosso caminho.

SETE PORTAS

Nos capítulos anteriores, aprendemos que Deus escolhe o campo da batalha, como no caso de Jó; às vezes, é Satanás quem escolhe onde a batalha vai se desenrolar, como no caso de Pedro. Às vezes, nós o escolhemos e quando o fazemos, é sempre para nosso detrimento.

Eis aqui algumas portas que o diabo espera que estejam abertas, mesmo que seja só uma fresta. Não quero dizer que se abrimos essas portas Satanás entra e habita em nós, mas que elas lhe dão oportunidade para desenvolver uma fortaleza, isto é, um padrão de comportamento pecaminoso que lhe permite exercer influência sobre nós. Ele voltará para bater novamente na porta que já foi aberta por sua influência.

Pode haver outros pontos de abertura que não estão relacionados aqui. Esses são apenas alguns dos mais co-

muns, aqueles com os quais mais provavelmente nos identificaremos. Acompanha-me, porque depois discuti-rei como podemos fechar essas portas e mantê-las seladas.

Rebelião / Vontade própria corrompida

Desde que a rebelião foi o primeiro pecado já cometido, deve ser o primeiro da lista. Crianças que se rebelam contra a autoridade dos pais, mesmo quando ela é exercida com amor, ou adultos que recusam submeter-se a Cristo e à liderança da igreja – essas e mais uma dúzia de outros tipos de rebelião alegram o maligno. A filosofia do “culto do ego” não teve origem na mente humana, mas primeiro foi abraçada por Lúcifer, quando substituiu a vontade de Deus pelo seu próprio desejo.

A rebelião é como o pecado de feitiçaria e a obstinação é como idolatria (1 Sm 15.23). As rebeliões das drogas, do rock pesado e da violência, todas tocam juntas, com o diabo dando o tom. O mesmo acontece com a rebelião da indiferença e a do afastar-se de Deus e de seu povo. Não importa o quão polida e educada seja a recusa, quando não temos Deus no governo de nossa vida, nos rebelamos contra Ele.

Desde que a satisfação da própria vontade está na raiz de todos os nossos pecados, explicarei mais sobre isso no próximo capítulo. Por enquanto, basta lembrar que a rebelião do homem é tão detestável para Deus quanto a de Satanás. Rebelar-se significa seguir o príncipe dos rebeldes.

Ira

Um dos sinais da atividade demoníaca é a ira irracional e incontrolável. Explosões de raiva que acontecem com frequência e com pouca ou nenhuma provocação. Paulo escreveu: “Trai-vos, e não pequeis: não se ponha o

sol sobre a vossa ira, nem deis lugar ao diabo" (Ef 4.26,27). A palavra grega para lugar é *tópos* que significa "possibilidade, oportunidade, chance". A ira, como outros pecados, permite que um espírito maligno ganhe uma entrada pelo menos parcial na vida de alguém. Essa cunha colocada na porta pode tornar-se a base para mais explosões de ira e para a manifestação de um demônio.

Alguém me contou que, quando sua esposa ficava irada, mesmo sem provocação, ficava "transformada em outra pessoa". Ela parecia tomada por um poder que estava além do seu, um poder que a deixava amuada durante dias. É claro que havia muitas razões escondidas para sua ira, mas explosões de raiva dão oportunidade para a atuação do diabo.

Homens que são muito irados, muitas vezes violentos e irracionais, devastam o casamento e a vida dos filhos. Mesmo que peçam perdão depois, muitos danos irreparáveis são causados. Desde que a ira é altamente destrutiva, o destruidor a utiliza para cumprir seus propósitos.

Ódio / Assassinato

Após a ira, vem a violência, a expressão de ódio e raiva descontrolada. Já aprendemos que Caim matou o próprio irmão, porque "era do maligno" (1 Jo 3.12). O apóstolo João afirma que o que não ama seu irmão age como um filho do diabo. Por outro lado, os filhos de Deus amam uns aos outros. O discípulo amado faz o seguinte comentário: "Todo o que odeia a seu irmão é homicida. E vós sabeis que nenhum homicida tem a vida eterna permanente em si" (1 Jo 3.15). Isso explica por que algumas pessoas que estão sob a influência de espíritos malignos

possuem desejos e pensamentos de morte e, por esse motivo, procuram até mesmo matar-se. O diabo instiga violência e morte.

Desde que “o mundo inteiro jaz no maligno”, como João diz (1 Jo 5.19), não é de surpreender a brutalidade que impera nesse planeta desde o princípio da criação. Uma hora de televisão confirmará que Satanás é realmente o deus desse século.

Culpa

O vocábulo adversário significa *acusador*. Já comentamos sobre a visão do profeta Zacarias, quando ele viu o sumo sacerdote Josué em pé diante de Deus, vestido com roupas sujas, símbolo dos pecados da nação. Satanás também estava presente, ao lado direito de Josué, “para lhe opor”. Deus, porém, tomou as roupas sujas do sacerdote e o vestiu com “trajes finos” (Zc 3.1-7).

Enquanto o Espírito Santo usa a culpa para nos levar a Cristo, a fim de recebermos perdão, Satanás, pelo contrário, a utiliza para colocar uma barreira entre Deus e nós. Ele consegue isso quando nos faz pensar que nossos pecados são graves demais para Deus perdoar, ou nos faz sentir condenados por pecados que já foram perdoados.

Satanás mente não somente com palavras, mas com emoções. Ele tenta criar sentimentos que nos alienam de Deus, das outras pessoas e até de nós mesmos. Ele acha muito útil quando nos isolamos amuados, por acreditarmos que nossa dolorosa depressão reflete a realidade.

Não deixe escapar a ironia da situação: Satanás nos atrai ao pecado e, depois que seguimos sua sugestão, ele enche nossa consciência de condenação. Ele nos acusa pelos pecados que ele próprio nos instigou a cometer. É incrível como o diabo muda tão rapidamente de *tentador* para *acusador*!

A obra de acusação de Satanás finalmente terá um fim: "Agora é chegada a salvação, e a força, e o reino do nosso Deus, e o poder do seu Cristo. Pois o acusador de nossos irmãos foi lançado fora, o qual diante do nosso Deus os acusava de dia e de noite." (Ap 12.10).

Juntamente com a culpa, vem um sentimento de falta de esperança que leva muitas pessoas ao desespero. O homem possesso de demônios vivia sozinho nos sepulcros (Mc 5.3). Ele havia danificado seus relacionamentos sociais, talvez por escolha própria, ou provavelmente foi uma decisão tomada por outros. De qualquer forma, tornou-se um solitário, alguém que se isolou em seu próprio mundo, por causa do medo e do tormento interior. Ele não conhecia Deus, até que se encontrou com Cristo e recebeu e experimentou uma libertação gloriosa; os mesmos sentimentos de desespero podem invadir um cristão nos dias atuais.

A falta de esperança é uma das mentiras mais acreditáveis de Satanás. Dizem que podemos viver 40 dias sem alimento, três dias sem água e quatro minutos sem ar, mas não conseguimos viver nem um minuto sem esperança. O diabo sabe que a fé só pode sobreviver com as promessas de Deus. Portanto, a desesperança faz com que a pessoa sinta-se desamparada por Deus.

Falsas religiões

Satanás inspira as pessoas a se desviarem e seguirem falsos cultos que destronam Cristo de suas vidas. Ele lidera as pessoas em estranhas doutrinas ocultas: "Mas o Espírito expressamente diz que nos últimos tempos alguns apostatarão da fé, dando ouvidos a espíritos enganadores, e a doutrinas de demônios" (1 Tm 4.1).

Essas doutrinas vão desde o ascetismo até as especulações teóricas sobre o mundo espiritual. Paulo disse o seguinte a respeito dos pagãos que oferecem sacrifícios a seus deuses: “é aos demônios que sacrificam, e não a Deus, e não quero que sejais participantes com os demônios. Não podeis beber o cálice do Senhor e o cálice dos demônios; não podeis ser participantes da mesa do Senhor e da mesa dos demônios” (1 Co 10.20,21).

Em Deuteronômio 18.9-12, Deus relaciona várias práticas pagãs consideradas abomináveis. Elas incluem abuso sexual de crianças, adivinhação, feitiçaria, agouros, necromancia, encantamentos e outras coisas semelhantes. Todas essas práticas são imitações satânicas que tomam o lugar do verdadeiro Deus. É claro que existem muitas outras formas de ocultismo, muitas delas associadas com as religiões místicas orientais.

Medo

O medo de testemunhar de Cristo, que a maioria de nós já experimentou, é tão natural que raramente achamos ter Satanás alguma coisa a ver. Assim mesmo, é interessante notar que antes de Pedro negar que conhecia o Salvador, Jesus declarou: “Simão, Simão, Satanás vos pediu para vos peneirar como trigo. Mas eu roguei por ti, para que a tua fé não desfaleça. E tu, quando te converteres, fortalece os teus irmãos” (Lc 22.31,32).

Muitas manifestações do medo são naturais e na verdade até úteis para nossa sobrevivência. Temos medo, por exemplo, de dirigir em alta velocidade ou de atravessar uma avenida sem olhar para os dois lados. O medo de sermos assaltados nos ajuda a ser cuidadosos quando saímos à noite. Todos nós temos medo de doenças, da pobreza e da morte. Experiências assustadoras na infância, entretanto, podem gerar medos irracionais.

Existem, contudo, aqueles medos que são exagerados, paralisantes e incontroláveis. Não precisamos ficar paranóicos, temerosos de ser escravizados por medos que são simplesmente injustificáveis. Ou, com relação a isso, existem medos que podem ter uma causa real, mas que também não precisam nos dominar. Cristo, por exemplo, disse que não devemos temer os que destroem o corpo, mas sim “Temei antes aquele que pode fazer perecer no inferno tanto a alma como o corpo” (Mt 10.28).

O medo paralisa os que não se submetem ao Todo-Poderoso. João escreveu: “porque o medo produz tormento. Aquele que teme não é aperfeiçoado no amor” (1 Jo 4.18). Se realmente temêssemos a Deus, não precisaríamos temer mais nada.

Imoralidade e perversão sexual

Quando aconselhou casais sobre práticas sexuais, Paulo disse que não deveriam viver em abstinência, exceto por um período curto e desde que estivessem de acordo, pelo seguinte motivo: “...para que Satanás não vos tente por causa da incontinência” (1 Co 7.5).

**É mais fácil defender uma
fortaleza, do que ter que
recapturá-la do inimigo**

Os que se entregam à imoralidade, logo descobrem que são escravos dos seus desejos. Converse com as pessoas dominadas pelo sexo e elas lhe contarão sobre o poder do espírito sensual que as impele em sua busca interminável pela satisfação sexual. Pornografia, homossexualismo e várias outras formas de impureza carnal são o *playground* do diabo.

Obviamente, esses pecados existiriam mesmo se Satanás não estivesse em atividade no mundo, porque estão arraigados na carne, na nossa natureza humana caída; mas o diabo atua, explora e opera por meio da nossa natureza pecaminosa, mediante o aumento de nossos desejos.

A Palavra de Deus é clara quando diz que devemos resistir ao diabo; precisamos saber como combatê-lo, conforme Cristo alertou: "Vigiai e orai, para que não entreis em tentação; o espírito, na verdade, está pronto, mas a carne é fraca" (Mc 14.38).

FECHANDO AS PORTAS

Lutero disse que, quando o diabo batia à porta do seu coração, ele pedia que o Senhor Jesus a abrisse. Então Cristo respondia a Satanás: "Martinho Lutero costumava morar aqui, mas ele se mudou... Agora sou Eu quem vive aqui". Segundo Lutero, quando o diabo via as marcas dos pregos nas mãos de Cristo e a ferida no seu lado, ele fugia imediatamente!

Precisamos manter a porta fechada, sem se importar quão fortes sejam as batidas. Cada vez que abrimos a porta, temos a tendência de abrir mais ainda na próxima vez. Em qualquer batalha, é sempre mais fácil defender uma fortaleza, do que recapturá-la, uma vez que esteja nas mãos do inimigo.

Qualquer que seja a participação do diabo, Deus sempre nos responsabiliza pelo que fazemos. Nunca devemos nos entregar à luxúria, para depois culpar o diabo e esquivar-nos da responsabilidade pessoal. Precisamos aprender a dizer não ao diabo, exatamente como Cristo fez. Eis aqui algumas maneiras de mantermos a porta bem trancada:

1. *Precisamos fazer uma pausa e agradecer a Deus por nossas provações.* Isso pode parecer difícil, mas nossa fé será fortalecida quando observarmos que nossas lutas vêm do nosso Pai celestial. Jamais esqueça disso: Deus testa — Satanás tenta. Se não conseguimos agradecer a Deus, é porque ainda não entendemos seu divino propósito. Jamais devemos agradecer pelo nosso pecado, ou pelo diabo, mas devemos agradecer porque Deus nos achou dignos de ser provados.

Nosso louvor deve incluir a convicção de que Cristo triunfou completamente sobre o mundo dos demônios. Nós não lutamos a partir da fraqueza, mas da força. Que Satanás foi esmagado, isso é inquestionável. Portanto, damos graças a Deus por nossas lutas. Também porque Cristo está acima de todo principado e potestade. Damos graças porque fomos considerados dignos de sofrer essa tentação por causa de Jesus.

2. *Precisamos aprender o significado da palavra "resistir".* A maioria de nós pensa que a vitória sobre Satanás será fácil. Invocamos o nome de Cristo, recitamos um trecho da Palavra e achamos que a tentação irá embora. Achamos que nossos desejos vão se acalmar, nossa ira será dissipada e ficaremos contentes com o que nos cerca. O ciúme vai se transformar em alegria, a cobiça se transformará em amor e o ódio em santidade — tudo isso porque balbuciamos uma oração.

Pedro escreveu que Satanás é como um leão, o qual ronda, ruge e busca alguém para "devorar", mas devemos "resistir-lhe, firmes" (1 Pe 5.8,9). Tiago repete o mesmo desafio, quando diz que se nos sujeitarmos a Deus e resistirmos ao diabo, ele fugirá de nós (Tg 4.7). Nenhum dos dois escritores, contudo, acreditava que só precisaria-

mos resistir uma vez, ou apenas por curtos períodos de tempo. Cristo resistiu, mas Satanás voltou e atacou com mais ímpeto.

Para Paulo, a tentação era uma guerra; era uma questão de vida ou morte. Ele sabia que sempre haveria baixas: "Revesti-vos de toda a armadura de Deus, para que possais estar firmes contra as astutas ciladas do diabo" (Ef 6.11). Permanecer no território que Cristo conquistou seria extremamente difícil. Como Josué, que recebeu a terra mas teve de lutar por ela, às vezes vitorioso, outras vezes perdedor, assim nossa herança só pode ser assegurada com muito esforço.

Pense no viciado em drogas que resiste a outra dose; pense no viciado em sexo que resiste a outro filme pornográfico; pense no marido que resiste ao impulso de agredir, com palavras ou até mesmo fisicamente, a esposa; pense no empresário que resiste à tentação de subornar os auditores; pense num monte de dinheiro oferecido a você. Nessas e outras circunstâncias, resistir exige autocontrole e sofrimento. É para tais aflições que fomos chamados.

É *como* resistimos, contudo, que faz a diferença. Não é simplesmente uma questão de ficar firme contra esses desejos incontrolláveis com coragem e determinação. Ao invés disso, ficamos firmes contra eles, quando olhamos para Deus e pedimos-lhe que nos livre. Não olhamos para o mal, pois seremos seduzidos por ele. Pelo contrário, olhamos para Cristo, reivindicamos suas promessas e afirmamos que podemos lidar com nosso aborrecimento, porque não estamos sozinhos. Recitamos textos bíblicos e cantamos hinos, pois sabemos o quanto precisamos nos manter focalizados em Deus.

Quando se trata de paixões sexuais, por exemplo, devemos dizer como William Gurnall: "Vigie-as como alguém que mora numa casa com teto de palha observa as fagulhas que voam da chaminé, com medo que uma delas caia sobre o telhado de palha e queime toda a casa". Devemos resistir ao primeiro impulso para pecar, e lembremo-nos que o dizer *não* jamais se tornará mais fácil, depois que o pecado se alojar em nossa alma. Precisamos estar firmes contra todas as possibilidades.

O apóstolo Paulo afirmou: "...acima de tudo, tomai também o escudo da fé". Ele assim disse porque se não cremos na disponibilidade de Deus de nos ajudar, o diabo não se importará com nossos protestos. Quando chegamos à conclusão de que o Senhor não pode nos resgatar, Gurnall novamente escreve que a fé foi perdida e "sua alma cairá aos pés de Satanás, desencorajada a fim de manter a porta fechada para a tentação. Lembre disso: o que abandona a fé no meio da sequidão espiritual, pode ser comparado ao tolo que joga o balde fora no primeiro dia em que o poço seca".

3. *Precisamos estar convencidos de que o pecado é sempre nosso inimigo.* Um único ato de desobediência pode nos derrubar na armadilha. O rato normalmente não se dá ao luxo de ter uma série de experiências com ratoeiras, antes de ser pego. Apenas uma experiência é o suficiente.

Um ato de imoralidade, um gole de bebida alcoólica, apenas uma experiência com drogas desencadeia uma avalanche de experiências, onde o abismo entre nós e Deus sempre é ampliado. Por essas razões, a resistência deve ser feroz. O arrependimento é sempre o requisito mais importante para o livramento.

Devemos usar as Escrituras contra Satanás, como Cristo assim procedeu. Nós também devemos ser capa-

zes de dizer ao diabo: "Retira-te! pois está escrito..." Tal atitude bloqueia as tentativas de Satanás de nos confundir com suas mentiras. A Palavra não só nos limpa, como também nos protege. Jesus afirmou: "Vós já estais limpos, por causa da palavra que vos tenho falado" (Jo 15.3).

Devo alertar, contudo, que nem sempre o diabo foge só porque a Palavra foi utilizada contra ele. Lembre-se que quando Cristo citou as Escrituras, Satanás voltou com outra tentação e ele mesmo citou seu próprio texto bíblico.

Se não estamos debaixo da autoridade de Deus, jamais exerceremos sua autoridade. Lembre-se que os filhos de Ceva tentaram usar o nome de Jesus e um demônio os agrediu, rasgou suas roupas e eles fugiram nus (At 19.14-16). A Palavra de Deus só tem poder para nós quando estamos submissos a ela. E somente quando insistimos que ela é verdadeira, diante do desafio, é que o inimigo fugirá. Satanás se retira quando percebe que não pode mais nos fazer acreditar numa mentira.

Devemos citar a Palavra de Deus muitas vezes, mesmo quando a resistência chega ao extremo. Precisamos ficar firmes na verdade, não importa quantas granadas sejam lançadas em nossa direção. Há momentos em que a tentação é tão avassaladora que buscamos nosso refúgio em Deus, com todo nosso coração. Tais vitórias são as mais preciosas para Ele.

Infelizmente, muitas vezes dizemos *pode ser, quem sabe* ao invés de falar *não*; dessa maneira, deixamos a questão aberta e mais tarde podemos declarar *sim*. Somos como a pessoa que quer escapar de um vendedor insistente sem dizer um não bem firme e fechar a porta. Embora possamos protestar e dizer que não estamos interessados em comprar os produtos do diabo, deixamos a porta entreaberta e continuamos a ouvir seus argu-

mentos. Enquanto a questão estiver em discussão, deixamos aberta a possibilidade de o diabo conseguir nos vender algo.

Satanás irá embora, se a porta simplesmente nem for aberta. Isso não quer dizer que a batalha esteja terminada. Os pecados interiores, que “tenazmente nos assediaram”, estão sempre conosco. Mesmo os que pensam que venceram a carne, descubrem seu poder imprevisível de tentar, confundir e derrotar. Não é de estranhar que Cristo tenha dito: “Vigiai e orai, para que não entreis em tentação” (Mc 14.38).

Cristo ensinou seus discípulos a orar da seguinte maneira: “Não nos deixes cair em tentação mas livra-nos do mal”. Nós deveríamos orar: “Senhor, quando eu tiver o desejo de pecar, que eu não tenha a oportunidade; e quando eu tiver a oportunidade para pecar, que eu não tenha o desejo”. Quando somos provados, tornamo-nos semelhantes ao ouro refinado.

Excelentes livros são escritos para ajudar o cristão a combater Satanás nas trincheiras da batalha espiritual. Quero indicar dois: *O Adversário*, de Mark Bubeck e *Reivindicando o Terreno Conquistado*, de Jim Logan. Os que se entregam aos vícios, atitudes pecaminosas e outras dificuldades muitas vezes precisam de aconselhamento e ensino especial para ser ajudados.

Nossa batalha ainda não terminou. Precisamos descobrir mais cuidadosamente a causa das nossas lutas. Com a ajuda de Deus, precisamos confessar que às vezes refletimos Cristo em nossa vida, mas também se não tivermos cuidado, refletiremos o diabo. Afinal, somos criaturas que oscilam na borda da eternidade. Enquanto isso, nossa luta continua.

O veneno da serpente deve ser neutralizado.

10

Neutralizando o veneno da serpente

Você ficaria ofendido se eu dissesse que nós temos algumas das características do diabo? Não precisamos ficar surpresos com isso, porque uma gota de sua rebelião caiu no coração de cada ser humano. Com certeza, não pertencemos mais ao diabo, mas às vezes agimos iguais a ele.

É claro que, como crentes, também temos as características de Cristo. O propósito expresso de Deus em nos salvar é nos tornar mais semelhantes a Ele: seus filhos e filhas. Estamos envolvidos num conflito, situados entre Deus e o diabo, ambos desejosos de nossa lealdade, ambos desejosos que sejamos a sua imagem e semelhança.

Laura tinha a misteriosa habilidade de pegar amigos e jogá-los um contra o outro e contra ela própria. Vivia cheia de amargura e se recusava submeter-se a qualquer autoridade. Sua atitude era compreensível, pois tinha experimentado traição e abuso sexual no passado.

Embora fosse compreensível, sua atitude era indesculpável. Como cristã, ela simplesmente não precisava ter esse tipo de comportamento. Em seu dilema, ela buscava ajuda e ao mesmo tempo se recusava a recebê-la.

Não havia dúvida de que era cristã, nem na minha mente nem na dela, embora ela também fosse consciente de que estava debaixo da influência de uma presença maligna. Às vezes, um demônio falava pelos lábios dela. Essa criatura espiritual, que se referia a Laura na terceira pessoa, escarnecia de mim, desafiava-me e ridicularizava meus esforços para aconselhá-la. Meus melhores esforços eram inúteis.

Um domingo, quando terminei a pregação, Laura me procurou e disse: "Pastor, eu o odiava desde que chegou aqui na igreja – estou aqui para me desculpar e ouvir seus conselhos".

Eu lhe perguntei o que tinha feito para deixá-la tão zangada, e ela respondeu: "Você nada fez. Eu é que estou errada. Tenho muita amargura dentro do meu coração". Eu, é claro, a perdoei.

Um ou dois meses mais tarde, ela ligou para minha casa, mais ou menos às 23h, para dizer que lutara contra demônios toda a noite e desejava me dizer que estava livre. Eu lhe disse que queria orar pelo telefone, para que tivesse uma boa noite de sono.

Quando comecei a orar, um espírito maligno falou por meio dela, e disse-me: "Sabe por que Laura ligou para você tão tarde? Eu quero cansá-lo". E acrescentou: "Eu a tenho feito odiá-lo, porque assim ela não ouve nenhuma palavra do que você diz na igreja". Mandei que o espírito se identificasse, no nome de Jesus Cristo. Ele respondeu: "Amor". Eu falei: "Você diz a verdade diante de Deus?" Ele respondeu: "Não".

Depois de quinze minutos desse tipo de caçoadada, eu repreendi o espírito e conversei com Laura. Perguntei-lhe se porventura estava consciente, e ela disse: "Sim... eu sei que um espírito falou por meu intermédio". Portanto, ela sabia o que me falara.

Orei por Laura e aquela foi a última vez que ela me telefonou. Soube que se afastara da igreja e pensei que nunca mais teria notícias dela. Dez anos depois, contudo, recebi duas cartas que registravam sua libertação da opressão demoníaca. Hoje, Laura está livre, mas a libertação aconteceu de uma maneira que eu não esperava. Conto mais sobre isso depois.

Meu propósito, ao contar essa história, não é o de entrar no debate sobre se cristãos podem ou não ficar possessos. No capítulo anterior, já declarei que um crente nunca pode ser possuído por um demônio, porque todo cristão é "possessão" de Deus. O Espírito Santo habita em nós. Qualquer discordância que haja sobre essa questão, aqui não é o lugar para discutir.

Eu também não contei essa história para dar um exemplo de como expulsar espíritos malignos. Muitos conselheiros sabem melhor do que eu o que se deve fazer quando as "Lauras" dessa vida são atormentadas por espíritos malignos. Obviamente, pelo menos nesse caso, minhas sinceras tentativas não foram bem sucedidas.

Meu propósito ao contar essa história vai em outra direção:

Primeiro, quero mostrar que mesmo cristãos podem, às vezes, ter as características de Satanás, porque ainda lutamos com nossa natureza caída. Podemos ser amargos, rebeldes e maliciosos. Na verdade, existem mais paralelos do que gostaríamos de admitir.

Segundo, quero usar o caso de Laura como um exemplo da maneira como o veneno pode ser neutralizado. Em

outras palavras: embora às vezes ajamos como o diabo, realmente não precisamos fazer isso. Laura nos lembra de que Deus tem um propósito muito maior nessas lutas. No momento em que decidimos crescer e ser bons cristãos, encontramos resistência, mas, finalmente, atingimos um novo nível de desenvolvimento em nossa vida espiritual. Essas batalhas entre Satanás e nós na verdade são uma sala de aula, na qual somos ensinados a crescer em nossa intimidade com Deus.

Satanás quer nos fazer pecar, para que sejamos como ele; Deus quer que renunciemos ao mal e sejamos cheios do Espírito Santo, para sermos como seu Filho. Quanto mais intensa a tentação, maior será a vitória. Como cristãos, estamos noutra reino e devemos mudar também nossa lealdade. A batalha, contudo, tanto interna como externa, é intensa.

AS LUTAS DA CARNE

Mesmo que Satanás não tivesse liberdade de andar pela Terra, hoje haveria assassinato, ódio, mentira, impureza moral e uma série de outros pecados. Dê uma olhada dentro do seu próprio coração e você verá todas as maldades do mundo em estado embrionário. O diabo não tem poder absoluto sobre os seres humanos; ele simplesmente utiliza uma situação ruim e a piora um pouco. Ele nos tenta com o mal, mas, no fim das contas, nós realizamos o que desejamos. Portanto, enfrentemos nossos próprios pecados: os da carne.

“As obras da carne são conhecidas, as quais são: prostituição, impureza, lascívia, idolatria, feitiçarias, inimizades, porfias, ciúmes, iras, discórdias, dissensões, facções, invejas, bebedices, orgias, e coisas semelhantes a estas, acerca das quais vos decla-

ro, como já antes vos preveni, que os que cometem tais coisas não herdarão o reino de Deus" (Gl 5.19-21).

As sementes que plantamos podem ficar profundamente arraigadas no solo da nossa mente e dos nossos desejos inflamados. O que pensamos ser apenas um pequeno arbusto, rapidamente se transforma numa enorme árvore.

Imagine que cada galho dessa árvore é uma das "obras da carne". Como a árvore proibida do Jardim do Éden, cada ramo é muito atraente e produz seu próprio fruto venenoso. Apesar de cada galho dar a entender que está separado, todos eles estão interligados. Podemos segui-los e descobrir sua ligação com a raiz da árvore.

Esses pecados abrangem uma ampla esfera de comportamentos. Paulo registra primeiro a impureza moral e termina com a gula. Entre as duas, entretanto, existem a prática de ocultismo, as brigas, invejas, bebedeiras e coisas semelhantes. Todos nós nos identificamos com algumas das práticas relacionadas aqui.

O mais importante de tudo isso é que esses pecados são detestáveis para Deus. Podemos nos consolar com o fato de que não estamos envolvidos em imoralidades, mas será que podemos dizer o mesmo das contendas e explosões de ira? Alguns de nós nunca se envolveriam em feitiçaria e bebedeiras, mas será que não temos inimizades e invejas? Todas essas coisas são igualmente detestáveis e amaldiçoadas. Precisamos ter cuidado para não julgar os outros, até que tenhamos julgado a nós mesmos. Nossos pecados da carne não são mais ou menos aceitáveis para Deus do que os dos outros.

Se as obras da carne são os galhos da árvore, qual seria a raiz? Eu creio que seja a vontade própria corrompida, o

desejo de resistir à soberania de Deus em nossa vida. Esse foi o pecado dos nossos primeiros pais e tal rebelião passou para todos nós. O orgulho me impede de permitir que Deus seja o supremo soberano em minha vida.

Walt Whitman, em seu poema épico, “Canção de Mim Mesmo”, disse tudo: “Tenho dito que a alma não é mais que o corpo, / E tenho dito que o corpo não é mais do que a alma, / E nada, nem mesmo Deus, é maior para alguém, do que o seu próprio ser”.

Não é de se estranhar que tantos de nós vejam a si mesmos como o centro da criação de Deus. Esse “culto do ‘eu mesmo’” está no coração da rebelião satânica. Quando Lúcifer disse: “Eu farei”, seu veneno o transformou num ser maligno. Quando Adão e Eva pecaram, foram contaminados; como seus filhos, todos nós fomos afetados.

Não há cura para Satanás. Para nós, no entanto, existe. Nós podemos — como já foi feito — pôr o machado à raiz da árvore. Ao invés de colher repetidamente o mesmo fruto do mesmo galho, devemos, da melhor maneira possível, pedir a Deus que nos dê forças para fazer as escolhas difíceis que afetarão a fonte dos nossos pensamentos e comportamentos pecaminosos.

Nossa tarefa é identificar o fruto da rebelião e não dar “lugar” ao diabo. Se somos bem sucedidos na nossa luta contra a tentação, Deus é glorificado. Acertar um golpe na carne é o mesmo que atingir Satanás. Primeiro, contudo, precisamos ver em nós mesmos os traços de caráter que lembram o próprio diabo.

ALGUMAS CARACTERÍSTICAS DO VENENO DA SERPENTE

Se pudéssemos ver o próprio diabo por trás de cada pecado, seríamos mais prudentes, porque, ao mesmo tempo em que temos atração pelo pecado, possuímos

aversão ao diabo. Ele é perigoso, simplesmente porque é invisível. Não seria tão sedutor, se pudesse aparecer sempre. Apesar de detestá-lo, freqüentemente nos sentimos confortáveis com suas atitudes e comportamentos.

Escolhi esses paralelos entre nós e Satanás, porque eles nos lembram do quão facilmente podemos nos tornar semelhantes ao nosso ferrenho inimigo. Estou certo de que existem outras maneiras pelas quais nos tornamos semelhantes a ele, mas escolhi essas devido aos textos bíblicos; eles falam de forma clara ou implícita que podemos, quando queremos, ainda refletir nosso antigo pai da mentira.

Calúnia

Assim que as palavras saíram de sua boca, você já sabia que não devia ter falado aquilo. Você não falou tanto por estar com raiva, pelo contrário, desejava colocar a outra pessoa abaixo de você; desejava que seu ouvinte fizesse um contraste implícito entre você e seu oponente. Suas palavras continham um pouco de verdade, um pouco de exagero, mas, acima de tudo, o desejo secreto de desacreditar aquela pessoa. Isso é calúnia.

Quando falava sobre as qualificações das esposas dos diáconos, Paulo escreveu: "Da mesma forma as mulheres sejam respeitáveis, não maldizentes, sábias e fiéis em tudo" (1 Tm 3.11). No Grego, a palavra maldizente é *diabolou* que, se traduzida literalmente, seria 'diabo ou diabólica'. E a palavra *diabo*, como sabemos, significa 'caluniador, difamador'.

Ao dizer que as esposas dos diáconos não deviam ser 'diabólicas', Paulo alertou que elas precisavam controlar a língua. Jamais deviam estar envolvidas em fofocas so-

bre uma pessoa com a intenção de prejudicá-la. Mesmo a verdade, quando dita com motivos espúrios e para pessoas erradas, é difamação.

A fofoca supre uma necessidade profunda do nosso ego. Ela é o estribo que utilizamos para nos elevar. Quando difamamos alguém, prestamos um grande serviço ao diabo. Quando difamamos o povo de Deus, promovemos o reino das trevas. Agimos com a motivação e a mentalidade de Satanás. Tiago escreveu: “mas a língua, nenhum homem a pode domar. É mal incontido, está cheia de peçonha mortal. Com ela bendizemos ao Senhor e Pai; também com ela amaldiçoamos os homens, feitos à semelhança de Deus” (Tg 3.8,9).

Esse “veneno mortífero” tem sua origem na serpente. Nossa língua é a parte do nosso corpo que Satanás mais deseja controlar. Ela tem o poder de abençoar e o de amaldiçoar; possui a habilidade de edificar o Corpo de Cristo e o poder de destruí-lo. As palavras de Paulo se aplicam a todos nós: *não seja diabólico!*

Que diferença pode haver entre um crente que difama o povo de Deus e a serpente, que faz o mesmo? Ambos cometem o mesmo pecado; ambos fazem algo que Deus abomina; ambos são cúmplices do reino das trevas.

Recusa em confessar a Cristo

Em razão de ser a vontade própria corrompida a raiz da rebelião, segue-se que Satanás tem dificuldade para confessar o senhorio de Cristo: “Portanto vos quero fazer compreender que ninguém que fala pelo Espírito de Deus diz: Jesus é anátema! e, ninguém pode dizer: Jesus é o Senhor! senão pelo Espírito Santo” (1 Co 12.3). Satanás se recusará a admitir que Cristo é o Senhor, exceto

quando forçado a isso por Deus. Jamais um espírito maligno dirá isso voluntariamente.

Conheço crentes que não conseguem confessar ser Cristo o Senhor. Talvez o digam no coração, mas não conseguem fazê-lo publicamente. Acham que a submissão a Cristo é praticamente impossível e declarar que Ele é Senhor é igualmente difícil para eles. Não podem confessar a Cristo nem mesmo quando Deus abre as portas.

Um irmão me contou que estava sentado na cadeira do barbeiro quando esse começou a fazer-lhe perguntas sobre Cristo e a Bíblia. Ele me disse: "Eu simplesmente não consegui falar. Nunca tinha testemunhado antes e não sabia o que dizer". É claro que, às vezes, tal situação deve-se à falta de treinamento. Todos nós já tivemos medo de defender nossos pontos de vista ou responder perguntas que outros possam nos fazer. Muitas vezes, contudo, não falamos porque temos vergonha de pertencer a Cristo; isso acontece porque achamos difícil confessar seu senhorio.

Creio que existe certa similaridade entre um crente que negligencia confessar Cristo como Senhor e um demônio que se recusa a fazê-lo. O cristão, é claro, deseja confessar, enquanto o demônio não; mas o crente silencioso e o demônio rebelde têm uma coisa em comum: nenhum dos dois consegue, por si mesmo, honrar a Cristo na presença de outras pessoas.

Nós dizemos que gostaríamos de ter mil línguas para poder cantar, mas nossa hesitação em usar a única que possuímos pode ter sua raiz na falta de submissão à autoridade de Cristo. Deus nos chama para representá-lo, não só com nossas vidas, mas também com nossos lábios. Podemos negar a Cristo, não somente com nossas atitudes insensatas, mas também com nosso silêncio.

Imundícia

Os demônios são mencionados como “espíritos imundos” pelo menos 20 vezes no Novo Testamento. Por exemplo: o gadareno é descrito como possuidor de um “espírito imundo” (Mc 5.2). Obviamente, isso nada tem a ver com a limpeza física, pelo contrário, refere-se à impureza espiritual e moral, ou seja, pensamentos e ações vergonhosos e degradantes. Estar imundo quer dizer encontrar-se fora do padrão moral de Deus.

A mesma palavra grega é usada por Pedro, ao referir-se aos mestres que cedem às paixões da carne, os quais têm “imundas concupiscências” (2 Pe 2.10). Essa é a imundícia moral que polui a consciência e corrompe a mente. Ligue a televisão e você verá muita imundícia. Preste atenção nas conversas, num escritório ou fábrica, e você verá imundícia. Dê uma olhada numa banca de jornais e você verá imundícia.

De acordo com uma pesquisa, mais de 50% de todos os homens cristãos confessam ter de lutar contra a pornografia, de uma forma ou de outra. Alguém disse – muito acertadamente – que cada um de nós é como a lua: temos um lado escuro que ninguém pode ver. Somente o Espírito Santo pode acender a luz naquela parte da nossa vida. Uma senhora confessou-me ter queimado 300 livros de romances picantes. Ela disse que foi como abrir uma gaveta e despejar todo o lixo que estava lá dentro. Uma mente suja foi purificada.

Qualquer coisa que não se alinha com a santidade de Deus é impura. Novamente, a semelhança não pode ser ignorada. Quando somos movidos pela nossa própria vontade e não pelo Espírito Santo, seremos impuros e provavelmente faremos um tremendo esforço mental e

gastaremos muita energia ao tentar convencer os outros do contrário.

Desejo de controlar

Os demônios querem controlar os seres humanos; se necessário, eles escolhem até mesmo os animais. Quando Cristo expeliu os espíritos imundos do gadareno, eles pediram que Jesus os enviasse a uma manada de porcos. Não é de estranhar que os animais tenham avançado para o precipício, caído na água e se afogado (Mc 5.11-13).

Esse desejo de ter controle é melhor visto nos falsos cultos. Quase todos eles cortam os laços da pessoa com a família. Seus líderes dirão que você precisa desfazer as amizades com os que não têm a mesma opinião. Dirão que agora você tem uma nova família. Então começa o controle. Dirão como você deve se vestir, como gastar seu dinheiro e com quem pode se casar. Dirão no que você deve crer e como deve viver. E se você sair para “testemunhar”, nunca irá sozinho; você sempre terá um membro mais antigo por perto, para o caso de encontrar alguém que tente fazer com que você mude de opinião.

Um determinado pastor estabeleceu, na região de Chicago, uma congregação de uma igreja evangélica. Certa noite, ele me chamou para conversarmos sobre alguns assuntos e me dizer que me convidava para estar sob sua liderança. Pediu que eu ajoelhasse e me arrependesse dos meus pecados; mais especificamente, o de não estar disposto a me submeter à sua autoridade. Eu não obedeci, por uma razão muito simples: percebi que ele realmente não queria que eu me inclinasse perante Deus, mas diante dele. Ele queria, na realidade, ser meu deus. Isso realmente é assustador.

Todos nós já vimos tipos de pessoas que querem vencer todos os confrontos. Eles precisam estar no centro das atenções. Nunca admitem que estão errados. Almejam ter poder para dominar e manipular. Administram suas casas e escritórios por meio de intimidação, ameaças sutis e jogos de poder. Esse controle é tão centralizado e importante que, quando têm de renunciar a ele, ficam irados e agridem as pessoas que estiverem ao redor.

Outra forma de controle é vista naquelas pessoas avaras, que não compartilham nada com ninguém. Têm um espírito miserável e desejam ficar agarradas a todas as suas posses e bens. São pobres de alma, as quais não entendem as palavras de Cristo: “mais bem-aventurada coisa é dar do que receber” (At 20.35).

Conheço um irmão que, no leito da morte, finalmente confessou ter um espírito arrogante e controlador. Chegou numa fase da vida em que admitiu que certas coisas escapavam de suas mãos. Deitado numa cama de hospital, em estado terminal de câncer, totalmente sem esperanças, finalmente teve a humildade de espírito que deveria ter pautado toda sua existência.

A pessoa que é enganada não sabe disso

Controle – desejo de possuir e comandar – é o fruto da vontade própria corrompida. Isso é apenas mais uma característica que compartilhamos, pelo menos em algumas instâncias, com o maligno.

O prazer de ser louvado

Quando Satanás ofereceu a Cristo todos os reinos desse mundo em troca de um ato de adoração, ele revelou o

seu desejo mais profundo. A vontade própria anseia por reconhecimento e adoração. Ela se exalta e atrai atenção para si, sem considerar seriamente o preço que terá de pagar. O diabo sonha com os momentos em que está no centro das atenções, como objeto de exageradas discussões ou obediência.

Qual de nós nunca ficou aborrecido por não ter sido reconhecido, ou porque foi deixado de lado em favor de outra pessoa considerada menos qualificada? Para reforçar esse desejo de reconhecimento entre em cena o engano, nossa habilidade cuidadosamente desenvolvida de manter uma imagem de espiritualidade muito distante da realidade.

Quão facilmente sentimo-nos ofendidos; quão facilmente ficamos zangados se não somos reconhecidos; somos muito parecidos com o diabo, que troca qualquer outra coisa por um momento de adoração.

Engano

Satanás é enganador e ao mesmo tempo engana a si mesmo. Certamente ele se confundiu quando transgrediu. O tiro saiu pela culatra, pois ele disse que se exaltaria até as alturas, e foi atirado nas maiores profundezas. A lacuna entre quem ele era e quem ele se tornou aproxima-se do infinito. Certamente foi um engano muito grande.

O engano é uma armadilha. Lembre-se de que a pessoa enganada não sabe de nada. Se você soubesse que é enganado, o engano não seria genuíno. Lembre-se por favor: *Uma mentira a que se dá crédito torna-se uma verdade para alguém.*

Somos enganados a respeito de nós mesmos e superestimamos nossa capacidade de governar nossa própria vida. Somos enganados a respeito de Deus e achamos

que nosso caminho é o melhor. Somos enganados quando perdemos as esperanças e acreditamos que Deus não nos ajudará.

Muito do nosso engano é voluntário. Muitas vezes somos enganados porque queremos. Nossa habilidade de racionalizar o comportamento, para aliviar a consciência, faz com que os anjos bons fiquem surpresos e os maus, felizes. Nossa mente é capaz de dar uma boa explicação para qualquer coisa que nosso coração deseja fazer. Às vezes, acreditamos nas nossas próprias mentiras.

Há poucas semanas, ouvi a história trágica de um pastor bem conhecido e competente, que deixou a esposa e saiu para um período de férias prolongadas com uma senhora de sua congregação. Ele disse que oraram e sentiram ser esta "a vontade de Deus". Será que alguém duvida que ele realmente se convenceu de ser aquele um desejo divino? Você não consegue ver o pastor e sua companheira em busca de Deus, mas desejosos de serem enganados? O desejo deles evidentemente foi realizado.

Nossa capacidade de enganar os outros e a nós mesmos confirma as palavras de Jeremias: "Enganoso é o coração, mais do que todas as coisas, e incorrigível, quem o conhecerá?" (Jr 17.9). Certamente não podemos entender nosso coração, nossa capacidade de enganar só é bem conhecida por Deus. Jeremias ainda registra: "Eu, o Senhor, esquadrinho o coração, e provo a mente, e isto para dar a cada um segundo os seus caminhos, e segundo o fruto das suas ações" (v. 10).

Se todas as características mencionadas até aqui são o fruto da nossa vontade própria, então precisamos dirigir uma série de golpes contra o tronco da árvore. Temos de pedir a Deus que nos dê graça para "mortificar" as obras da carne, que refletem as do nosso pior inimigo.

O MACHADO ESTÁ POSTO À RAIZ DA ÁRVORE

Será que existe cura para a vontade própria corrompida, que produz frutos tão amargos? Dez anos depois das minhas tentativas fracassadas de aconselhar Laura, ela entrou em contato comigo. Aqui está a primeira de suas cartas.

Há alguns anos, quando tive problemas de opressão demoníaca, eu possuía uma auto-imagem tão ruim que não conseguia experimentar a vitória já preparada para mim, pelo sangue de Jesus. Eu estava "derrubada", por assim dizer, pela culpa, vergonha, falta de esperança e desespero. Não via nenhuma saída.

Depois que mudei de Chicago, freqüentei outras igrejas, onde aconteceu praticamente a mesma coisa. Eu não percebia que era usada pelo diabo para destruir o trabalho dos pastores e causar divisões entre os irmãos. Não conseguia parar em nenhum emprego; assim, durante anos, vaguei sempre na mesma direção, ou seja, para lugar nenhum.

Mais ou menos há um ano, desisti de fugir. Além disso, não tinha mais para onde ir. Com a ajuda do Senhor e o amor e paciência dos pastores, mais o apoio e amor dos irmãos e irmãs da Igreja de Cristo, comecei a crer que Deus me amava e eu podia conhecê-lo pela Palavra. Fiz um propósito de crer que teria vitória em Cristo e sobre os esquemas malignos do diabo.

Agora eu vejo que acreditava em mentiras. Se nós nos concentramos naquilo que o inimigo planta em nossa mente, ele nos derrota e nos deixa no estado em que ele deseja que estejamos. Todo o conhecimento que adquiri durante anos era impotente, pois não era acompanhado de fé. Como Deus poderia amar uma pessoa tão desagradável como eu? O diabo me dizia: "Ele vai permitir que você continue assim como é, porque Ele não se importa". Essas foram as exatas palavras que ouvi por anos e nas quais eu acreditei.

Louvado seja Deus, pois Ele nunca desistiu de mim! Finalmente acertei minha posição em Cristo. Sou uma co-herdeira com Ele e, num certo sentido, posso ter os mesmos privilégios que Ele. Pode ter certeza de que acertei minhas contas com Ele, o qual me deu uma língua que o louva e fala com confiança sobre todas as bênçãos com as quais sou abençoada nele.

Nem tudo é perfeito; mas agora eu experimento um senso de liberdade, uma auto-estima saudável e tenho vitória, porque “aquele que o Filho liberta, verdadeiramente fica livre”. Tenho desejo de ajudar outras pessoas a se livrarem das amarras do diabo, que são reforçadas por suas incontáveis mentiras.

Novamente, obrigada pela parte que o irmão teve, ao descobrir que eu era atormentada por espíritos malignos. Por favor, ore sempre por mim, para que eu viva sempre vitoriosa.

Deus o abençoe.

Sinceramente em Cristo,
Laura

A linha que atraiu minha atenção foi essa: “Todo o conhecimento que adquiri durante anos era impotente, porque não era acompanhado de fé!” Conhecimento não pode nos ajudar, a menos que escolhamos crer; mas como a fé pode ser construída no nosso coração? Ela vem, é claro, pela exposição da Palavra de Deus, mas junto com isso é preciso que haja um forte desejo de voltar nosso coração – e não somente a cabeça – em direção a Deus. Laura desistiu do direito de ficar zangada e agir de acordo com isso, o direito de ser amarga e implacável e o direito de acreditar em mentiras porque pareciam mais razoáveis do que a verdade.

Dietrich Bonhoeffer, o teólogo alemão que dedicou a vida a se opor a Hitler, disse: “Quando Cristo chama um homem, Ele lhe pede para vir e morrer”. Morrer para a

própria vontade não significa que vamos ficar tristes, sem esperança, abatidos ou introspectivos. Pode ser ou não uma experiência profundamente emocional. O verdadeiro arrependimento muitas vezes começa com remorso, mas se é o verdadeiro arrependimento bíblico, deve terminar em alegria.

Pôr o machado à raiz da árvore não é simplesmente um ato, mas um estilo de vida. É o reconhecimento diário da nossa dependência de Cristo e deixá-lo fazer o que nós mesmos não podemos. Eis aqui algumas verdades que podem nos ajudar:

1. *Precisamos crer que Cristo tornou possível morrer-mos para nossa própria vontade.* Lemos na Bíblia: "Pois sabemos isto, que o nosso velho homem foi com ele crucificado, para que o corpo do pecado seja desfeito, a fim de não servirmos mais ao pecado... Não reine, portanto, o pecado em vosso corpo mortal, para lhe obedecerdes em suas concupiscências" (Rm 6.6,12). Estar "em Cristo" é nossa posição; é uma posição real, na qual fomos declarados justos por Deus e, portanto, aceitos permanentemente diante do nosso Pai. Isso nos livra dos momentos de desânimo que experimentamos ao tentar viver a vida cristã. Somos amados por Deus; fomos elevados para uma posição especial de honra. *Tudo aquilo que somos orientados a fazer tem base naquilo que Cristo já fez.*

A cruz não tinha objetivo apenas de cuidar do que tenho feito, mas também de tornar possível mudar quem eu sou. A cruz não serviu meramente para limpar a água suja que saía da fonte, mas para mudar fundamentalmente a natureza da própria fonte. Foi isso que Deus fez por mim em Cristo; e é também o que Ele ainda faz. Ele sabe que não podemos nos crucificar; crucificação é algo que outra pessoa deve fazer por nós.

O Novo Testamento tem um equilíbrio sadio entre o “já terminado” e o “ainda não feito” na nossa experiência. Sim, nós morremos em Cristo; sim, podemos ser livres nele; mas essa liberdade não será nossa sem luta, sem a batalha da fé. Cristo morreu para fazer o que parecia totalmente impossível ser muito possível. O que você pensava que nunca poderia fazer, Deus lhe dará a força para realizar.

Seguros nessas verdades, podemos louvar a Deus por nossas lutas. Jamais percamos de vista a verdade repetida nesse livro, ou seja, de que o diabo existe para um propósito e que nossa luta contra a carne é designada para nos fortalecer. Deus sabe bem como somos fracos; Ele sabe melhor do que nós a tendência que temos de voltar aos nossos pecados favoritos. Precisamos sempre lutar contra a mentira de que os pecados que mais constantemente nos afligem são mais poderosos do que a provisão de Deus para nós.

Lembre que Satanás deseja que atribuamos a ele algo que não possui, ou seja, a invencibilidade. Ele é tão poderoso quanto nós cremos que ele seja. Quando Laura viu-se sem esperança, tornou-se tão sem ânimo quanto achava que estava. Somente quando olhou para o Deus de toda esperança, e creu que suas promessas eram verdadeiras, ela pôde sair daquele estado de desencorajamento.

Na outra carta, Laura disse que a sua mudança de atitude veio quando ela começou a louvar a Deus, ao invés de reclamar com Ele por sua sorte na vida. Ela escreveu: “Por favor, diga às outras pessoas que uma vida de louvor a Deus é uma das armas mais eficientes contra o inimigo. Satanás detesta louvores a Jesus e eu tenho crescido e adoro usar o louvor contra ele”.

2. *Precisamos nos arrepender, ou seja, colocar um fim em nossa racionalização e desculpas.* Note quão fraca Laura se tornou. Ela disse que não tinha “lugar para se esconder”. Deus a quebrou. Porque estava sob uma nova administração, ela estava suficientemente desesperada para aceitar ordens de outro Mestre.

Por que Laura não foi ajudada antes? Porque ela pensava que seu problema era maior do que a solução de Deus. Ela tinha um arsenal de desculpas para se comportar daquela maneira. Suas defesas haviam concluído há muito tempo que seus problemas eram culpa de outra pessoa. Esse é um erro comum que cometemos quando cremos em nossas próprias emoções em vez de acreditar nas promessas da graça de Deus. A vitória mais estratégica de Satanás é nos dar razões para não acreditar no que o Todo-Poderoso disse.

Normalmente Deus nos pede para renunciarmos àquilo que é mais difícil — aquele pecado que guardamos com todo cuidado, racionalizamos e cuidamos. Se dizemos que não podemos renunciar, negamos que morremos em Cristo para nossa própria vontade. Devemos nos submeter à vontade do Senhor em tudo aquilo que nosso Pai celestial traz à nossa atenção.

O diabo diz: “Você não consegue”.

Deus responde: “Você consegue”.

3. *Precisamos receber a plenitude do Espírito Santo.* As obras da carne são opostas ao fruto do Espírito, o qual Paulo diz que é: “amor, gozo, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão e domínio próprio” (Gl 5.22,23). Paulo promete: “Andai no Espírito, e não satisfareis à concupiscência da carne” (v. 16). Muitos de nós acham que se mortificarmos os desejos da carne, seremos recompensados com a capacidade de andar no

Espírito. Paulo, porém, inverteu a ordem por uma boa razão: ele sabe que precisamos do poder do Espírito para darmos o primeiro passo no nosso caminhar. Precisamos andar no Espírito, mesmo quando estamos fraquíssimos. Devemos aprender a andar no Espírito, mesmo quando estamos amarrados, porque só então seremos libertados.

Esse poder do Espírito é recebido pela fé. Todos os dias podemos proclamar a certeza de que o Espírito Santo estará ativo em nossa vida. Assim como recebemos Cristo pela fé, devemos caminhar pela fé. Somente o Espírito pode nos libertar e manter-nos dessa maneira.

4. *Finalmente, como já ficou implícito, a chave é a fé.* Registro aqui um trecho da segunda carta de Laura: “Louvo a Deus porque Ele nunca mentirá. Durante tantos anos foi muito difícil acreditar na minha vitória, porque Satanás parecia muito forte. Ele me fez sentir que não era páreo para ele e nunca me deixaria livre... agora eu sei que não é dessa maneira”.

Deus é bom. Devemos crer em suas promessas; se escolhermos seus caminhos, o Senhor fará não somente o que é bom para Ele, mas também o que é bom para nós. Devemos estar acima da noção de que alguma coisa precisa ser agradável para ser considerada boa. Também devemos estar acima da noção de que se algo veio de Satanás é ruim. É claro que o diabo deseja que seja ruim, mas Deus *quer* que seja bom. Os ataques de Satanás só podem ser ruins se respondemos a eles de maneira errada. Apesar de ele querer nos prejudicar, se passamos no teste, Deus nos concede bênçãos. Tiago escreveu: “Bem-aventurado o homem que suporta a provação, porque depois de ter passado na prova, receberá a coroa da vida, que o Senhor prometeu aos que o amam” (Tg 1.12). Essa provação é o teste da tentação.

Quando estivermos dispostos a mortificar “as obras do corpo” (Rm 8.13), não diremos mais a Deus o que Ele pode e o que não pode usar para nos refinar. O direito de propriedade de nossa vida foi transferido e cremos que Deus é maior do que as situações que enfrentamos e maior do que o diabo, que freqüentemente recebe permissão para trabalhar nelas.

Os urubus vão embora quando a carniça é removida

Os demônios, que têm usado os pecados que habitam em nós como base de ataque para nos atormentar e instigar, descobrirão que seu poder foi interrompido. Descobrimos que é mais difícil colocar obstáculos (como uma cunha) entre nós e Deus. Verão também que o território que antes alegavam ser deles tem escorregado de suas mãos. Vão ficar desencorajados, porque temos nos arrependido daquelas coisas que nos faziam pelo menos um pouco parecidos com eles. As características que compartilhamos com a serpente diminuirão e seremos transformados para sermos semelhantes ao Filho amado de Deus. A semelhança de Cristo torna-se nossa primeira prioridade. Ao contemplarmos a Jesus, nos tornamos semelhantes a Ele.

Laura finalmente foi libertada da opressão demoníaca sem uma confrontação, sem que os demônios fossem expulsos. Os pecados que eles tão astutamente exploravam desapareceram debaixo do sangue de Cristo. A fé cresceu em seu coração e a mulher que eles deixavam tão irada passou a cantar louvores a Deus. A mulher que culpava os outros descobriu que o Senhor ajuda apenas

os que desistem de fugir e admitem que a maior necessidade é aquela que existe em seus próprios corações.

Os urubus vão para outro lugar quando a carniça é removida do local. As moscas que voam em volta da carne podre vão embora quando a sujeira é enterrada. O lobo volta e se afasta quando a ovelha que perseguia chega perto do pastor.

Fomos picados por uma cobra, mas o ferimento foi tratado; há uma vacina que neutraliza os efeitos do veneno. Pela fé, Cristo veio para nos fazer “verdadeiramente livres”.

11

A serpente é expulsada do céu

O juízo de Deus às vezes tarda, mas quando vem é rápido e certo. Quando o Todo-Poderoso iniciar o desfecho final para a história humana, como nós a conhecemos, a destruição da serpente acontecerá numa série de estágios. O lago de fogo tornou-se inevitável, a partir do momento em que Lúcifer disse: "Subirei acima das mais altas nuvens, serei semelhante ao Altíssimo" (Is 14.14); durante séculos, entretanto, Deus tem adiado o inevitável. Quando Ele não precisar mais de Satanás para seus propósitos, então virá o fim.

Na cruz, o príncipe deste mundo foi "expulso" (Jo 12.31). Ali, Satanás foi julgado e considerado culpado; sua sentença e condenação foram colocadas num lugar de destaque, para que todos pudessem ver. Ele foi despojado de toda autoridade e provou-se que era deficiente. Enquanto ele se contorcia no meio das cinzas da derrota e condenação final, foi forçado a reconhecer que Cristo era o ven-

cedor. Satanás recebeu um golpe na cabeça, enquanto que seu contra-ataque foi apenas uma mordida no calcanhar de Jesus.

O relâmpago e o trovão ocorrem ao mesmo tempo, mas nós vemos primeiro o clarão e depois ouvimos o estrondo. Na cruz, vimos o relâmpago, mas há um lapso de tempo antes de ouvirmos o trovão. Satanás continua a lutar, sem dúvida, para comunicar relatórios otimistas aos seus subalternos; mas agora mesmo, enquanto você lê essas páginas, a batalha já terminou.

A ruína final de Satanás se dará em três estágios: *primeiro*, ele é expulso do céu (assunto desse capítulo); *segundo*, será preso por mil anos; *terceiro*, será lançado no lago de fogo (assunto do próximo capítulo). Ele sabe tão bem quanto nós que o juízo já surge no horizonte. Ele fica aterrorizado quando pensa em seu futuro.

Será que Satanás tem acesso ao Céu, hoje? A resposta depende de como você entende o capítulo 12 de Apocalipse. Alguns ensinam que ele foi expulso do Céu quando Cristo morreu na cruz. Afinal, Jesus disse: "Agora é o tempo do juízo deste mundo; agora será expulso o príncipe deste mundo" (Jo 12.31). Cristo também disse aos discípulos que "Eu vi Satanás, como raio, cair do céu." (Lc 10.18). Não é provável, contudo, que Jesus se referisse à expulsão de Satanás do Céu, conforme descrito em Apocalipse 12. *Primeiro*, porque Cristo fez essa declaração antes da cruz e mesmo antes de predizer que o príncipe deste mundo seria expulso. *Segundo*, os discípulos acabavam de retornar, alegres porque os demônios tinham sido expulsos. Jesus viu Satanás cair por meio do ministério deles. A idéia é que Ele viu "*Satanás caído*".

Se Satanás possui acesso ao Céu hoje, como eu creio, é para continuar seu permanente diálogo com Deus a

nosso respeito. Mais especificamente, ele vai lá para acusar, bajular e receber permissão para atormentar pessoas na Terra, conforme o Todo-Poderoso lhe permite. Embora sua guerra seja contra toda a humanidade, seus ataques concentram-se especialmente sobre as pessoas que ele sabe pertencerem a Deus para sempre. Possivelmente, diálogos como aquele descrito no livro de Jó acontecem ainda hoje.

Mais tarde, darei outras razões por que creio que Satanás ainda não foi expulso do Céu. E, como veremos, o que cremos com relação ao futuro tem implicações em como conduzimos nossa batalha contra Satanás hoje.

Vamos olhar os detalhes:

OS DOIS GRANDES SINAIS

“Viu-se grande sinal no céu: uma mulher vestida do sol, tendo a lua debaixo dos pés, e uma coroa de doze estrelas na cabeça. Ela estava grávida e gritava com as dores do parto, sofrendo tormentos para dar à luz” (Ap 12.1,2). Esses simbolismos devem ser interpretados à luz de outras passagens das Escrituras. Um olhar cuidadoso nesse texto mostrará que não é tão difícil de entender como parece.

Essa mulher representa Israel; as doze estrelas, um símbolo das tribos; o sol e a lua nos fazem lembrar do sonho de José, onde os dois corpos celestes representavam seus pais, Jacó e Raquel. Outra evidência de que se trata de Israel é o fato de que essa mulher ainda existirá durante a Grande Tribulação.

A mulher estava para dar à luz, o que é uma referência ao nascimento de Cristo em Belém. Ela tem um filho, o qual “há de reger todas as nações, com cetro de ferro. E o seu filho foi arrebatado para Deus até ao seu trono”

(v.5). Esse é um resumo, em apenas uma frase, do nascimento, da vida e da ascensão de Cristo ao Céu.

O segundo sinal é o de um “dragão vermelho, que tinha sete cabeças e dez chifres, e sobre as suas cabeças, sete diademas” (v. 3). As coroas representam sua autoridade; os dez chifres evidentemente são os dez reinos descritos em Daniel 7.7,8, onde temos uma descrição de uma Europa unificada, governada pelo Anticristo, o fantoche de Satanás. Aqui o dragão, que controla esse sistema político-religioso, é vermelho, talvez para lembrar que o diabo é um assassino.

Ele foi atirado do Céu por aquele que tinha sido seu subordinado!

Há mais o seguinte registro: “A sua cauda levou após si a terça parte das estrelas do céu, e lançou-a sobre a terra” (v. 4). Se essas estrelas são seres angelicais, então essa passagem é uma revisão do poder de Satanás, de lançar inúmeros anjos do Céu para a Terra. Nós já vimos que um terço dos anjos ficou ao lado dele na rebelião contra Deus. João vê eventos passados e futuros que acontecem ao mesmo tempo, como num caleidoscópio. Às vezes, ele visualiza os eventos sem identificar todos os espaços de tempo entre eles.

O quadro tenciona ser grotesco. Esse dragão maligno espera que a mulher dê à luz para devorar o bebê. Pensamos imediatamente em Herodes, que tentou matar Cristo, quando Ele nasceu em Belém. Aquele foi o primeiro de uma série de atentados que Satanás faria para matar o Cristo.

A criança, é claro, escapa. Maria, José e o menino Jesus fogem para o Egito, e atrapalham os planos de Herodes; e quando eles retornam para Nazaré, Cristo é criado em sua casa como uma criança normal. Mais tarde, Ele se revela como o Messias, é rejeitado e finalmente crucificado, pelos pecados do mundo. Então Ele ressuscita e é elevado ao Céu, exatamente como diz a passagem de Apocalipse.

Então João descreve como a mulher foge para o deserto, onde é protegida e sustentada por 40 e dois meses, ou seja, três anos e meio. Isso se refere aos últimos três anos e meio dos sete anos do período da Grande Tribulação. Novamente Satanás quer destruir a nação judaica, mas sua tentativa falha.

E agora vem a melhor parte.

A BATALHA NO CÉU

Não deveríamos ficar surpresos por descobrir que Satanás ainda está no Céu. Evidentemente Deus ainda lhe concede alguns dos mesmos privilégios que ele possuía antes da rebelião. Agora, porém, ele está prestes a abandonar o Céu, sem jamais poder retornar. Ele deve dar uma última olhada na glória celestial, porque nunca mais entrará naquela corte novamente. Que eternidade de lembranças ele deve levar consigo!

Embora Miguel tivesse tanto respeito por Satanás [por isso não contendeu com ele sobre o corpo de Moisés (Jd 9)], agora ele luta com uma firme confiança: “E houve guerra no céu: Miguel e os seus anjos batalhavam contra o dragão. E o dragão e seus anjos batalhavam, mas não prevaleceram, nem mais o seu lugar se achou nos céus” (Ap 12.7,8). Não esqueçamos que anteriormente Miguel e Lúcifer foram colegas; eles serviam ao mesmo Senhor e

tinham essencialmente as mesmas responsabilidades. É bem provável que Miguel tenha trabalhado sob as ordens de Lúcifer; por isso a derrota nessa batalha será especialmente dolorosa para o diabo. Ele será expulso do Céu por alguém que em algum tempo no passado foi seu subordinado!

Essa será a equivalente celestial da vitória de Cristo na Terra. A batalha da cruz será então traduzida numa vitória no Céu. O diabo e seus anjos serão expulsos e “perdem seu lugar no céu”. A serpente lançará um último olhar para o Céu, ciente que para ela os portões estarão para sempre trancados.

Imagine sua raiva ao ver os portões do Céu fechados, com os santos que ela perseguia na Terra agora diante do trono de Deus, na imaculada beleza de Jesus! Ele os vê exaltados acima dos anjos, como irmãos de Cristo, embora tenham praticado muitos dos mesmos pecados que ela cometeu. Sabe que estarão lá para sempre; também sabe onde *ela mesma* estará para sempre. Não é de admirar sua fúria.

Uma outra razão para dizermos que esse evento acontece no meio da Grande Tribulação é que o reino vindouro é anunciado como prestes a começar: “Então ouvi uma grande voz no céu, que dizia: Agora é chegada a salvação, e a força, e o reino do nosso Deus, e o poder do seu Cristo. Pois já o acusador de nossos irmãos foi lançado fora, o qual diante do nosso Deus os acusava de dia e de noite” (v. 10). Se interpretamos que esse seja o reino do Milênio, isto é, o governo literal de Cristo sobre a Terra, então parece que Satanás é expulso do Céu como preparação para esse governo especial do Messias.

Também, o intervalo entre a batalha no Céu e a prisão de Satanás antes do Milênio parece ser um curto período de tempo. Depois que ele é lançado fora, nós lemos: "Ai dos que habitam na terra e no mar, porque o diabo desceu a vós, e tem grande ira, sabendo que pouco tempo lhe resta." (v. 12). Ele atinge a Terra enraivecido, pois está muito furioso.

Se Satanás foi expulso do Céu quando Cristo morreu, esse "pouco tempo" já seria quase dois mil anos. É mais provável que João queira que entendamos estar o diabo furioso porque tem apenas sete anos antes que Cristo retorne em glória e ele seja confinado no abismo durante o período do Milênio.

A razão final, faz sentido pensar nisso como um cenário do final dos tempos, é que Satanás perseguirá Israel, uma perseguição que acontece durante a Grande Tribulação. Nós lemos: "Quando o dragão se viu lançado na terra, perseguiu a mulher que dera à luz o filho varão" (v. 13). A mulher agora foge para o deserto, onde é sustentada por "um tempo, tempos e metade de um tempo". Isso se refere a um período de três anos e meio; "um tempo", um ano; "tempos", dois anos; e "metade de um tempo", seis meses (cf Dn 7.25; 12.7; Ap 11.2; 13.5). Portanto, essa perseguição final dura três anos e meio.

O que sempre desejou destruir a semente prometida, para que os propósitos e planos de Deus não fossem realizados, agora faz uma última tentativa para exterminar a nação de Israel. [Para perseguir a mulher, a serpente cria uma inundação, a fim de que ela seja afogada, mas a terra absorve toda a água]. Seja o que for que isso signifique, será o último esforço satânico para destruir a nação judaica. De alguma maneira, Deus dá assistência a Israel, para que não seja exterminado completamente.

O MOMENTO DE GLÓRIA DO DIABO

De repente, parece que os objetivos de Satanás estão ao seu alcance! Perder seu lugar no Céu só o fez ficar ainda mais determinado a ter vitória na Terra. Durante os sete anos da Grande Tribulação, Satanás governa o mundo, por meio do Anticristo e do falso profeta. Embora saiba que seu tempo é curto, ele quer aproveitá-lo ao máximo. Assim, lemos essas chocantes palavras:

“Também foi-lhe permitido fazer guerra aos santos, e vencê-los. E deu-se-lhe poder sobre toda tribo, língua e nação. E todos os que habitam sobre a terra a adorarão, esses cujos nomes não estão escritos no livro da vida do Cordeiro que foi morto desde a fundação do mundo” (Ap 13.7,8).

Quando o Anticristo aparecer, o mundo estará pronto para deificar um líder, se os homens perceberem que ele seja capaz de unificar o mundo e trazer uma era de paz. Para Satanás, não é suficiente habitar em alguém que alega ser Deus. O mestre dos enganos, na verdade, tentará fazer cópias dos três membros da Trindade. Essas três personalidades farão tudo o que puderem para confundir o mundo, ao fingir ser o Deus vivo e verdadeiro.

Primeiro, o próprio Satanás corresponde ao Deus Pai, referido como o “dragão” que dá autoridade à besta, o Anticristo (13.4). Assim, Satanás deseja que o mundo pense que ele é Deus. Esse sonho logo se tornará um pesadelo.

Segundo, há a besta que recebe poderes do dragão e corresponde a Cristo. Ela fará todos os esforços para dominar o mundo, mas será ferida mortalmente por Deus e se restabelecerá depois: “Então vi uma de suas cabeças como golpeada de morte, mas essa ferida mortal foi curada; e toda a terra se maravilhou, seguindo a besta” (13.3).

Finalmente, haverá unidade religiosa. O dragão e a besta receberão a adoração do mundo, por intermédio do falso profeta. Sim, todos os habitantes da Terra os adorarão, exceto os eleitos, cujos nomes estão escritos no livro da vida, desde a fundação do mundo. Exceto pelo grupo daqueles que têm coragem de opor-se ao ditador, ele conquistará o coração do mundo.

No auge da carreira de Hitler, muitos mudaram a oração do Pai Nosso, para "Pai Nosso Adolf Hitler que está em Nuremberg, venha o Terceiro Reich". Da mesma maneira, as pessoas adorarão o Anticristo, o qual será um mago financeiro, capaz de levar o mundo todo a uma base de estabilidade econômica. Ele será considerado digno do louvor que lhe será dado.

O terceiro membro dessa trindade profana é chamado de a segunda besta (Ap 13.11-18). Assim como o Espírito Santo chama a atenção para Cristo, da mesma forma a missão desse homem maligno é levar o mundo a adorar o Anticristo: "Fazia que a terra e os que nela habitavam adorassem a primeira besta, cuja chaga mortal fora curada" (v.12). Para ganhar a confiança do mundo, essa besta operará grandes milagres. Muitas das maravilhas operadas por essa tríade profana são especificadas: cairá fogo do céu, uma imagem será capaz de falar (provavelmente isso será realizado por meio de truque, já que não é provável que Satanás tenha poder para criar vida) e a ferida fatal será curada.

Como o Anticristo adquirirá um poder político tão impressionante? Ele fará coisas que as pessoas acharão que só Deus é capaz de realizar. Paulo afirma que ele "é segundo a eficácia de Satanás, com todo poder, e sinais e prodígios da mentira, e com todo engano de injustiça para os que perecem. Perecem porque não receberam o

amor da verdade para serem salvos" (2 Ts 2.9,10). As três palavras usadas aqui — *poder, sinais e prodígios* — todas são usadas com referência aos milagres de Cristo. O poder do Anticristo para copiar as obras de Jesus é tão espetacular, que as multidões crerão nele.

Hitler disse que uma grande mentira é sempre mais eficaz do que uma pequena. Se é assim, então a mentira de que o homem é Deus será muito eficaz. Uma nação treinada no pensamento do que é conhecido como Nova Era vai acreditar nessa mentira. Essa é uma tentativa distorcida de Satanás, para manter sua promessa a Eva: "Você será como Deus".

O desejo mais profundo de Satanás será realizado. O mundo todo adorará o Anticristo, mas por trás dele está o próprio diabo. Na verdade, o mundo todo venerará o próprio Satanás!

FINALMENTE, O CONTROLE!

De acordo com o resultado de uma pesquisa, cerca de dois terços dos americanos crêem que as diferentes religiões do mundo na verdade adoram o mesmo deus. Essa visão de unidade religiosa é que impelirá o mundo para uma religião mundial e um governo central. Religião e política estarão unificadas nas mãos de duas pessoas; a ciência da mente e a econômica serão misturadas numa filosofia mundial única.

Hoje já existe uma rede de organizações comprometidas em trazer uma ordem global para resolver os problemas de guerra, fome e instabilidade econômica. Encabeçando esse esforço estarão dois líderes mundiais que têm o carisma para unificar as religiões do mundo e estabelecer uma estrutura política com poder suficiente para criar uma organização mundial. Um deles será rei e imperador e outro sacerdote e messias.

Esses líderes receberão sua força da mesma fonte que Adolf Hitler, o qual controlou a Alemanha com tal magnetismo hipnótico que as pessoas o achavam praticamente irresistível. Hitler era tomado por níveis tão profundos de transformação oculta que, nas palavras de um de seus amigos, “seu corpo era apenas a concha para o espírito que habitava nele”.

Todas as doutrinas originais encontradas no capítulo três de Gênesis voltam à tona: a divindade da humanidade, a transformação da consciência (“iluminação”), relativismo moral e tudo o mais. Possivelmente, a reencarnação também será usada para espalhar a notícia de que algum grande personagem do passado reapareceu. Pense em como as pessoas ficarão maravilhadas e adorarão alguém que alegue ter “ressuscitado dentre os mortos”, e foi reciclado em nossa forma de existência.

O falso profeta conduzirá o mundo numa religião que imitará cada ponto do Cristianismo. Ao invés de oração, haverá mantras; em vez de pregadores, haverá gurus; no lugar de profetas, haverá médiuns; no lugar dos Dez Mandamentos, haverá rígidas leis para essa nova era.

Agora que o fantoche de Satanás, o Anticristo, está a postos, ele poderá controlar o mundo por meio de uma vasta rede financeira, baseada em um severo controle. Ninguém poderá comprar ou vender algo sem a “marca da besta”. Aqueles que desafiarem sua autoridade serão mortos. Também como Hitler, o novo messias odiará o povo judeu e se lançará contra eles.

Muitas predições sobre esse sistema mundial têm sido feitas na literatura da Nova Era. H. G. Wells disse que algum dia haveria uma revolução mundial, que consistiria de uma grande multidão e uma variedade de grupos relacionados entre si: “todos organizados para a educa-

ção política e social coletiva, bem como para atividades de propaganda”¹. Ele continua:

“Haverá um grande movimento mundial, tão evidente e difundido como o socialismo ou o comunismo. Esse, em grande parte, tomará o lugar daqueles movimentos. Irá além. Será uma religião mundial. A grande capacidade desses grupos e sociedades de conseguir a assimilação das massas estará, definitiva e obviamente, tentando engolir toda a população do mundo para tornar-se a nova comunidade humana.”²

Então, esse será o ponto culminante para o qual todos os vários elementos da religião unificada serão dirigidos. Mesmo os afluentes da adoração satânica que vemos hoje podem ser os mesmos que fluirão numa única corrente de religião oculta. Aqui estará o ápice da divindade do homem. Finalmente, os problemas do mundo serão vencidos — e com soluções espirituais.

Sob o disfarce de *slogans* muito louváveis, a deificação do homem atingirá sua mais elevada afirmação. Toda a oposição será colocada de lado e a Nova Ordem Mundial estará estabelecida.

Para os que não aderirem, haverá intimidação, fome e serão liquidados.

O diabo estará no comando.

OS VENCEDORES

Qualquer que seja o cenário que adotemos, com relação ao final dos tempos, fica claro que haverá crentes durante a Grande Tribulação, quando Satanás governar o mundo, por meio do Anticristo. Alguns apontam a existência desses crentes como prova de que a Igreja também participará da Grande Tribulação. Eles estarão pro-

tegidos contra a ira direta de Deus, mas sofrerão perseguição e serão mortos pelas mãos do dragão.

Prefiro crer que a Igreja será arrebatada antes de começar a Grande Tribulação, mas haverá um remanescente que será salvo nos três primeiros anos e meio. Qualquer que seja o cenário adotado, todos estão de acordo que pessoas piedosas serão desafiadas a vencer a besta.

E como esses crentes neutralizarão os ataques de Satanás? Exatamente da mesma maneira que nós fazemos: "Eles o venceram pelo sangue do Cordeiro e pela palavra do seu testemunho; não amaram as suas vidas até à morte". (Ap 12.11).

Primeiro, eles venceram pelo sangue do Cordeiro. Satanás não pode mais acusar os que foram absolvidos por Deus, graças ao sacrifício de Cristo. Cada acusação, mesmo justa, agora foi silenciada. Como nós lemos: "Àquele que nos ama, e em seu sangue nos lavou dos nossos pecados" (Ap 1.5). Não importa o quanto dure o tempo de Satanás, o poder da cruz ainda prevalecerá. Na verdade, o poder do Calvário é visto de forma mais nítida quando as forças do mal parecem triunfar.

A proclamação do Evangelho nos capacita a ficar firmes contra a ira de Satanás

Mesmo os que foram criados na fé cristã, muitas vezes não conseguem captar o significado do sangue de Cristo, a base para nosso perdão e vitória. Ao final de um dia difícil, de fracasso e pecado, somos tentados a ir a Deus e confessar que não esperamos ser as nossas orações respondidas, porque falhamos miseravelmente. Por outro lado, quando temos um dia de vitória e nosso relaciona-

mento com Deus parece estar em ordem, pensamos que certamente o Senhor irá nos ouvir.

Em ambos os casos, estamos errados. Quer nosso dia tenha sido bom ou mau, a base para nos aproximarmos de Deus é sempre a mesma, ou seja, o sangue de Cristo. E quer nossa culpa seja objetiva (a culpa que aparece diante de Deus) ou subjetiva (o sentimento de culpa que temos dentro da nossa consciência), o remédio é sempre o mesmo: o sangue de Cristo.

Quando Moisés estava no Egito, as casas dos israelitas foram poupadas por causa do sangue nas portas. Não importava se a família que estava lá dentro tivera um bom ou um mau dia; não importava se tinham tido vitória na luta contra o pecado, embora isso fosse importante. O que importava era o sangue. Porque Deus tinha dito: "Vendo o sangue, passarei por cima de vós" (Êx 12.13).

Segundo, eles venceram Satanás "por causa da palavra do testemunho" (Ap 12.11). A proclamação do Evangelho, a convicção de que Cristo morreu por nós e temos experimentado sua vitória – é isso que nos capacita a ficar firmes contra a ira de Satanás. Isso, afinal, é a única esperança para nosso país e nossa cultura.

Terceiro, o dom do martírio também é o que impediu Satanás de conquistar a vitória. João escreveu: "E mesmo em face da morte, não amaram a própria vida" (v. 11). Esses crentes morrerão sob o domínio do Império Romano revivido, como os cristãos primitivos faleceram sob o domínio dos imperadores. Em ambos os casos, o martírio deles enquadra-se na vontade de Deus. As forças satânicas podem instigar *destruir*, mas o Senhor usa *permitir*. Assim como era a vontade de Deus que Cristo morresse nas mãos de homens malignos, da mesma forma seus seguidores morrem dentro do mesmo plano, cuida-

doso e providencial. Mesmo nessa situação, o diabo continua servo de Deus.

Lutero escreveu:

Deixe os bens e a família irem,
e também essa vida mortal;
O corpo eles podem matar:
A verdade de Deus ainda subsiste,
Seu reino dura para sempre.

A morte não pode intimidar os que seguem o Príncipe da Vida.

Os dias de fascinação da serpente, contudo, vão durar pouco. Deus não permitirá que essa liderança falsificada prossiga sem contestação, por uma boa razão: O Pai não tolerará por longo tempo que um homem receba a adoração que pertence ao seu Filho. O tolo otimismo sobre a habilidade do homem para governar o mundo está para acabar. Os dias de Satanás estão contados.

O epílogo já está muito próximo.

12

A serpente em eterna humilhação

Podemos apenas especular sobre o que teria acontecido, se o lago de fogo fosse mostrado a Lúcifer antes de ele decidir se rebelar. Se ele ao menos tivesse crido que Deus sempre sabe melhor das coisas, sua trágica história teria sido diferente. Agora, contudo, séculos de sádica rebelião jamais irão compensar uma hora que seja no lago de fogo. E a chama nunca se extinguirá.

No Antigo Testamento, Deus predisse repetidamente a vinda de um reino, no qual a justiça prevaleceria. Ele falou sobre um dia em que os homens abaixariam suas armas e viveriam juntos, em paz e tranqüilidade: “Estes converterão as suas espadas em arados e suas lanças em podadeiras. Não levantará a espada nação contra nação, nem aprenderão mais a guerra” (Is 2.4). É desnecessário dizer que tal tranqüilidade política nunca aconteceu na história. Esse será o reino governado por Cristo.

Satanás tem tentado muitas vezes introduzir um reino na Terra, sob seu patrocínio pessoal. O Império Romano, com suas vastas redes de exércitos sanguinários, estradas e leis, foi a primeira tentativa clara de unificar o mundo e governar por meio de uma liderança central. Satanás, contudo, descobriu que não pode controlar os seres humanos a seu bel-prazer; não pode estabelecer na Terra um reino que seja ao mesmo tempo organizado e unificado. Esse império, depois de algum tempo, desintegrou-se por causa de suas brutalidades e facções. O egoísmo do homem frustra qualquer tentativa de trabalho em equipe.

Construído sobre as ruínas da queda de Roma, veio o assim chamado Santo Império Romano, uma união profana entre os poderes político e religioso da Europa. Com a chegada de Napoleão, esse império, que há muito tempo já estava fragmentado, deixou de existir. Novamente, embora muitos dos sonhos de Satanás com um sistema político ligado com uma religião falsificada tenham sido realizados, no final, foram também destruídos. Esse foi o fim do que ficou conhecido como o *Primeiro Reich* (governo).

Então o estado germânico da Prússia cresceu em poder e, sob a liderança de Bismark, reergueu-se das ruínas deixadas após as guerras napoleônicas. Um novo império, com um novo César (Kaiser) foi estabelecido, com a intenção expressa de unificar a Europa e realizar o sonho de um império revivido. Essa grande tentativa, contudo, fracassou quando a Alemanha foi derrotada na Primeira Guerra Mundial. Assim, acabou o *Segundo Reich*.

Satanás fará mais uma grande tentativa de governar o mundo

Em novembro de 1918, quando um jovem soldado soube que a Alemanha fora derrotada, chorou pela primeira vez desde a morte de sua mãe. Foi nessa ocasião que teve uma experiência mística, ao desejar tornar-se *um* com o mundo; ele escreveu que sentiu naquele momento seu chamado para a política. Ele havia testemunhado o final do *Segundo Reich*, mas sonhava em fazer outra grande tentativa, a partir de suas ruínas.

E foi assim que Hitler inaugurou seu *Terceiro Reich*, a terceira tentativa de unificar o mundo sob uma única liderança. Ele se vangloriava que esse Reich duraria mil anos. Como nós sabemos, entretanto, esse império durou apenas vinte anos e seis meses. Incitar as nações à unidade e dominação mundial é algo muito importante para Satanás!

O mundo nunca foi unificado, muito menos é capaz de estabelecer um único poder mundial. O pensamento de um mundo unido é absurdo, devido aos problemas de fome e guerra. Para que houvesse uma economia efetiva e estável, dizem que o mundo deveria estar ansioso para se unir em uma única família de nações.

A Bíblia ensina que Satanás fará mais uma grande tentativa para governar o mundo – e finalmente terá sucesso. No tempo em que o Anticristo aparecer, o mundo estará pronto para tentar novamente realizar o sonho que tem sido acalentado desde os dias de Babilônia, quando todo o povo escolheu permanecer junto, unidos

pela torre cujo topo deveria "atingir o céu" (Gn 11.4). Com os avanços tecnológicos e por meio da facilidade de comunicação que temos hoje, a idéia de um mundo unificado pode parecer bem possível.

Satanás será expulso do Céu no início da Grande Tribulação. Isso, porém, não o impedirá de estabelecer sua rede global. Na verdade, será sua fúria por saber que seu tempo é curto que o motivará a tentar uma última e ousada jogada. Ele irá rivalizar Cristo no governo do mundo. Esse será o *Quarto Reich*.

Nem tudo estará bem no seu império. Primeiro, porque os santos de Deus farão oposição a ele. Segundo, os governantes do mundo tomarão providências para proteger seus próprios interesses egoístas. A frágil unidade mundial começará a rachar. E, mais importante, o ódio contra os judeus será tão intenso e crescente, que a região do Oriente Médio se tornará um barril de pólvora militar, extremamente volátil. E isso provará ser sua ruína.

Esse conflito, conhecido como Batalha do Armagedom, será o pior da história humana. Apesar de começar no Vale de Megido, ele rapidamente se espalhará por toda a terra de Israel e Oriente Médio. Cristo falou sobre aqueles dias: "Pois haverá então grande aflição, como nunca houve desde o princípio do mundo até agora, nem haverá jamais" (Mt 24.21). A depravação total da humanidade será novamente provada.

Dessa vez, o conflito entre Jesus e o diabo não acontecerá nas colinas da Judéia, mas no monte das Oliveiras. Satanás não confrontará um Cristo enfraquecido pela fome, mas o Filho de Deus, glorificado, que virá preparado para a batalha. O governante legítimo está a caminho e Satanás sabe disso.

O RETORNO GLORIOSO DE CRISTO

Os exércitos da Terra se reunirão então em Israel, na batalha pela cidade de Jerusalém. Então Cristo voltará. Zacarias escreveu:

“Eu ajuntarei todas as nações para a peleja contra Jerusalém; a cidade será tomada, as casas serão saqueadas, e as mulheres forçadas. Metade da cidade irá para o exílio, mas o restante do povo não será expulso da cidade. Então o Senhor sairá, e pelejará contra estas nações, como pelejou no dia da batalha. Naquele dia estarão os seus pés sobre o monte das Oliveiras, que está de frente de Jerusalém para o oriente; o monte das Oliveiras será fendido pelo meio, para o oriente e para o ocidente, e haverá um vale muito grande; metade do monte se apartará para o norte, e a outra metade para o sul” (Zc 14.2-4).

Os geólogos confirmam que existe uma falha geológica no monte das Oliveiras, que se estende até o mar Morto. Quando Cristo colocar seus pés sobre o monte, ele se dividirá de leste para oeste. As nações em guerra então pararão de lutar contra Israel e se voltarão contra Cristo. Então Satanás terá uma oportunidade final de derrubar Cristo de seu trono e atirar sua coroa ao chão; contudo, como o diabo tem descoberto repetidamente, o conflito será apenas uma pantomina.

João descreve dessa maneira:

“Vi o céu aberto, e apareceu um cavalo branco. O seu cavaleiro chama-se Fiel e Verdadeiro, e julga e peleja com justiça. Os seus olhos eram como chama de fogo, e sobre a sua cabeça havia muitos diademas. Ele tinha um nome escrito, que ninguém sabia senão ele mesmo. Estava vestido com um manto salpicado de sangue, e o nome pelo qual se chama é o Verbo de Deus. Se-

guiam-no os exércitos que estão no céu, em cavalos brancos, e vestidos de linho fino, branco e puro. Da sua boca saía uma espada afiada, para ferir com ela as nações. Ele as regerá com vara de ferro. Ele mesmo é o que pisa o lagar do vinho do furor da ira do Deus Todo-poderoso. No manto sobre a sua coxa tem escrito o nome: Rei dos reis e Senhor dos Senhores. Então vi um anjo em pé no sol, o qual clamou com grande voz a todas as aves que voavam pelo meio do céu: Vinde, e juntai-vos para a ceia do grande Deus, para comerdes carnes de reis, carnes de poderosos, carnes de cavalos e seus cavaleiros, carnes de todos os homens, livres, e escravos, pequenos e grandes. E vi a besta, e os reis da terra, e os seus exércitos reunidos, para guerrearem contra aquele que estava montado no cavalo, e o seu exército. E a besta foi presa, e com ela o falso profeta que diante dela fizera os sinais com que enganou os que receberam o sinal da besta, e os que adoraram a sua imagem. Estes dois foram lançados vivos no lago de fogo que arde com enxofre. Os demais foram mortos pela espada que saía da boca do cavaleiro, e todas as aves se fartaram das suas carnes” (Ap 19.11-21).

Quem são os que o acompanharão “com vestiduras de linho fino, branco e puro” (v.14)? Não são anjos, mas os santos que acabaram de participar da ceia das Bodas do Cordeiro (vv. 7-9). Desde que há evidências de que os crentes os quais estão presentemente na Terra serão arrebataados antes desses eventos incríveis, eles também farão parte desse grupo.

Você vai perder o fôlego ao ler isso: *Nós seguiremos a Cristo para conquistar as nações da terra na batalha final da história!* Estaremos com Ele no monte das Oliveiras e marcharemos com Ele para a vitória. Os que nunca tiveram o privilégio de visitar a terra de Israel nessa

vida, farão o grande passeio no término da Grande Tribulação. Cristo em pessoa liderará seu povo na vitória.

Quanto à besta e ao falso profeta, os dois serão “lançados vivos dentro do lago de fogo que arde com enxofre” (v. 20). Satanás terá o mesmo destino, mas não naquele momento. Ele será preso antes de se juntar aos que controlou e enganou com tamanha crueldade. O reino desse século está prestes a sucumbir e Deus ainda necessita dele para cumprir o último propósito. O fato dele ser poupado do lago de fogo por mil anos não torna seu futuro incerto, pois a história bíblica marcha com uma certeza incrível.

A SERPENTE NO REINO

Quando Cristo confrontou o gadareno que vivia nos sepulcros, os espíritos imundos imploraram que Ele não os mandasse para o abismo; eles tinham medo de ser atormentados antes do tempo (Mt 8.29; Lc 8.31). Cristo concedeu o pedido e permitiu que entrassem na manada de porcos, que imediatamente correu para a água e todos os porcos se afogaram.

Os demônios, contudo, só conseguiram adiar – não cancelar – sua condenação. Quando o reino estiver estabelecido nas mãos do seu legítimo rei, Satanás e os que lhe pertencem serão confinados por mil anos no abismo que tanto temeram. Nós lemos:

“Então vi descer do céu um anjo que tinha a chave do abismo e uma grande cadeia na mão. Ele prendeu o dragão, a antiga serpente, que é o diabo e Satanás, e o amarrou por mil anos. Lançou-o no abismo e ali o encerrou, e selou sobre ele, para que não enganasse mais as nações, até que os mil anos se completassem. Depois disto é necessário que seja solto, por um pouco de tempo” (Ap 20.1-3).

Por que Satanás e seus demônios serão presos? Uma vez mais, Deus demonstrará a falência da natureza humana. Embora não seja permitido a Satanás enganar as nações durante o reinado de Cristo, elas continuam a se desviar, devido à impiedade inerente da natureza pecaminosa. Assim, depois de mil anos, quando Satanás for solto, ele ainda encontrará pessoas dispostas a unirem-se a ele num ataque final contra Deus. "Quando se completarem os mil anos, Satanás será solto de sua prisão, e sairá a enganar as nações que estão nos quatro cantos da terra, Gogue e Magogue, a fim de ajuntá-las para a batalha" (20.7,8). Ninguém sabe que nações são essas; o que parece claro é que não são aqueles Gogue e Magogue mencionados em Ezequiel 38. Aqui se trata de um tempo e um local diferentes.

Sabemos, no entanto, que essas nações agora se reúnem ao redor da Nova Jerusalém, para uma tentativa desesperada e inútil de destronar Cristo: "Subiram sobre a largura da terra, e cercaram o arraial dos santos e a cidade querida. Mas desceu fogo do céu, e os consumiu" (20.9). Esse, então, é o último lampejo de esperança para Satanás; se ele acha que ainda pode prevalecer contra Deus, é só porque começou a acreditar em suas próprias mentiras. Esse é o último conflito direto no qual ele participará. O lago de fogo está logo adiante.

O esquema profético que esbocei é conhecido como *prémilenismo*, a crença de que Cristo reinará aqui na Terra, cuja capital será a Nova Jerusalém. Essa interpretação torna as profecias do Antigo Testamento mais literais do que as outras do reino milenar.

É pensamento de muitos que nós, os cristãos, já estamos trabalhando em prol do estabelecimento do Milênio aqui na Terra; Cristo então retornará para recompensar nossos esforços. Cristãos que deveriam ter mais

conhecimento ensinam o que os teólogos chamam de *pós-milenismo*, ou seja, acreditam que vamos iniciar o reino milenar e então Cristo voltará para dar o desfecho na história humana. Essa visão otimista tem sido desacreditada, mas ainda há quem a defenda em nossos dias. Felizmente, o número deles é bem pequeno.

Existe muito mais gente que acredita já estarmos na época do Milênio. Dizem que a vinda de Cristo não será voltada para o estabelecimento do reino, porque este é representado pela própria Igreja. Essa visão é conhecida como *amilenismo*, ou seja, acredita-se que não haverá um reino vindouro. Todas as promessas feitas a Israel com respeito ao reino são condicionais, ou já estão em processo de cumprimento pela Igreja. Esse ensino teve defensores capazes, durante toda a história cristã.

Obviamente, esse não é lugar para se resolver essa disputa. Esses diferentes pontos de vista, contudo, têm implicações práticas: se a Igreja representa o reino, já estamos no Milênio e isso significa que Satanás já está preso. Sua atividade não seria limitada, mas totalmente inexistente na Terra. Estar preso no abismo significa que não está livre para vir à Terra.

Jay Adams, cujos livros sobre aconselhamento têm sido de grande ajuda para muitos, crê que agora mesmo estamos no tempo do reino milenar e Satanás já está preso. Essa redução, ou restrição, segundo ele, “envolveu a cessação virtual de tais atividades (possessão demoníaca) por suas forças demoníacas. Isso justifica a rara incidência, se não a total ausência de possessão demoníaca em nossos dias”.¹

É claro que discordo fortemente desse ponto de vista. Existem, em minha opinião, poderosas razões bíblicas para crer que essa não é a época do Milênio. Muito menos devíamos supor que existe pouca ou nenhuma pos-

sessão demoníaca hoje. Se já estivéssemos na época do Milênio, a ação de Satanás não seria apenas "reduzida", mas teria cessado completamente. Se já estivéssemos no Milênio, não teríamos contato com o leão que ruga e que anda em derredor "buscando alguém para devorar" (1 Pe 5.8). O ensino do Novo Testamento sobre nosso conflito com o diabo poderia ser convenientemente deixado de lado e apagado.

A evidência de que Cristo ainda governará essa Terra é convincente. Certamente Davi entendeu a predição de Natã de que ele teria um filho, o qual algum dia governaria sobre seu reino, ou seja, o governo de Israel (2 Sm 7.8-17). E o anjo Gabriel disse a Maria a respeito do que seria seu filho: "Deus, o Senhor, lhe dará o trono de Davi, seu pai; ele reinará para sempre sobre a casa de Jacó, e o seu reinado não terá fim" (Lc 1.32,33). É certo que Maria ou qualquer outro seu contemporâneo acreditou que esse reinado não seria no Céu. O reino de Davi seria aqui na Terra.

Existe, contudo, outra razão pela qual creio que Cristo reinará aqui na Terra: Ele deve provar que é capaz de fazer o que Satanás não pôde realizar. Essa terra contaminada, que se tornou a principal esfera das atividades do diabo por milênios, deverá ser o exato lugar onde o próprio Cristo governará em glória e triunfo. *Cristo, que desferiu o golpe fatal em Satanás, governará no território dele.*

Se o diabo é o diabo de Deus, então o Inferno é o Inferno de Deus

Se a primeira consequência da queda de Satanás foi sua proibição de habitar no Céu, então a segunda será a de morar na Terra. Por mil anos será permitido às na-

ções seguirem seu próprio caminho, sem a direção ou influência satânica.

O remorso de Satanás será então ampliado. Milton captou esse senso desesperador de permanente isolamento de Deus: "Qualquer caminho que sigo é Inferno; eu próprio sou o Inferno". Aquele que sempre carregou consigo seu próprio inferno, agora está prestes a ser lançado em um tipo diferente de inferno. Agora ele deve desistir do controle de todos os seres que sempre influenciou. Seu poder se foi, assim como a insolência, as maquinações e a atitude desafiadora. Despojado de tudo que antes achava que possuía, agora ele é forçado a habitar em trevas eternas.

O LAGO DE FOGO

Agora estamos prontos para o estágio final da destruição de Satanás: "E o diabo, que os enganava, foi lançado no lago do fogo e enxofre, onde estão a besta e o falso profeta. De dia e de noite serão atormentados para todo o sempre" (Ap 20.10). Pelo menos ele terá a companhia dos seus correligionários no tormento eterno. Não há dúvida de que ele descobrirá que o castigo é ainda pior do que imaginara.

O que podemos dizer sobre o estado eterno de Satanás no lago de fogo?

1. *Esse lugar foi criado por Deus para os que foram condenados a habitar ali.* Cristo falou que o Todo-Poderoso dirá aos perversos: "Apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno, preparado para o diabo e seus anjos" (Mt 25.41).

Deus preparou dois destinos eternos. Cristo disse aos discípulos: "Vou preparar-vos lugar" (Jo 14.2). Portanto,

o Céu já está preparado para receber os que estarão para sempre com Jesus. O lago de fogo também já está preparado. Embora ainda não haja alguém no Inferno (os descrentes mortos vão para o Hades), Cristo dá a entender que de qualquer forma o lago de fogo já está preparado. Embora vazio, ele já foi concluído, a fim de aguardar a chegada de seus ocupantes.

Podemos dizer ousadamente que o lago de fogo não só é uma parte adicional da criação, mas na verdade é um lugar específico, criado por uma razão exclusiva. E o Criador governa sobre tudo o que criou. Nem mesmo aqui Deus abandona seu governo soberano. Se o diabo é o diabo de Deus, então o inferno é o inferno de Deus.

Deus – e não o diabo – governa no Inferno. Ele é o Criador e não dará nenhuma parte do seu reino a ninguém. O Inferno não é o fruto de uma imaginação fértil, nem tampouco o local onde Satanás terá seu reino. Deus está no Céu e, porque é Onipresente, está também no Inferno. Mesmo ali, interpretando-se apropriadamente, sua vontade é que prevalece.

Considere isso: o Inferno é o lugar do castigo para a rebelião das criaturas de Deus. Como veremos, contudo, esse juízo é meticulosamente distribuído, debaixo da supervisão atenta de Deus. As penas devem ser justas, concisas e proporcionais à ofensa. O Todo-Poderoso jamais delegaria a delicada tarefa de fazer justiça a outrem.

2. *O Inferno é um lugar de tormento.* A impressão que freqüentemente era transmitida no folclore medieval é que o Inferno é o domínio do diabo; temos a idéia de que ali ele governa, dá ordens aos demônios e atormenta à vontade as pessoas. Dante, conforme já vimos, pintou um quadro do Inferno com os demônios atormentando os que chegavam ao seu destino. Pensava-se que seu

tridente era um tipo de instrumento de tortura medieval. Tudo isso, é claro, é baseado em mitologia, não na Bíblia.

Devemos olhar cuidadosamente para esse texto. Nós lemos: “E serão atormentados de dia e de noite pelos séculos dos séculos” (v. 10). Não é o lugar onde Satanás atormenta os outros, mas onde ele mesmo é atormentado. Ele não é o atormentador, mas o atormentado. Certamente ele não está numa posição de causar problemas aos outros, pois ele mesmo será atormentado pelos muitos erros que já cometeu.

A situação da serpente no Inferno é ainda mais crítica do que a das outras criaturas! Os que cometeram grandes pecados receberão uma punição grandiosa. Ninguém pecou com mais consciência do que Lúcifer. Portanto, seu castigo está de acordo com sua rebelião. Fique certo de que não haverá *rei* no Inferno!

J. Marcellus Kik sugere, talvez muito acertadamente:

“Que recepção o diabo receberá por parte daqueles que ele tem enganado! Que maldições, que vitupérios, que abusos, que insultos serão lançados sobre sua cabeça! Ele será cercado por um mar de maldições. Suas narinas não deixarão de sentir o odor fétido dos vitupérios. Isso será parte do seu tormento, dia e noite. Ele será odiado, desprezado e rejeitado por toda a eternidade”.²

Sim, certamente é verdade que Satanás jamais cantará. Ele somente lamentará. A lembrança do coro celeste somente aumentará o tormento do seu próprio arrependimento. E não haverá saída.

3. *O Inferno terá muitos ocupantes.* Quando o diabo for lançado no Inferno, lá já se encontrarão o Anticristo e o Falso Profeta (Ap 20.10). Eles já estarão lá desde a vol-

ta de Cristo, que, por esse tempo, terá acontecido mil anos antes. Nós já escrevemos sobre o destino deles: "Mas a besta foi aprisionada, e com ela o falso profeta que, com os sinais feitos diante dela, seduziu aqueles que receberam a marca da besta, e eram adoradores da sua imagem. Os dois foram lançados vivos dentro do lago do fogo que arde com enxofre" (Ap 19.20). Até onde sabemos, os dois serão os primeiros ocupantes do Inferno. Não há dúvida de que os outros anjos caídos estarão juntos com seu mestre, Apoliom.

O Inferno, contudo, tem também ocupantes humanos. Os que, por vontade própria (livre-arbítrio), não foram preservados da ira de Deus por Cristo, enfrentarão seu próprio destino. Imediatamente após a chegada do diabo no lago de fogo, lemos sobre o juízo de todos os ímpios. Eles serão julgados segundo suas obras:

"Então vi um grande trono branco, e o que estava assentado sobre ele. Da presença dele fugiram a terra e o céu, e não se achou lugar para eles. E vi os mortos, grandes e pequenos, que estavam diante do trono, e abriram-se livros. Abriu-se outro livro, que é o da vida. Os mortos foram julgados pelas coisas que estavam escritas nos livros, segundo suas obras. O mar entregou os mortos que nele havia, e a morte e o além deram os mortos que neles havia, e foram julgados cada um segundo as suas obras. Então a morte e o inferno foram lançados no lago de fogo. Esta é a segunda morte. E, todo aquele que não foi achado inscrito no livro da vida, foi lançado no lago do fogo" (Ap 20.11-15).

O Hades, a atual residência dos ímpios que morreram, será também lançado no lago do fogo. Juntamente com Satanás e seus demônios estarão os outros milhões de pessoas que serão julgados com base no que fizeram ou

deixaram de fazer. Seu sofrimento jamais apagará os pecados que cometeram; por isso prosseguirá eternamente.

4. *O Inferno é eterno.* Embora muitos insistam em afirmar que o Inferno é um lugar de aniquilação, essa idéia simplesmente não faz justiça aos textos bíblicos. A Bíblia nos diz que eles “serão atormentados de dia e de noite pelos séculos dos séculos” (Ap 20.10). Incessante falta de descanso; incessante falta de esperança; incessante remorso.

Alguns estudiosos tomam as palavras de Cristo em Mateus 10:28: “Temei antes aquele que pode fazer perecer no inferno tanto a alma como o corpo”, para dizer que as almas serão destruídas (aniquiladas) pelas chamas do Inferno. A palavra *destruição* neste texto não significa aniquilação; existe uma destruição eterna, um tormento consciente, que jamais termina. As almas no Inferno não serão destruídas, no sentido de serem aniquiladas; serão destruídas no sentido de que serão atormentadas sem esperança de recuperação futura ou realização.

Cristo ensinou que o Inferno é tão eterno quanto o Céu: “E irão estes para o castigo eterno, porém os justos para a vida eterna” (Mt 25.46). Se acreditamos que experimentaremos a vida eterna, precisamos crer que outros irão sofrer a punição eterna. Saibamos, no entanto, que após a morte não estaremos livres para escolher o que desejamos, de acordo com nossas preferências. A escolha deve ser feita hoje, já, agora.

5. *O Inferno é justo.* Para nós, humanamente falando, a punição eterna é desproporcional à ofensa cometida. Parece que Deus é cruel, injusto, sádico e vingativo. O propósito da punição, dizem, é sempre redentor. O objetivo de todas as sentenças de prisão é a reabilitação. O conceito de um lugar onde haverá punição eterna, sem

qualquer possibilidade de liberdade condicional ou revisão da pena parece injusto.

Precisamos nos lembrar, entretanto, que todos os seres serão julgados de acordo com o seu conhecimento. Daqueles a quem mais tem sido dado, mais será requerido. É desnecessário dizer que a serpente não pode alegar ignorância. Sua decisão foi tomada com o conhecimento dos fatos diante dela. É claro que ela não conhecia todas as coisas, pois o conhecimento pleno pertence somente a Deus, mas ela conhecia o suficiente para ser severamente punida por sua insensatez.

Deus julga com o pleno conhecimento dos fatos. Nenhuma motivação pode ser mal interpretada; nenhuma circunstância atenuante será ignorada. Diferente de um tribunal humano, que pode passar por cima de detalhes ou interpretá-los erroneamente, o conhecimento de Deus abrange tanto aquilo que aconteceu no mundo, como o que teria acontecido sob diferentes circunstâncias.

Satanás e aqueles que se unirão a ele no lago de fogo são eternamente culpados. Nenhum sofrimento que as criaturas sofram poderá anular a afronta feita ao Criador. Se o sofrimento pudesse apagar o pecado mais insignificante, então os que estivessem no inferno finalmente seriam libertados quando o débito estivesse pago, mas todo o sofrimento das criaturas não será suficiente para cancelar um único pecado.

Sir Francis Newport, que ridicularizou o Cristianismo, é citado como autor dessas terríveis palavras em seu leito de morte:

"Oh, se eu tivesse de permanecer mil anos no fogo que nunca se apaga, para comprar o favor de Deus e estar unido novamente com Ele! Esse, contudo, é um desejo infrutífero. Milhões e mi-

lhões de anos não me trarão mais perto do final do meu tormento, do que uma simples hora. Oh, eternidade, eternidade! Para sempre e sempre! Oh, as insuportáveis dores do inferno!”³

6. *Não podemos compreender a seriedade do pecado.* Temos de confessar que não sabemos quanta punição é suficiente para Satanás, que tem a maior responsabilidade, ou para o homem, que tem a menor. O famoso Jonathan Edwards disse que a razão pela qual achamos que o Inferno seja tão ofensivo é devido à nossa insensibilidade para com o pecado.

Como seria se, do ponto de vista de Deus, a gravidade do pecado fosse determinada pela honra daquele contra quem ele fosse cometido? A culpa do pecado seria infinita, porque essa transgressão seria a violação do caráter de um Ser infinito. E assim, Deus julgaria que esses pecados infinitos mereciam uma punição infinita.

Como seres humanos, somos agradecidos porque não temos de carregar nossos pecados. Um Ser infinito veio e pagou um preço infinito, para que fôssemos redimidos: “Àquele que nos ama, e em seu sangue nos lavou dos nossos pecados, e nos fez reino, sacerdotes para o seu Deus e Pai, a ele a glória e o poder para todo o sempre. Amém” (Ap 1.5,6).

UM OLHAR PARA TRÁS

A jogada cósmica falhou. Aquele que não podia ser servo voluntário do Criador agora é prisioneiro involuntário do Todo-Poderoso. Aquele que desejava andar orgulhosamente pelo mundo agora está confinado aos limites do Inferno. Aquele que desejava dominar os outros, agora descobre que não pode governar nem a si mesmo.

O lançamento da serpente no lago de fogo fica como um testemunho final do fato de que nenhuma criatura que luta contra o Criador poderá vencer. Nenhum desejo que se levanta contra a vontade de Deus jamais encontrará realização e liberdade permanentes. O Todo-Poderoso tem provado que somente Ele governa e que não há outro além dele.

O diabo governa hoje, mas somente por decreto divino. Ele nos tenta, mas somente na medida em que Deus lhe permite. Ele destrói, mas somente onde o Todo-Poderoso aprova tal destruição. Ele se ergue orgulhoso, mas somente até onde o Senhor lhe permite. Ele não deseja encarar a realidade de sua iminente humilhação e vergonha eterna. Ele já sabe o que outros talvez não compreendam: sua presente batalha é apenas uma pantomina no cenário cósmico. O resultado final é certo e inevitável.

Enquanto isso, Satanás existe como instrumento da justiça de Deus para os desobedientes e um meio que o Todo-Poderoso usa para purificar os obedientes. Nossa luta contra ele nos ensina sobre a natureza do pecado, a santidade de Deus e nossa própria falta de esperança, se nos apartamos da Graça. A queda de Lúcifer propiciou ao nosso Pai celestial uma oportunidade de demonstrar misericórdia sem limite para conosco. Aquele que governa todas as coisas pelo conselho de sua própria vontade tem triunfado e nós somos participantes de sua vitória.

E você, meu amigo, também pode participar dessa vitória, se transferir sua confiança para Cristo, e reconhecer que não tem esperança fora de sua graça. Somente a fé pessoal em Cristo pode nos livrar da ira vindoura; somente os que têm fé no "sangue do Cordeiro" podem vencer a fúria do diabo. E eles não de vencer.

“Ó profundidade das riquezas, tanto da sabedoria como da ciência de Deus! Quão insondáveis são os seus juízos, e quão inescrutáveis são os seus caminhos! Quem compreendeu a mente do Senhor? Ou quem foi o seu conselheiro? Ou quem lhe deu primeiro a ele, para que lhe seja recompensado? Porque dele e por ele e para ele são todas as coisas. Glória, pois, a ele eternamente. Amém” (Rm 11.33-36).

Soli Deo Gloria (Glória somente a Deus).

Notas

Capítulo 1

1. William Gurnall, *The Christian in Complete Armour: Daily Readings in Spiritual Warfare* (O Cristão em Armadura Completa: Leituras Diárias sobre a Batalha Espiritual), ed. James S. Bell (Chicago: Moody, 1995).
2. Kenneth L Woodward, "Do We Need Satan?" (Será que Precisamos de Satanás?) - Revista *Newsweek*, 13 November 1995.
3. *Idem*.
4. *Idem*, 67
5. *Idem*, 64
6. Gerald McGraw, "Is Your Devil Too Big?" (Seu Diabo é Grande Demais?) *Alliance Life*, 27 February 1991.

Capítulo 3

1. Donald Grey Barnhouse, *The Invisible War* (A Guerra Invisível), Grand Rapids: Zondervan, 1965.
2. *Idem*.

Capítulo 4

1. Marilyn Ferguson, *The Aquarian Conspiracy* (A Conspiração de Aquário), Los Angeles: Jeremy P. Tarcher, 1980
2. Annette Hollander, *How To Help Your Child Have a Spiritual Life* (Como Ajudar seu Filho a Ter uma Vida Espiritual), New York: A & W, 1980
3. C. S. Lewis, *Cartas do Inferno*, p. 55.
4. Nikos Kazantzakis, *The Last Temptation of Christ* (A Última Tentação de Cristo), citado em AFA Journal, July 1988
5. Allan Watts, *Beat Zen, Square Zen and Zen* (O Zen Budismo), San Francisco: City Lights, 1959

Capítulo 6

1. Frederick S. Leahy, *Satan Cast Out* (Satanás É Expulso), Carlisle, Pa: Banner of Truth, 1975

Capítulo 11

1. H. G. Wells, citado por Constance Cumbey, *The Hidden Dangers of the Rainbow* (Os Perigos Ocultos do Arco-Íris), Lafayette, La.: Huntington House, 1983
2. *Idem*.

Capítulo 12

1. Jay Adams, *The Big Umbrella and Other Essays and Addresses* (O Grande Guarda-Chuva), Presb. & Reformed, 1973
2. J. Marcellus Kik, citado em *Satanás É Expulso* por Leahy, Carlisle, Pa.: Banner of Truth, 1975
3. Sir Francis Newport, *Knight's Master Book of New Illustrations* (O Livro - Mestre das Novas Ilustrações do Cavaleiro), Grand Rapids: Eerdmans, 1956